



BARBARA

CARTLAND

Amor perfeito

Romances
com
coração





Amor Perfeito

"The Perfection Of Love"

Barbara Cartland



Que adiantaria lady Dárcia bela, jovem e rica, se estava predestinada a nunca ser feliz? Havia um estigma em sua vida! Um segredo de família que a fizera abandonar o convento e viver com nome falso, fingindo ser uma mulher sem classe, uma mulher destinada a ser apenas uma companhia agradável aos homens. O sofrimento de Dárcia aumentou quando o conde Kirkhampton, o homem a quem ela adorava, convidou-a para morar numa casa perto do seu castelo... não como esposa, apenas como amante!

DIGITALIZAÇÃO E REVISÃO: ARTEMIS

FORMATAÇÃO: ALE M.



Este Livro faz parte do **Projeto_Romances,
sem fins lucrativos e de fãs para fãs. A
comercialização deste produto é
estritamente proibida.**

Amor perfeito

Volume 44

CAPÍTULO I

1882

- Foi-me comunicado, Dárcia, que sua tia deseja que você a visite amanhã em Paris.

- Sim, madre.

- Sabe muito bem que não concordo com a ida de minhas alunas a Paris, pois, na minha opinião, nada têm a fazer lá...

- Sim, madre.

- Parece-me que você poderia perfeitamente ter dado esta explicação a sua tia. Ela poderia muito bem vir visitá-la aqui no convento.

- Talvez, madre, ela achasse a viagem um tanto cansativa...

Fez-se silêncio e a madre contemplou a jovem sentada diante dela.

Não havia a menor dúvida de que Dárcia, desde que fora entregue à sua responsabilidade, tinha se transformado em uma linda criatura.

Talvez fosse isso que a levasse a hesitar, e muito, apesar de não saber exatamente por quê, em permitir que Dárcia, mesmo acompanhada, se retirasse da calma atmosfera do convento e viajasse a Paris, considerada em toda a Europa como “a cidade mais alegre do mundo”.

A reverenda madre tinha de reconhecer que, sob todos os aspectos, Dárcia tinha se revelado uma aluna modelo.

Estudava muito e não havia nenhuma outra aluna na escola que tivesse alcançado notas tão boas. Apesar de ser a única menina inglesa, era muito apreciada pelas demais alunas de outras nacionalidades e, sem sombra de dúvida, tornara-se a preferida das professoras.

Pensou que os cabelos de Dárcia, com reflexos avermelhados, e seus olhos, de um estranho tom de verde, eram únicos, mesmo entre as centenas de meninas que haviam passado por suas mãos.

Gostava do modo como Dárcia se portava, esperando uma resposta a seu pedido, sem demonstrar a menor impaciência com a demora, apesar de não ter recebido recusa ou aceitação.

A reverenda madre finalmente tomou uma resolução.

- Muito bem, Dárcia. Pode ir a Paris, e como sua tia diz que mandou alguém acompanhá-la, isso facilita minha tarefa, pois não precisarei enviar alguém eu tome conta de você. Diga, porém, à sua tia, que não fiquei inteiramente satisfeita com essa história.

- Sem dúvida, madre, e muito obrigada por permitir que aceite o convite de minha tia.

Somente após fechar a porta do escritório Dárcia deu um salto de alegria e saiu correndo para a sala de aula, que no momento estava vazia.

Abriu a carteira, tirou uma pasta de couro, na qual havia papel de carta, e começou a escrever.

A reverenda madre teria ficado extremamente surpreendida, se pudesse ler o que Dárcia havia escrito.

Meu querido:

Mal posso esperar até o dia de amanhã, e estarei com você o mais rapidamente possível.

Meu amor e mil beijos.

Dárcia.

Fechou o envelope e foi até o vestíbulo, onde uma freira tomou a carta e entregou-a a um criado, que esperava fora.

Em seguida Dárcia subiu para seu quarto, decidindo que roupa usaria no dia seguinte, quando visitaria Paris pela primeira vez em dois anos.

A carruagem que foi buscar Dárcia logo cedo, no dia seguinte, era extremamente confortável, mas sem nada de notável, pois não havia brasões pintados nos painéis das portas e os arreios de prata dos cavalos não mostravam nenhum emblema.

Havia um cocheiro e um laçao na boléia, e o acompanhante, que esperava respeitosamente na porta do convento. Era um senhor de meia-idade e cabelos brancos. Inclinou-se respeitosamente quando Dárcia surgiu.

Ela fez um gesto com a cabeça, mas não disse nada, enquanto subia na carruagem.

O senhor sentou-se de costas para os cavalos e, enquanto a carruagem se afastava, Dárcia acenou para a freira, antes que ela fechasse a porta do convento.

Somente então ela sentiu-se à vontade e perguntou ao homem sentado diante dela:

- Como é que você vai, Briggs?

- Muito melhor depois que a vi, srta. Dárcia! Cresceu e mudou tanto nestes dois últimos anos que duvido que o patrão a reconheça.

- Estou com tanta vontade de vê-lo! Estes dois últimos anos longe dele demoraram muito a passar.

- Achei que ia sentir-se assim, srta. Dárcia, mas o patrão resolveu que deveria receber uma boa educação.

- Pois olhe: estou tão repleta de conhecimentos que de vez em quando tenha a impressão de que vou explodir!

Ambos riram.

- Como está papai?

- Muito bem, mas nem preciso lhe dizer, srta. Dárcia, que não pára de trabalhar um minuto.

- E como poderia ser diferente? Seria muito estranho que isto acontecesse.

- Concordo.

- Onde estão hospedados? Pensei que nossa casa em Paris estivesse fechada.

- Nós a abrimos, para que o patrão possa encontra-la. Estava para lhe dizer que ninguém deve vê-la ou saber que o está visitando. Isto é muito importante.

Dárcia pareceu ficar surpreendida, mas, antes que pudesse falar, o sr. Briggs prosseguiu:

- O patrão disse-me que lhe desse este véu. A senhorita deve coloca-lo sobre seu chapéu, quando descer da carruagem e entrar em casa. Não quer que os criados fiquem sabendo de onde veio, e o cocheiro jurou que guardaria segredo. Ele trabalha para nós há muitos

anos e acho que será discreto.

- Isto é tudo bem do feitio do papai, mas por que? Por que tanto segredo e a necessidade de eu me tronar invisível?

- Não exagere, senhorita. Não pense que é muito atrevimento de minha parte, mas tornou-se tão bela que o patrão vai ter uma grande surpresa.

- Pois espero que sim! Desde criança sei que papai só gosta de mulheres bonitas. Costumava rezar toda noite para ser suficientemente bela quando crescesse, de modo a agrada-lo.

- Pois suas preces foram ouvidas, srta. Dárcia.

- Obrigada, Briggs, é exatamente o que eu queria ouvir.

Dárcia falou a verdade ao dizer que o seu pai sempre havia apreciado mulheres bonitas. Elas gostavam dele e, melhor dizendo, amavam-no.

O único problema é que elas iam e vinham com fantástica rapidez. Mal se acostumava com uma criatura fascinante, entregue a um relacionamento muito íntimo com seu pai, e o lugar dela logo era ocupado por outra mulher.

Relembrando o que tinha acontecido, sentia dificuldade em recordar seus nomes ou diferenciar seus traços.

Uma coisa que tinham em comum era o fato de fazerem o possível para mimar a única filha do belo e inconstante lorde Rowley, pois queriam cair nas boas graças de seu amante.

Curiosamente, isto não afetou o caráter de Dárcia.

Mesmo quando ainda muito jovem, percebeu que tudo o que aquelas criaturas lhe diziam era insincero e que o afeto que demonstravam era apenas algo destinado a impressionar seu pai.

Conseguia compreender os sentimentos daquelas criaturas, pois para ela não havia ninguém mais atraente e fascinante do que aquele homem, que seus contemporâneos descreviam como o maior conquistador de seu tempo.

Quando ficou mais velha, Dárcia compreendeu, com uma inteligência que estava muito acima dos seus anos, que seu pai tinha

nascido na época errada.

Na época do rei George teria estado em seu elemento, pois era um período de grande depravação e ele teria sido o líder daqueles elementos que rodeavam o “Príncipe do Prazer”, como era denominado o príncipe regente, que mais tarde subiu ao trono sob o nome de George IV.

Na era respeitável e convencional, que marcou o reinado da rainha Vitória, lorde Rowley era considerado um excêntrico, que levava muito longe suas aventuras, tornando-se em breve a ovelha negra de uma sociedade hipócrita.

Não ser jamais descoberto, tal era a palavra de ordem daqueles que se entregavam a suas inclinações sem merecer a censura da rainha.

Isso significava empregar uma certa cautela, mas lorde Rowley nunca tinha sabido o que isto queria dizer. Enfrentava todas as convenções, até que a Inglaterra se tornou um país por demais incômodo para ele. Mudou-se para o estrangeiro, levando em sua companhia uma das damas de honra da rainha, a qual acreditava tolamente que mais valia um grande amor do que uma posição na sociedade.

O escândalo provocado por este caso levou lorde Rowley a sentir que devia tomar uma atitude em relação à sua filha.

Um mês antes de fazer dezesseis anos, Dárcia foi enviada para o Convento do Sacré Coeur, depois que seu pai realizou uma seleção exaustiva. Com efeito, não queria uma escola onde houvesse outras meninas inglesas e, além disto, desejava um lugar onde o padrão de educação fosse excepcionalmente alto.

Dárcia não se rebelou contra a sua decisão, pois sabia que de nada adiantaria, mas ficou um tanto surpreendida quando ele lhe comunicou que ela tinha sido admitida na escola sob o nome de “Dárcia Rowel”.

Antes que ela o questionasse, seu pai disse, com um brilho malicioso no olhar:

- Em primeiro lugar, se soubessem quem era seu pai, duvido que a aceitariam. Em segundo lugar, de agora em diante, você tem que ser

você mesma e não deve contaminar-se devido a sua ligação comigo.

- Não estou contaminada, papai, e sinto um grande orgulho de ser sua filha. Nenhuma outra garota poderia ter um pai tão divertido e original e que encarasse a vida de modo tão agradável.

- Tudo isso não teria importância se você fosse um rapaz, mas é uma garota, meu bem, e aliás muito bonita. É por isso que preciso dar-lhe a oportunidade de ser você mesma, e este é o primeiro passo. Quando for mais velha, explicarei melhor as dificuldades que encontrará, mas, no momento, quero que se torne não só mais bela, como também mais inteligente. A maior parte das mulheres são umas tolas. É por isso que um homem se aborrece tão facilmente com elas, após certo tempo.

- Pensei que Dolores, não consigo lembrar de seu sobrenome, que estava conosco há oito meses, tivesse mais miolo do que as outras.

- Ela possuía uma outra deficiência, mas não devo discutir esse assunto com você.

- Por que não, papai?

- Porque você é minha filha e uma moça séria. Vou manda-la para a escola durante dois anos.

Dárcia deu um grito de horror e ele acrescentou:

- Não admito discutir o assunto. Estou fazendo isso para o seu próprio bem e só Deus sabe, o quanto sentirei a sua falta! Sei, porém, que estou agindo corretamente.

Depois disto não havia como contraria-lo. Apesar de ser tão jovem, Dárcia compreendia perfeitamente o que ele queria dela e resolveu satisfaze-lo.

A maioria das mulheres que havia passado pela vida de seu pai tinha sido bem nascida e, se havia outras que não o eram ele jamais as trouxera em casa.

Vinham de boas famílias, e muitas eram casadas com homens de grande importância na sociedade, mas tinham perdido a cabeça, enamorando-se e comportando-se com insensatez e imprudência.

Deixando de lado este fator, essas mulheres eram muito finas. Ela sabia que seu pai jamais toleraria maus modos ou qualquer coisa que

considerasse fora dos limites da boa educação.

No convento, Dárcia descobriu que receberia outras lições, que seu pai com certeza aprovaria.

As garotas não somente tinham professores de dança e equitação, mas também, caso o desejassem, podiam tomar aulas de esgrima, apesar de poucas se aventurarem.

A madre superiora não aceitou muito bem a idéia, mas teve que desistir diante da pressão de algumas famílias italianas, que acreditavam que a esgrima proporcionava a mesma sutileza e a mesma rapidez de reações observadas nos rapazes.

Além disso, Dárcia tornou-se ótima aluna de piano, canto e, é claro pintura. Aplicava-se aos estudos com grande concentração, pois sabia que era exatamente aquilo que seu pai desejava e estava decidida a agrada-lo.

Lorde Rowley podia ser um homem dado aos prazeres, mas era também uma pessoa extremamente inteligente.

Falava pelo menos cinco línguas com perfeição, e formara-se pela Universidade de Oxford, apesar de nunca ter tempo para trabalhar... Além disso, sabia como ninguém julgar as mulheres e era um grande entendido em cavalos de corrida.

Disputou e ganhou todos os páreos e seu estilo de montar tornou-o favorito do público. Graças a isso, recebia mais aclamações do público do que qualquer outro membro da nobreza, em todas as corridas de que participava.

Promoveu sua imagem pública, enfrentando mais uma vez a desaprovação da rainha, ao adotar a cor amarela, aplicando-a a quase tudo que possuía.

As carruagens de seu castelo, as charretes, os coches e todas as demais viaturas eram pintadas de amarelo, e ele nunca era visto sem uma flor amarela na lapela.

As multidões chamavam-no Rowley, o “Boa-Vida” e o amavam.

Seus amigos pediam-lhe dinheiro emprestado, desculpavam seu comportamento chocante e lhe eram profundamente leais, até que a

onde de desaprovação tornou impossível tal dedicação.

Somente as mulheres de lorde Rowley não o abandonaram, amando-o desesperadamente, até mesmo depois que ele se livrava delas.

Enquanto a carruagem em que Dárcia viajava se aproximava de Paris, a jovem descobriu que seu coração batia com apreensão. Depois de tomar tanto cuidado com sua aparência, era muito possível que seu pai se mostrasse desapontado com ela.

Tinha treinado todos os gestos e movimentos, tentando ser tão graciosa quanto uma bailarina.

Não tinha esquecido de que seu pai dissera certa vez, em relação a uma mulher que o perseguia:

- Aquela criatura tem uma voz horrorosa! As mulheres deveriam falar como rouxinóis, se acaso quisessem que se prestasse atenção nelas.

Dárcia fizera questão de tomar aulas em alemão, além de aprender francês, espanhol e italiano.

Agora falava muito bem todas aquelas línguas e ficava preocupada em saber se seu inglês continuava a ser tão bom como outrora.

No momento em que a carruagem atravessava o Bois de Bolougne, quis olhar pela janela, mas lembrou-se das recomendações de seu pai e controlou-se.

Enquanto entravam nas ruas largas, onde havia casas e palacetes muito elegantes, o sr, Briggs, sem dizer sequer uma palavra, estendeu-lhe o véu.

Era o tipo de véu que seu pai lhe mandaria, nem escuro, nem feio, mas macio e delicado como uma teia de aranha. Sua cor era azul e era todo pontilhado de pequeninos pontos azul-escuros, que ajudavam a completar o disfarce.

Colocou-o sobre o chapéu e ele lhe caiu até os ombros, tornando-a uma figura intrigante.

Usava um vestido elegante demais para se apresentar com ele no convento. Modelava-lhe muito bem o corpo e valorizava sua cintura

delgada, de tal modo que, se a madre superiora a visse, certamente não haveria de gostar nem um pouco...

Dárcia tinham visto aquele vestido em uma revista francesa, convencendo uma de suas amigas a encomenda-lo quando fosse para casa, durante as férias..

- Este costureiro é muito caro – avisou a amiga.

- Não tem importância. Preciso de um vestido que não me faça passar vergonha, caso receba um convite para visitar meus parentes.

- Acaso vai chegar alguém? Eles nunca vêm aqui, Dárcia, e você nunca vai passar as férias em casa.

- Meus parentes moram na Inglaterra, e querem que eu termine os estudos antes de voltar a morar com eles.

Havia outras garotas na mesma situação. Uma delas era grega e a outra vinha de Teerã, no Irã.

Assim sendo, Dárcia não ficava sozinha durante as férias, mas ficava contente quando as outras meninas voltavam e a rotina da escola reiniciava.

A carruagem parou diante de um palacete imponente e Dárcia viu vários criados a sua espera.

Havia um tapete vermelho sobre os degraus e, ao entrar na casa, que não via há quatro ou cinco anos, sentiu de maneira muito forte a presença de seu pai. Sabia que o palacete não podia pertencer a mais ninguém, mesmo se não esperasse encontra-lo por lá.

Os quadros e o magnífico mobiliário enfeitavam todas as casas que ele possuía, bem como os arranjos de flores que decorava o vestíbulo e perfumavam o salão, no qual ela entrou.

No momento, Dárcia não estava preocupada com nada, a não ser com o homem que se encontrava do outro lado do aposento.

Levantando o véu com um grito de alegria, saiu correndo em direção a ele.

- Papai! Oh, papai, que maravilha vê-lo!

Era difícil falar, mas mesmo assim vibrava de alegria, enquanto as

palavras escapavam de sua boca.

Lorde Rowley tomou-a nos braços e beijou-a no rosto, antes de dizer:

- Há quanto tempo, meu anjo! Deixe-me olha-la!

Afastou-a, e Dárcia, como que envergonhada com aquele exame, desatou os laços do chapéu e jogou-o sobre uma cadeira, antes de voltar a aproximar-se de seu pai, beijando-o.

- Você está linda e muito parecida com sua mãe, quando a vi pela primeira vez! Era mais clara do que você, porém ambas têm os mesmos traços. Sempre achei que quando crescesse seria uma formosa mulher. Vejo que apostei no cavalo certo...

- Oh, papai, que coisa fantástica tornar a ouvir sua voz e apreciar esse jeito engraçado que você tem de falar! Acontece que não sou um cavalo, mas uma mulher. Posso voltar a morar com você?

Era a pergunta que desejava fazer o tempo todo, desde o momento em que recebera a carta, juntamente com aquela dirigida à madre superiora, dizendo que sua “tia” queria vê-la.

Percebeu imediatamente de quem era, não somente porque não tinha nenhuma tia que se interessasse por ela, mas também porque em um dos cantos do papel havia o sinal secreto sobre o qual se tinham posto de acordo há dois anos.

No caso de seu pai, era um pequenino “R”, e Dárcia decidiu usar como sinal um coraçãozinho.

- É exatamente sobre esse assunto, a questão da moradia, que vim conversar com você aqui em Paris. Mas primeiro fale-me a seu respeito.

- Sabe que não tenho nada para contar, papai. Escrevi tudo o que me passou pela cabeça naquelas cartas tão aborrecidas que enviava semanalmente para meu “tio Rudolph”, mandando-as para o escritório do seu procurador, em Londres.

- Reconheço que eram bem pouco interessantes, a não ser aquelas que você mandava às escondidas...

- Só conseguia fazê-lo quando uma das garotas, em que eu tivesse confiança, saía com seus pais ou ia passar as férias em casa. Caso

contrário, as freiras liam nossas cartas, querendo saber se eram bem escritas ou se não estávamos ns queixando do colégio.

- E você tinha queixas?

- Não. É o tipo de escola que você com toda a certeza aprovará! Somos levadas a trabalhar, e nossas almas imortais são fonte constante de preocupação.

Lorde Rowles pôs-se a rir, e nesse momento um criado entrou no salão, carregando uma garrafa de champanhe.

- Acho que devemos fazer um brinde ao nosso encontro, mesmo que ele seja breve!

- Como assim, papai?

Lorde Rowley esperou o criado retirar-se e declarou:

- Vim da cidade de Tanger, no Marrocos, especialmente para tomar providências em relação ao seu futuro.

- Então está morando lá?

- Passei todo inverno em Tanger, mas agora está ficando quente e penso em ir para a Grécia.

- Oh, papai, deixe-me ir com você! Já tive algumas aulas de grego e esta viagem seria muito importante para minha educação!

- No que diz respeito aos livros, sua educação já deveria estar completa, a esta altura dos acontecimentos.

- Pois então deixe-me ir pelo fato de querer estar em sua companhia. Eu o amo, papai, e vivo contanto os meses, dias e segundos, até estarmos novamente juntos.

Havia, no olhar de lorde Rowley, uma suavidade que poucas mulheres apresentavam. Aos cinquenta anos, aparentava dez anos menos e era um belo homem, mas não era somente isso que o tornava tão atraente.

Havia em seu olhar um brilho malicioso, seus lábios zombeteiros apresentavam sempre uma expressão irônica e sua atitude displicente e descuidada em relação à vida era uma das marcas mais fortes de sua personalidade.

Tomou um gole de champanhe, antes de dizer:

- Não quero deixa-la aborrecida, meu bem, mais meus planos são muito diferentes dos seus. Talvez ache difícil acreditar, mas estou pensando em você e não em mim.

- Está querendo dizer que não me quer, papai? Já tenho quase dezoito anos e não posso mais ficar na escola.

- Sei disso muito bem. Gostaria que ficasse em minha companhia, aliás muito mais do que imagina, mas, no momento, tenho de pensar em você.

- Pensar em mim significa deixar-me ser feliz e você sabe muito bem que não irei interferir na sua vida. Tenho certeza de que nunca o atrapalhei, no passado.

- Você então era uma criança. Agora preste atenção, Dárcia, pois é importante.

Sentou-se a seu lado e Dárcia percebeu que ele escolhia cuidadosamente as palavras.

- Amava sua mãe como nunca amei ninguém em toda a minha vida. Não era somente a criatura mais bela que conheci, como também a mais inteligente. Se ela tivesse vivido, Rowley o Boa-Vida, jamais teria existido. Morreu, porém, e nunca permiti que ninguém mais tomasse o seu lugar.

- Foi por isso que nunca mais voltou a se casar, papai?

- Sim, e também pelo fato de que nunca mais encontrei alguém como sua mãe, com exceção de você.

- Fico contente por ser parecida com ela.

- Porque você se assemelha a ela e também porque a amo, quero lhe proporcionar o futuro que ela gostaria que você tivesse.

- Mamãe o amava e, assim sendo, gostaria que eu ficasse em sua companhia...

seu pai sacudiu a cabeça e ela sentiu um início de desânimo. A caminho de Paris, tinha sentido que aquele era o início da vida que desejava, cheia de colorido e excitação, riso e alegria, a mesma que seu pai havia lhe proporcionado quando criança.

- Tomei uma providencia para que você não tenha nenhuma ligação comigo. Terá uma nova identidade e abrirá seu caminho no mundo a que pertence, sem ser prejudicada pelo fato de ser minha filha.

- Mas não considero isso um prejuízo!

- Meu bem, não sou nenhum tolo. Sei exatamente o que as pessoas pensam a meu respeito. Isto me diverte e juro que não me incomodo nem um pouco. Sei também que este fato poderia liquidar com todas as suas oportunidades e magoa-la muitíssimo. É um pensamento que não consigo suportar.

- Pois então, tire isso da cabeça. Não ficarei magoada, papai. Sei o que as pessoas disseram ao seu respeito, mas acho que na verdade elas se sentem invejosas, pois você faz tudo aquilo que sente vontade de fazer. Sei que seus amigos serão bondosos para comigo, da mesma forma que o eram na minha infância.

- Sim, meus amigos se comportarão com correção, mas, devido a você ser minha filha, as portas das casas para as quais desejo que você seja convidada ser-lhe-ão fechadas.

- Elas não são importantes.

- São as casas nas quais sua mãe foi aceita e lhe pertencem por direito, contanto que seu nome não seja ligado ao de Rowley, o Boa-Vida. Como você sabe, os pecados dos pais recaem sobre seus descendentes até a terceira e a quarta geração.

Ele se exprimia com seriedade e Dárcia resolveu não contesta-lo mais. Simplesmente perguntou:

- O que quer que eu faça, papai?

- Há muito tempo venho planejando seu futuro. Quando deixar a escola, dentro de três semanas, virá conhecer a marquesa de Beaulac em sua casa, aqui em Paris.

- Quem é ela?

Ficou muito pálida, pois o que seu pai acabara de dizer causara-lhe um choque.

- A marquesa de Beaulac é alguém em quem você poderá confiar. Será a única pessoa a ter conhecimento de sua verdadeira identidade,

no novo tipo de vida que você vai levar. É minha amiga há muitos anos e viúva do antigo embaixador da França na corte da Inglaterra. Conhece todas as pessoas importantes em Londres e não conheço ninguém melhor para introduzi-la como debutante na sociedade inglesa.

- E a marquesa com certeza possui alguma razão para aceitar esta tarefa, não é mesmo? – indagou Dárcia, com uma ponta de malícia.

- Não tenho necessidade de dizer-lhe que o falecido embaixador era um homem muito gastador...

- Achei que a explicação ia ser mesmo essa. Continue, papai.

- Há tempos venho pensando como você poderá parecer importante sem usa seu próprio título, especialmente porque desejo que seja apresentada à sociedade na Inglaterra.

- O que foi que resolveu?

- Há um ano surgiu a oportunidade de comprar, na costa ocidental da França, uma pequena ilha, pertencente a um francês que se encontrava em dificuldades. No mapa, a ilha parece a cabeça de um alfinete, mas o proprietário do lugar, que, aliás, chama-se ilha de Sauze, recebeu o título de conde de Sauze, que foi dado ao proprietário anterior pelo Sacro Império Romano, há quinhentos anos. Você, portanto, será a condessa de Sauze, e asseguro que não haverá nenhum problema. O conde, que tinha mais de setenta anos quando o conheci, morreu há dois anos, sem deixar descendentes ou parentes.

- O que foi muito conveniente para você, papai – disse Dárcia com certa dose de ironia.

- Sempre tive muita sorte...

- Quer dizer que de agora em diante serei francesa!

- Só em parte. Para o mundo seu pai era meio francês, sua mãe inglesa, e providenciei uma respeitável árvore genealógica, provando que os Grayson, uma família que deixou de existir na metade deste século, têm suas origens no reinado de Carlos II.

- Oh, papai, você é incorrigível! Como pôde pensar em algo tão fantástico, tão completamente inacreditável?

- Ao contrário, acho que tudo será muito simples. Tentei contornar

todas as falhas e examinei todos os furos de meu plano. Juro-lhe que e preciso um mágico para conseguir esclarecer este mistério!

- Pois acho tudo isso ridículo e ao mesmo tempo fico comovida, muito comovida, papai, ao saber que pensa em mim. O problema é que não sinto a menor vontade de ser apresentada à sociedade, de fazer reverências à rainha e de freqüentar aquilo que se convencionou denominar a nata da sociedade, conforme você está planejando. Quero simplesmente ficar a seu lado. Não consigo imaginar nada de mais maravilhoso do que ouvi-lo dizer: “Estou saturado deste lugar! Amanhã cedo vamos nos mudar!” Aí todo mundo começa a fazer as malas, sem saber qual o destino: uma caravana atravessando o Saara ou uma gôndola, nos canais de Veneza!

- Pare de me tentar! Como todas as mulheres, só deseja aquilo que está fora do seu alcance! Não, meu bem. Um dia, apesar de pensar o contrário no momento, você me agradecerá, pois reconheço que pela primeira vez estou me comportando como um verdadeiro pai.

- Você não está me protegendo, mas me tornando muito infeliz! Oh, papai, passamos juntos momentos tão divertidos e eu o amo tanto!

- E é justamente porque eu a amo muito que você fará o que lhe disser!

Faltava, no que ele dizia, uma certa convicção, e Dárcia sentiu que ele estava quase concordando com seus argumentos.

Sempre soubera que conseguia exercer na vida do pai um papel que nenhuma outra mulher poderia preencher, indo diretamente a seu coração, como ninguém mais conseguiria.

Hesitou, sem saber se deveria abraça-lo ou discutir o assunto com lógica e inteligência. Para sua grande surpresa, lorde Rowley a fez levantar-se e levou-a para diante de um enorme espelho com moldura dourada.

Pararam em frente a ele e Dárcia não deixou de reparar o quanto ambos eram atraentes.

Ficava muito pequena ao lado do pai e, no entanto, havia entre os dois uma semelhança inconfundível.

Havia nela mais espiritualidade e algo mais jovem, intocado e

inocente, que certamente não se encontrava no semblante irônico, ainda que belo, de lorde Rowley.

- Olhe-se. Você é linda, Dárcia. Não estou disposto a cometer o crime de deixa-la esbanjar tamanha beleza vivendo o tipo de vida que levo e que seria profundamente errado para você.

- E se eu não pensar assim?

Ele interrompeu-a, colocando os dedos sobre seus lábios.

- Porque você me ama, fará tudo o que eu quiser, e, porque a amo, eu a cortarei de minha vida, pelo menos até o momento em que necessitar de mim por razões muito diversas daquelas que está sugerindo agora.

Dárcia entendeu o que ele queria dizer e suspirou profundamente.

- Eu preciso... realmente... agir assim, papai?

- Sim, pois eu amava a sua mãe, eu a amo e, além disso, apesar de fingirmos o contrário, sabemos muito bem distinguir o bem do mal.

Durante alguns instantes seus olhares se encontraram no espelho diante deles e Dárcia percebeu que estava travando uma batalha silenciosa no interior de si mesma.

Seu pai, como não poderia deixar de ser, acabou ganhando, e ela constatou, com amargura, que deveria render-se.

Nem precisou dizer nada; o pai soube instintivamente que ela havia deposto as armas e que ele era o vencedor. Passou o braço em torno de seus ombros.

- Daqui por diante – disse lorde Rowley, em tom bem diverso -, vamos nos divertir, fazer tudo aquilo que tivermos vontade, sem nos censurarmos, até chegar a hora de você voltar para o convento.

CAPÍTULO II

À medida que o trem parava na Estação Victória, em Londres, Dárcia sabia que sua vida se reiniciava.

A mudança já havia começado em Paris, mas, diante da marquesa, não tinha necessidade de fingir que não era a filha de seu pai ou que ambas embarcavam em uma aventura que só poderia ter sido concebida

por uma mente tão pouco séria quanto a de lorde Rowley.

A marquesa era tudo aquilo que Dárcia esperava.

Tinha sido muito bela na juventude e ainda guardava traços da antiga formosura, apesar dos primeiros cabelos brancos e de algumas rugas em torno de seus olhos negros e expressivos.

Assim que se puseram a conversar, Dárcia percebeu que a marquesa era dona não somente de uma inteligência muito viva, como também de bastante senso de humor.

A caminho de Paris, após deixar o convento, ficou um tanto preocupada, pois era possível que seu pai, mais uma vez, quisesse introduzi-la em um ambiente aborrecido e convencional, parecido com aquele no qual vivera durante dois anos.

Achava que, depois de fazer exatamente o que seu pai esperava dela durante aquele período, tinha o direito de mudar de vida.

Surgiu um brilho malicioso no olhar da marquesa de Beaulac, quando, após conversarem convencionalmente durante alguns minutos, ela perguntou:

- Mas como foi possível seu pai pensar em algo tão divertido e ao mesmo tempo inacreditável?

- Foi exatamente o que eu lhe disse.

- Conheço seu pai há muitos anos e ele sempre foi um excelente amigo de meu marido e... meu...

Havia algo no modo como a marquesa se exprimia que indicava o que ela já tinha adivinhado, isto é, que o relacionamento entre ela e seu pai tinha sido mais do que simples amizade.

- Não é que eu queira seguir as sugestões dele naquilo que lhe diz respeito. Acontece que sua proposta chegou em um momento de minha vida em que me sentia muito triste, muito deprimida, achando que já não havia mais lugar para mim em um mundo no qual exerci um papel muito interessante, ao lado do meu marido.

- Pois então ambas nos beneficiaremos do plano de papai – declarou Dárcia, apreciando o sorriso que iluminou o rosto da marquesa.

Apesar de sentir-se um tanto triste, pois preferia a companhia de

seu pai à de qualquer outra pessoa, mostrou-se entusiasmada ao fazer compras em Paris, sabendo que poderia gastar o quanto quisesse na aquisição de vestidos belos e originais, que atraíam a inveja de outras mulheres.

Na verdade precisava de um guarda-roupa completo, e as compras levaram muito tempo. Todo dia chegavam à casa da marquesa pilhas e pilhas de caixas, cujo conteúdo a tornaria uma das criaturas mais elegantes da cidade.

No entanto, as instruções de lorde Rowley era no sentido de que não ficassem muito tempo em Paris.

- Quero que você chegue a Londres no momento exato, quando as jovens que foram apresentadas à sociedade já não despertarem mais interesse e as pessoas de nosso meio, sempre tão inquietas e aborrecidas, estiverem à procura de um novo assunto para comentar.

- E serei eu este novo assunto?

- Com toda a certeza, meu bem, e, para que isto aconteça, saiba que aluguei a casa mais majestosa do elegante bairro de Park Lane. Comprei-lhe cavalos magníficos, que com toda certeza atrairão os olhares dos homens, caso seu rosto não consiga fazê-lo.

Ele falava como se aquilo fosse improvável, mas Dárcia riu e disse:

- Você vive dizendo que é preciso saber apostar em uma corrida de cavalos, papai...

- No que lhe diz respeito, isto é desnecessário, não preciso lhe dizer que um belo rostinho é um trunfo, mas, ainda assim, é importante possuir algumas outras vantagens.

- E o que mais você planejou para mim?

- Um baile, depois de você ser apresentada à rainha, e as mais rigorosas instruções à sua guardiã, afim de que ela mantenha longe os caçadores de fortuna e os homens como eu, conhecidos por quererem seduzir a primeira mulher que apareça.

- Estou começando a pensar que tudo isso vai lhe custar muito dinheiro e que, por maiores que sejam suas esperanças, permanecerei solteirona.

Para sua grande surpresa, lorde Rowley não sorriu e ficou muito sério, dizendo:

- Sinto ciúme ao pensar que você pertencerá a outro homem, mas sei, meu bem, que precisa de um marido que cuide de sua pessoa.

- Somente se eu o amar!

- O amor pode vir após o casamento.

- Da mesma forma que o tédio, a inimizade e a aversão.

- Neste caso, tome cuidado quando se apaixonar!

- Tomarei, sim. Mas, papai, por maiores vantagens que um casamento possa apresentar, já jurei que só desposarei alguém quando estiver apaixonada.

- Pois, então, só me resta esperar que tenha tanta sorte quanto eu tive.

Sentada no trem que ia de Paris a Calais, Dárcia fez à marquesa uma pergunta que a preocupava há vários dias.

Escolheu o momento com o maior cuidado e esperou até que ela e sua guardiã chegassem a um ponto de amizade e de grande confiança.

- Estou tentando me lembrar das pessoas que conheci outrora em Londres. Tenho certeza de que não se recordarão de mim, mas mesmo assim será interessante notar como mudaram, com a passagem dos anos.

- Seu pai tem absoluta certeza de que nenhum de seus amigos a reconheceria.

- E com toda a razão. Tinha treze anos, da última vez que estive em Londres, e foi somente por alguns dias. Antes disso, passávamos pelo menos parte do ano na mansão dos Rowley e eu adorava ficar por lá.

- Que pena! Dói-me pensar que aquela linda casa está fechada.

- Sinto o mesmo, e talvez um dia, quando os mexericos em torno de papai terminarem e ele estiver se comportando melhor, possa voltar para lá.

- A essa altura seu pai já estará bem velhinho e andando apoiado

em uma bengala!

- É o que receio, mas quero rever meu antigo lar, apesar de saber que isto me tornara infeliz.

- Vai ter muito o que pensar e em que se ocupar, querida, quando chegarmos. Mas você estava falando a respeito das pessoas que conheceu na Inglaterra. Lembra-se de seus nomes?

- Lembro-me de uma festa no campo. Deve ter sido uma corrida de cavalos, pois parece-me que a maior parte dos homens costumava cavalgar com papai.

Enquanto falava, recordava-se de determinada noite de outono.

Aquela época deveria ter uns dez anos de idade e sua governanta a pôs na cama. Não conseguia dormir porque seu pai não tinha vindo lhe dar um beijo e desejar-lhe boa-noite.

Esperou durante algum tempo e, achando que ele a tinha esquecido, decidiu ir a seu encontro.

Levantou-se, enfiou o penhoar de cetim branco e, andando nas pontas dos pés para que ninguém a ouvisse, desceu as escadas, à procura de lorde Rowley.

Assim que chegou ao enorme vestíbulo, percebeu que as senhoras já se haviam retirado da sala de jantar, ouvindo suas vozes, que vinham do salão.

Isso significava que os cavalheiros ainda estavam tomando seu cálice de vinho do Porto. Dárcia percorreu o cumprido corredor que levava à magnífica sala de jantar, cujas paredes estavam cobertas de retratos dos ancestrais da família Rowley.

Abriu a porta da sala e, conforme esperava, notou que todos os convidados tinham saído de seus lugares e estavam sentados perto de seu pai, à cabeceira da mesa.

Riam-se de algo que ele havia acabado de dizer. Lorde Rowley, com um sorriso nos lábios, estava tão bonito e simpático que Dárcia sentiu seu amor por ele crescer.

Entrou na sala e seu pai notou-a.

- Dárcia! – exclamou, surpreendido, e a menina foi atirar-se em

seus braços.

- Você não foi me dar boa-noite, papai, e então eu vim até aqui.

- Pois fiz muito mal, meu bem, e prometo que nunca mais voltará a acontecer.

Sentou-a em seus joelhos e um dos convidados comentou:

- Qualquer que seja a idade das mulheres, Rowley, elas sempre estão a procura de seus beijos...

- Dentro de alguns anos minha não precisará mais procurar meus beijos ou os de qualquer outro homem.

- É verdade. Quem duvida de que ela se tornará uma beldade?

- Ouviu só, Dárcia? Estes cavalheiros estão dizendo que você será linda quando crescer. Lembre-se, porém, de que tais elogios só são feitos quando eles desejam algo em troca.

- Protesto! – exclamou um outro convidado. – Você está tentando transformar esta criança em uma cínica. Deixe-a com suas ilusões, pelo menos até que ela tenha nossa idade.

- Pois acho melhor ela desenvolver sua capacidade de julgamento e aprender a avaliar um homem e um cavalo por aquilo que eles valem de verdade – replicou lorde Rowley.

Dárcia, que estava contemplando a mesa com sua prataria reluzente e os pratos de fina porcelana, prestou muita atenção no último comentário.

- Sam diz que eu entendo muito de cavalos, exatamente como você, papai, mas como quer que eu entenda de homens?

Todos os presentes caíram na risada e Dárcia, sem saber se se divertiam com ela ou com o que acabara de dizer, ficou muito intrigada.

Sentado entre os homens mais velhos, estava um rapaz a quem ela nunca tinha visto antes em companhia de seu pai.

Ficou a imaginar quem seria. Gostou dele, pois em vez de rir, como os demais convidados, ficou a contempla-la com uma expressão bastante séria.

- Agora é hora de ir dormir, meu bem – disse seu pai. – Vou lhe dar

um beijo e, apesar de saber que estes senhores também gostariam de beijá-la, acho melhor você acenar para todos e ir correndo para seu quarto, antes que alguém perceba que você não está lá.

- Bem, então... boa noite para todos!

- Boa noite! – responderam os convidados, e um deles acrescentou:

- Reserve várias danças para mim na noite de seu primeiro baile!

Dárcia achou que o autor do comentário não esperava uma resposta e, olhando para o pai pela última vez, caminhou em direção à porta.

Antes que chegasse até ela, o jovem a quem havia notado na mesa levantou e foi abri-la.

A menina olhou para ele e sorriu.

- Muito obrigada.

- Boa noite e bons sonhos.

No dia seguinte não precisou perguntar quem era o rapaz, apesar de pensar bastante nele.

Ouviu seu pai fazer alguns comentários na cavalaria e quase instintivamente percebeu a quem ele se referia.

- O filho do conde de Kirkhampton monta melhor do que qualquer jovem de sua idade...

Dirigia-se a Sam, que sempre havia tomado conta dos cavalos do pai dela, ensinando-a a montar quando ainda era tão pequenina que mal sabia andar.

- Sim, é o que dizem, milorde, e quando o vi tomando parte de uma corrida, percebi que o que diziam sobre ele não era nenhum exagero.

- Com efeito! Sentiria muito orgulho de ter um filho que saltasse obstáculos com tanto estilo.

Havia um toque de amargura em sua voz e Dárcia percebeu, instintivamente, que, apesar de amá-la, lorde Rowley muitas vezes desejou que ela fosse um rapaz.

- Montarei tão bem, papai, que você também sentirá orgulho de

mim...

Seu pai riu e tomou-a nos braços, acomodando-a na sela do cavalo que ela ia montar.

- Sinto orgulho de tudo o que você faz, e nem eu nem você precisamos ter ciúme ou inveja de quem quer que seja.

A medida que os anos passavam, Dárcia ouvia muitas vezes seu pai e seus amigos referirem-se ao filho do conde de Kirkhampton e seus admiráveis progressos no campo dos esportes.

Ouviu falar dele novamente certa noite em que seu pai dava uma festa em Londres.

Ao perceber o quanto a governanta ficou encabulada, quando perguntou a respeito da festa, notou que se tratava do tipo de reunião que contribuía para dar má reputação a seu pai.

Cresce aprendendo a não fazer perguntas, mas descobrindo o que queria saber ao ouvir por acaso lorde Rowley conversar com seus amigos.

Não foi difícil adivinhar que as mulheres a serem convidadas pertenciam ao meio teatral.

Sabia que as atrizes eram consideradas gente de costumes muito ligeiros, mas, segundo os comentários dos criados, seu pai estava interessado em uma atriz muito conhecida, que atuava naquele momento em um dos grandes teatros de Londres. A festa ia ser dada em sua homenagem.

Gostaria tanto de ver as convidadas!, disse Dárcia a si mesma.

Sabia muito bem que sugerir semelhante idéia a sua governanta significava ser trancada em seu quarto.

Mesmo assim estava resolvida a não ser deixada de fora, pois sabia que seu pai haveria de divertir-se imensamente.

Durante o dia inteiro os preparativos da festa foram realizados no andar térreo. Depois que os teatros fechassem, haveria um jantar, seguido de um baile em um dos grandes salões e jogos em outro.

Dárcia percebeu que as mesas de jogo estavam sendo armadas e montanhas de flores eram trazidas para a casa.

Seu pai amava as flores, e onde quer que ele se encontrasse elas enfeitavam as salas e perfumavam o ar.

Driblando a vigilância da governanta, conseguiu introduzir-se no quarto de lorde Rowley quando ele se vestia para a festa.

Como sempre ele gostou de vê-la, e Dárcia, como sempre, não deixou de achá-lo muito belo, enquanto ele escovava seus cabelos diante do espelho, com duas escovas de cabo de marfim.

- Gostaria tanto de à sua festa hoje à noite, papai!

- Não duvido, meu anjo, mas é o tipo de festa de que você não poderá participar, nem agora nem quando crescer.

- Por que não?

- Por que, meu bem, você é uma menina de boa família.

Dárcia já esperava por esta resposta e fez uma careta.

- Que pena que eu não sou um cavalheiro!

- Pena, mesmo, mas não há nada que se possa fazer a esse respeito. Por mais que eu quisesse sua companhia, é o tipo de festa que não tem absolutamente nada haver com o mundo em que você vive, minha filha.

- E se eu me vestir como um menino, poderei ir?

- Com esses olhos e essa pele, duvido que possa enganar até mesmo a um cego! Na verdade, haverá somente homens de minha idade na festa, com exceção do filho do conde de Kirkhampton.

- Por que o convidou, papai?

- Porque ele correu magnificamente ontem, ganhando um prêmio. Achei que ele merecia divertir-se, após ter treinado tanto, com a finalidade de chegar ao peso exato.

- Você gosta dele, não é mesmo, papai?

- Muito. É um esportista notável, mas leva a vida muito a sério. Talvez consiga diverti-lo um pouco.

- Se gosta tanto dele, eu gostaria de conhecê-lo.

- Haverá muito tempo para isso, quando você crescer mais.

O criado estava à espera, a fim de ajudar lorde Rowley a vestir o casaco, mas, antes, ele tomou a filha nos braços, beijando-a.

- Vá para a cama, meu bem. Dentro de sete anos quero lhe apresentar os cavalheiros mais simpáticos, bonitos e interessantes de todo o reino, a fim de que você os aprove.

- Mas a única coisa que desejo é ficar com você, papai!

- Quando aquele momento chegar, você me achará velho demais.

Quando ele a beijou, Dárcia percebeu que suas palavras haviam agradado a lorde Rowley.

Não conseguia deixar de pensar no rapaz a quem seu pai tanto admirava e decidiu vê-lo novamente. A oportunidade surgiu inesperadamente, quando andava a cavalo no parque, em companhia de Sam.

Lorde Rowley encontrava-se ausente e, em vez de andar a cavalo com ele, como costumava fazer quando estava em Londres, Sam permaneceu a seu lado. Inicialmente galoparam na parte mais popular do parque e, em seguida, dirigiram-se para a região onde o pessoal da alta sociedade costumava passear.

Dárcia sempre ficava deslumbrada, ao contemplar a elegância das senhoras cavalgando cavalos esplêndidos, iguais aos de seu pai, e acompanhadas por cavalheiros que não montavam tão bem quanto lorde Rowley.

Vindo a seu encontro, percebeu alguém que cavalgava muitíssimo bem. O homem parecia fazer parte do cavalo. Possuía uma elegância sem par, que Dárcia não vira em ninguém até então, a não ser em seu pai.

Aproximou-se cada vez mais, e, sem precisar perguntar a Sam de quem se tratava, Dárcia reconheceu o jovem filho do conde de Kirkhaston.

Todas as cabeças se voltaram, quando ele passou. Ele não prestou atenção ao fato, prosseguindo sem sorrir ou sem mesmo tirar o chapéu, e desapareceu à distância.

- Sabe de quem se trata? – disse Dárcia.

- Sim, é o jovem conde de Kirkhampton. Anda comprando muitos cavalos novos, desde que ganhou a competição. Deve ter vindo treinar aqui no parque.

Dárcia não disse nada. Pensava na elegância com que o conde montava e conseguiu entender o desejo de seu pai de que ela tivesse nascido homem.

Voltou finalmente para o presente e fez questão de não falar a respeito dele com a marquesa. Em vez disso, perguntou o que tinha acontecido a uma senhor que costumava freqüentar o palácio dos Rowley.

- Lorde Fitzherbert? Morreu no ano passado. Foi uma tristeza. Meu marido e eu gostávamos muito dele.

- E lorde Farrington? Lembro-me de que era grande amigo de papai.

- Da última vez que estive na Inglaterra soube que tinha ido viver na sua propriedade no campo, pois estava sofrendo de gota. Já tem uma certa idade. Era um dos homens mais brilhantes que freqüentavam nossa embaixada.

- Lembro-me de certo rapaz. Acho que era o conde de Kirkhampton.

Dárcia tentou exprimir-se com o máximo de naturalidade e a marquesa exclamou:

- Ah! Lorde Kirkhampton! Sempre o achei um belíssimo rapaz e houve um ano em que ninguém falava do outro assunto, a não ser das corridas que ele ganhava montando seus próprios cavalos.

- E ele ainda vence corridas?

- Não. Ainda possui cavalos, mas emprega o tempo em coisas bem diferentes.

- O quê, por exemplo?

- Começou a construir uma casa.

- Construir uma casa?

- Sim, o palácio de sua família foi destruído por um incêndio e,

como se encontrava em um lugar muito fora de mão, o conde resolveu construir uma casa nova, em terras que comprou nos arredores de Londres.

- Que coisa estranha...

Dárcia, enquanto falava, pensava que quase todos os amigos de seu pai possuíam casas ancestrais, como o Castelo de Rowley, que tinha pertencido a cinco gerações antes de passar para a propriedade de seu pai.

Concluiu que não havia realmente por que se surpreender.

Numerosas residências muito finas tinham sido construídas no século XVIII.

- Seria interessante saber que tipo de casa o conde construirá – comentou a marquesa. – Quando saí de Londres, ele estava tão preocupado com esse novo interesse que deixou de frequentar festas, e seus amigos queixavam-se de que nunca o viam.

- E onde é a casa que ele está construindo?

- Não muito longe do Castelo do Rowley... Lembro-me de ter ouvido seu pai comentar que um dia poderia ter inveja de um vizinho que tem todas as condições de competir com seus cavalos...

Dárcia não disse nada. Devido ao fato de esse vizinho ser o conde de Kirkhampton, seu pai não se importaria tanto com a competição, ao contrário do que aconteceria se se tratasse de uma outra pessoa.

Por outro lado, ela talvez se sentisse irritada por saber que, toda vez que o conde alcançava sucesso nas pistas, seu pai pudesse voltar a desejar que ela tivesse nascido homem.

Agora tinha descoberto tudo o que queria e resolveu mudar de assunto.

Apesar de não trocar confidências com a marquesa ou com quem quer que fosse, no fundo gostaria de rever aquele jovem, amplamente conhecido por ser tão magnífico cavalheiro.

A casa de Londres era tudo o que Dárcia havia esperado e ainda maior que a de seu pai. Assim que chegaram, a marquesa tomou providências para que recebessem pelo menos uns doze convites por

dia. Quando saiam, os vestidos que Dárcia adquirira em Paris provocavam sensação.

Por ter a marquesa estado em Londres na qualidade de esposa do embaixador da França, gozando de todos os privilégios do corpo diplomático, tinha, mesmo sendo viúva, uma importância grande demais para que as pessoas pudessem ignorá-la.

Acompanhada sempre por aquela jovem, tão notável e bela, e que, ao que se dizia, herdeira de grande fortuna, logo acabou despertando a atenção da alta sociedade.

Todas as senhoras que desejavam garantir o maior sucesso para suas festas sentiram-se na obrigação de convidá-las.

Dárcia viu-se cumprimentada, festejada e perseguida por homens de todas as idades, e, a cada manhã, ao acordar, encontrava o vestíbulo repleto de flores, enviada por seus novos admiradores.

- Você está fazendo grande sucesso, minha querida! – exclamou a marquesa, enquanto lia os cartões.

O secretário fez uma lista, a fim de que Dárcia pudesse enviar cartões de agradecimento, o que contribuiu para aumentar sua reputação, de moça bem-educada.

O secretário fora escolhido por lorde Rowley. Eram alguém, segundo seu pai, em quem ela poderia confiar inteiramente, não só no que dizia respeito às finanças, como também a vários outros assuntos.

- Curtis trabalha para mim há muitos anos – disse lorde Rowley. – Pode dar-lhe qualquer ordem, por mais extraordinária que seja, e ele cumprirá com exatidão. Além do mais, é vivo como ninguém.

- O que quer dizer com isso, papai?

- Se você quiser descobrir o que dizem a seu respeito, se imagina que um homem está sendo atencioso com você unicamente porque se encontra em má situação financeira, Curtis conseguirá descobrir a verdade.

- Um espião, papai?

- Somente quando isso puder lhe trazer benefícios, Dárcia. Além disso, pagará as contas, escreverá as cartas, dirigirá a casa e

providenciará para que você tenha tudo aquilo que desejar.

- Nesse caso é um mago!

Ao chegar a Londres, descobriu que Curtis era um homem tranqüilo e sério, sempre com ar de quem não havia dormido bem. Sua eficiência era estonteante e sua organização, impecável.

A marquesa concordou em lhe entregar toda a administração da casa.

- Possuo a lista de todos os convidados a quem gostaria de convidar, madame – disse Curtis à marquesa. – Claro que poderemos acrescentar outros novos, se a senhora quiser passá-los para mim.

Dárcia examinou rapidamente a lista.

Estava em ordem alfabética e não foi difícil ver que o conde de Kirkhampton não estava incluído nela.

- Penso que todos os nomes da alta sociedade se encontram nesta lista – comentou, sorrindo.

Logo após a marquesa subir para um descanso, Dárcia procurou o sr. Curtis, a fim de falar a sós com ele, na pequena sala que usava como escritório.

Ele se levantou quando ela entrou, e Dárcia notou que havia uma ligeira expressão de surpresa em seus olhos fatigados.

- Sente-se, sr. Curtis. Queria apenas voltar a examinar a lista das pessoas convidadas para meu baile.

O sr. Curtis entregou-lhe a lista e ela sentou-se em uma cadeira, ao lado da escrivaninha.

- Não estou vendo o nome do conde de Kirkhampton.

- Achei que seria inútil convidá-lo, senhorita.

- E por que?

- Porque é fato muito conhecido que o conde não aceita convites para este ano.

- Só porque está construindo uma casa?

- É o que me contaram.

- Fale-me a respeito dele. Era amigo de meu pai e quero saber o que anda fazendo e por quê.

- Gostaria de conferir tudo o que me disseram em relação a ele, antes de informá-la, senhorita.

- Pois gostaria de saber agora mesmo.

Ela se exprimia com certa autoridade, e nesse momento o sr, Curtis achou que ela se parecia com seu pai.

- Muito bem. Disseram-me, mas ainda tenho de verificar o fato, que o conde está construindo uma casa para lady Caroline Blakeley.

- Quer dizer que ele pretende desposá-la?

- Dizem que estão noivos, mas ainda não é oficial.

- Gostaria de ver a casa. Pode providenciar uma carruagem que não chame muito a atenção, a fim de me levar até lá?

O sr. Curtis concordou e ela prosseguiu:

- Pelo que me dizem, não fica muito longe do Castelo de Rowley.

- É verdade, senhorita, e está situada nas proximidades da aldeia de Letty Green.

Durante alguns instantes, Dárcia não disse nada, como se aquilo nada significasse para ela, mas, em seguida, reagiu:

- Letty Green! A srta. Graythorn mora lá, em uma casa que meu pai lhe deu quando ela se aposentou, depois de ser minha professora durante vários anos.

- Isto aconteceu antes de eu vir trabalhar aqui, senhorita, mas amanhã de manhã comunicarei tudo que apurar.

- Sem dúvida – disse Dárcia, retirando-se do escritório.

Naquela noite, após dançar com vários rapazes, considerados os melhores partidos de Londres, surpreendeu-se pensando ainda no conde de Kirkhampton, que preferia construir uma casa a divertir-se.

Parecia-lhe uma estranha ocupação e muito diferente do que esperava. Acharia mais apropriado que passasse o tempo treinando seus cavalos, planejando uma corrida ou preocupado com suas cocheiras.

Ocupar-se em construir uma casa para alguém a quem pretendia desposar era algo totalmente diverso.

Já tinha visto lady Caroline Blakeley.

Tinha certeza de que ela estaria presente em seu baile, pois seria muito concorrido e dado por alguém cujos convites eram tão cotados como os do palácio real.

- Diga-me quem são estas lindas senhoritas! – pediu a seu par, assim que a música parou.

- Aqui não há ninguém que se compare com sua pessoa.

- Obrigada, mas, como sou novata em Londres, acho bastante aborrecido não conseguir ligar os nomes aos rostos que estou vendo hoje à noite.

Seu par sorriu e nomeou todas as belas mulheres presentes ao baile. Como tinha a língua ligeiramente afiada, disse a respeito de cada uma delas algo divertido e ao mesmo tempo maldoso.

- Linda, mas pouco inteligente! Encantadora, mas adora o som de sua própria voz! Bela, mas interessada unicamente na sua própria imagem!

Dárcia ouvia atentamente, até que ele indicou uma loira muito bonita:

- É lady Caroline Blakeley, filha do duque de Hull.

- É uma linda criatura.

- Debaixo dessa aparência, muita coisa se esconde...

Dárcia ficou intrigada, sem saber qual o sentido daquele comentário, mas não perguntou nada.

- E está noiva daquele rapaz simpático com quem dança?

- Não, aquele é lorde Arkleigh. Dizem que lady Caroline tem um... segredo, se essa é a palavra apropriada, com o conde de Kirkhampton.

- E então, por que não anunciam o noivado?

- Ele está construindo uma casa para ela. Pelo visto, anda muito ocupado, levando um tempo enorme para acaba-la.

- Que coisa tão aborrecida... Se eu estivesse apaixonada, não haveria de querer esperar por nada, nem mesmo por um teto cobrindo minha cabeça.

- Se se apaixonar por mim, prometo que iremos morar em uma casa novinha, pronta para ser habitada!

Dárcia riu, mas acabou por achar que aquelas declarações começavam a aborrece-la.

Sentia-se cansada, mas não conseguia dormir. Deitada no escuro, só via a imagem do conde, tal como ele lhe aparecera pela última vez, cavalcando no parque.

Surgiu então um outro rosto, brilhante, pleno e encantos. Era lady Caroline Blakeley, com sua pele muito alva e os olhos esplêndidos e azuis.

Ela é muito bonita, disse Dárcia a si mesma, mas sabia que estava mentindo naquele momento, pois “linda” era a palavra adequada.

No dia seguinte, Dárcia achou impossível fazer qualquer coisa que não se relacionasse com o que a marquesa esperava dela, o mesmo acontecendo nos dois dias que se seguiram.

Então, dois dias antes do baile, a oportunidade que Dárcia tanto esperava finalmente surgiu.

A marquesa enviou-lhe um recado logo de manhã, comunicando que não se sentia muito bem-disposta.

Dárcia dirigiu-se imediatamente ao quarto dela. As janelas estavam fechadas e pairava no ar um odor de água de colônia.

- Sinto muito, querida, mas estou com uma horrível dor de cabeça. Ela me ataca de vez em quando e a única coisa que posso fazer é ficar deitada, até passar.

- Compreendo... Tem certeza de que não há nada que eu possa fazer?

- Nada... – disse a marquesa, em tom de sofrimento.

Pelo visto, ela não sentia a menor vontade de conversar, e Dárcia saiu do quarto.

De volta a seu aposento, escreveu um bilhete para o sr. Curtis e começou a vestir-se às pressas.

Ao descer a escada, encontrou uma carruagem à sua espera, conforme havia ordenado, estacionada diante da porta de entrada. O sr. Curtis trazia na mão um papel, que lhe revelava tudo aquilo que ela desejava saber.

- Não quer realmente que a acompanhe, senhorita?
- Obrigada, sr. Curtis. Vou visitar uma senhora minha amiga que mora no campo. Espero que ela esteja em condições de me ver.
- Também espero, senhorita.
- Por favor, cancele todos os meus compromissos para hoje e pergunte à senhora com quem a marquesa e eu jantaríamos se posso comparecer sozinha à sua casa...

Sem esperar a resposta do sr. Curtis, Dárcia entrou na carruagem e, a medida que ela se afastava, sentiu uma excitação que não experimentara em todas as festas a que comparecera, desde que havia chegado a Londres.

Sabia que não estava muito longe da aldeia de Letty Green, onde morava sua antiga governanta. Esta aposentara-se a nove anos e já tinha uma certa idade. Dárcia lembrava-se de que sua casa era maior do que as outras da aldeia e ficava no meio de um jardim muito bem cuidado.

Quando os cavalos pararam diante da residência da governanta, uma hora depois de deixarem Londres, Dárcia achou que sua memória era muito fiel, a não ser pelo fato de que as plantas do jardim haviam crescido muito.

Desceu da carruagem e bateu à porta toda pintada de branco. Passaram-se alguns minutos, sem que ninguém se manifestasse, e quando se dispunha a bater novamente, a porta se abriu e uma senhora surgiu diante de Dárcia.

- Gostaria, se fosse possível, de ver a srta. Graythorn,
- É impossível, minha senhora – disse a mulher, com forte sotaque do interior.

- Por que?

- Porque ela foi enterrada na semana passada. Estamos sem saber o que fazer com a casa.

Dárcia entrou no pequeno vestíbulo e a mulher fechou a porta, levando-a até a sala de estar.

Era um lugar muito agradável e as janelas davam para o jardim. Dárcia reconheceu imediatamente numerosos objetos que a srta. Graythorn tinha trazido do Castelo de Rowley.

Havia nas paredes aquarelas muito bem emolduradas, que Dárcia fizera quando criança, e ela sentiu-se comovida pelo fato de sua governanta tê-las guardado com tanto carinho.

- Conte-me o que aconteceu.

Teve de ouvir uma longa história. A srta. Graythorn passara por momentos difíceis, com a saúde muito debilitada, sem ninguém para cuidar dela, a não ser a criatura que narrava o que tinha acontecido.

- E ela não tinha parentes? – perguntou Dárcia, quando chegaram ao ponto em que se narrava a morte e o enterro da governanta.

- Que eu saiba, não, e ninguém veio visitá-la nestes últimos anos.

- E ela não deixou instruções?

- É o que gostaria de saber. Aqui está uma carta endereçada à filha de lorde Rowley, a srta. Dárcia Rowley. Disseram-me que ela está fora do país e, assim sendo, não posso enviá-la, não é mesmo?

Ela se exprimia com agressividade, como se receasse ser acusada de não estar cumprindo seu dever.

- Sim, seria realmente difícil, mas como a srta. Dárcia é minha amiga, se me entregar a carta prometo-lhe que ela a receberá.

Esperou enquanto a mulher ia até a escrivaninha, abria a gaveta e retirava o envelope, redigido em uma letra in tanto trêmula.

- Obrigada. Conheço a srta. Dárcia muito bem e sei que ela ficaria contente se eu lhe pagasse por todo o trabalho que teve, desde a morte da srta. Graythorn. Gostaria também de reembolsar as despesas que teve enquanto durou sua doença.

A mulher desmanchou-se em sorrisos.

- É muita bondade de sua parte, minha senhora! Já não sabia mais o que fazer para trazer a casa limpa. O problema é que vou ter de arranjar outro emprego. Tenho que sustentar muita gente...

- Compreendo.

Dárcia abriu a bolsa e retirou três moedas de ouro.

- Acho que isto cobre aquilo que lhe é devido e garantirá seu sustento até eu voltar novamente.

A mulher pegou as moedas com ar espantado, como se não conseguisse acreditar em sua boa fortuna.

- Talvez até eu possa usar a casa até a srta. Dárcia regressar à Inglaterra. Enquanto isso, direi a ela como a senhora está cuidando tão bem de tudo, de tal forma que ela não ficará preocupada.

- Não há necessidade de preocupar-se!

- Como se chama?

- Sra. Cosnett, e meu marido é quem está cuidando do jardim. Vem, religiosamente, duas vezes por semana.

Dárcia deixou algum dinheiro para o sr. Cosnett e pediu para que ela lhe mostrasse o resto da casa.

Cada quarto era tão bem mobiliado quanto a sala de estar. Aquilo tudo era típico da generosidade de seu pai. não somente havia dado um teto para a velha governanta morar, como também decorara sua casa com grande bom gosto. Poucas mulheres na posição dela poderiam esperar tanto.

Os tapetes, muito finos, haviam passado pelo teste dos anos e as cortinas não estavam desbotadas.

As cadeiras, as cômodas, as mesas e o grande relógio do vestíbulo eram suficientemente belos para enfeitar qualquer casa de Londres ou Paris.

- A casa contém coisas realmente muito bonitas e foi uma sorte que a srta. Graythorn pudesse contar com a senhora, a fim de manter tudo em boa ordem.

- Sempre digo a mim mesma que pe de fato uma grande responsabilidade. Ah! Quero lhe mostrar algo, senhorita, e gostaria que falasse a respeito com a srta. Dárcia.

- O que é?

A sra. Cosnett levou-a até o jardim, onde havia um abrigo muito bem construído.

O teto apresentava-se coberto de telhas e em bom estado. Dárcia notou que a porta, a exemplo do resto da casa, tinha sido pintada recentemente.

Não tinha a mínima noção do que havia lá dentro, mas, quando a sra. Cosnett abriu a porta, ela olhou, espantada.

- Estava indo para o Castelo de Rowley há três anos, mas houve um desastre na altura da aldeia e a srta. Graythorn trouxe-o para cá, a fim de que ele ficasse bem guardado. “Aqui ele ficará protegido, sra. Cosnett”, disse-me, “e mandarão busca-lo quando quiserem”. Acontece que não mandaram e aí está ele!

Dárcia contemplou o objeto diante dela, sabendo perfeitamente de que se tratava.

Era o painel que seu pai havia comprado de uma casa em Paris, que outrora pertencera ao duque de Richelieu.

A casa foi demolida e ele adquiriu o painel, enviando-o para a Inglaterra.

- O que vai fazer com ele, papai? – Dárcia havia perguntado ao lorde.

- Custou uma ninharia e recorda o grande cardeal, cuja vida sempre me fascinou.

- Mas o que pretende fazer com um painel francês em uma casa que é essencialmente inglesa?

- Algum dia vai ser útil...

Dárcia agora contemplava o painel e achava-o ainda mais belo do que quando o tinha visto pela primeira vez.

Pareceu-lhe que o destino interferia de maneira um tanto estranha.

Diante de seus olhos encontrava-se um painel que qualquer pessoa que estivesse construindo uma casa adoraria ter.

Aquela peça não era somente bela, como também possuía ligações históricas.

Era como se algo mais forte do que ela começasse a participar do jogo a que se entregava em segredo. Sabia que não iria recusar tal assistência.

- Sra. Cosnett, será que o seu marido poderia fazer a gentileza de transportar o painel para a carruagem? Vejo que ele está trabalhando no jardim e, se for pesado demais, meu criado poderá ajudá-lo.

- Pode deixar que meu marido dará um jeito... – respondeu a sra. Cosnett, indo chamá-lo.

CAPÍTULO III

Os cavalos que puxavam a carruagem na qual Dárcia se encontrava começavam a andar mais lentamente, enquanto subiam uma estrada muito inclinada.

A meio caminho havia uma clareira entre as árvores que ladeavam a estrada e ela viu, pela primeira vez, o castelo que procurava.

Pelo fato de estar sendo construído pelo conde, Dárcia imaginou que fosse algo de chamar a atenção, mas não lhe passou pela cabeça que pudesse assemelhar-se ao que contemplava naquele momento.

Prendeu a respiração, ao ver diante de si uma construção que, à primeira vista, lhe parecia estranhamente familiar.

Achou que correspondia exatamente à casa de seus sonhos, quando era menina, e imaginava como seria o castelo do príncipe encantado.

A carruagem prosseguiu e então ela compreendeu porque havia tido aquela impressão.

Seu pai tinha um gosto refinado e ao mesmo tempo muito atento a tudo que era belo. Fez Dárcia apreciar, desde a mais tenra idade, os diferentes estilos de construção em todos os países que visitavam: as praças de Veneza, os palácios de Roma e, é claro, os castelos da França.

Estes últimos haviam impressionado especialmente lorde Rowley, e agora Dárcia conseguia reconhecer sua arquitetura tão característica, à medida que se aproximava da edificação.

Ficou surpreendida ao constatar que semelhante construção tivesse sido levantada por um inglês e ficou a imaginar se não tinha vindo ao lugar errado.

Percebeu, então, que a residência ainda estava inacabada. Havia pilhas de madeiras e pedras, e pedreiros andavam por todos os lados. Concluiu que aquela era a criação do homem em quem estava interessada.

A carruagem parou e o criado desceu, a fim de abrir a porta, informando:

- O cocheiro receia ir mais adiante, senhorita, pois a estrada está muito esburacada.

- Então esperem aqui.

Foi até a porta da frente e ficou a contemplar o castelo durante alguns momentos, impressionada não somente com suas torres, mas também com as chaminés de forma tão estranha e o belo desenho do telhado.

Reconheceu que aqueles traços haviam sido copiados dos magníficos castelos franceses de Blois e Chambord e pensou, com um sorriso, que o conde parecia decididamente resolvido a combinar as melhores linhas daquela arquitetura na construção.

Intrigada e ao mesmo tempo excitada, subiu vários degraus e entrou pela porta adentro.

Encontrou-se em um vestíbulo de forma oval, com o chão forrado de precioso mármore.

Caminhou para a esquerda, percorrendo uma galeria com janelas que davam para a frente do castelo, até chegar a um aposento quadrado, deparando finalmente com o homem a quem procurava.

Ele estava de lado, examinando uma planta estendida sobre uma mesa, no centro do quarto.

Dárcia não conseguiu deixar de admirar seus traços tão finos e o

corpo atlético e bem-proporcionado.

Ele devia ter sentido sua presença, pois, sem levantar a cabeça, perguntou:

- Quais são suas sugestões para esta sala? Pelo que vejo, não colocou nada na planta.

Dárcia já sabia que resposta dar e pensou que o destino, ou quem sabe a sorte, mais uma vez se manifestava.

Como poderia imaginar, ao deixar Londres, que encontraria o painel do duque de Richelieu em um abrigo na aldeia, ou que este mesmo painel se casaria tão bem com a decoração da casa que o conde construía?

Não disse nada, no entanto, e, após alguns segundos, o conde levantou a cabeça, intrigado com aquele silêncio, e viu-a.

- Achei que fosse meu decorador – declarou, francamente surpreendido.

Dárcia avançou lentamente em direção a ele.

Tinha tomado o maior cuidado, antes de deixar Londres, em não usar um daqueles vestidos vistosos e um tanto extravagantes que comprara em Paris.

Em vez disso, para grande aborrecimento de sua criada, pôs um simples vestido de musselina, semelhante aos que usava quando ainda se encontrava na escola.

Ele a tornava muito bela e, talvez devido à sua grande singeleza, acentuava a formosura de seus cabelos e os olhos enormes e brilhantes.

- Por favor, desculpe-me, milorde, mas trouxe algo comigo que, penso, poderá interessar-lhe...

- As únicas coisas que me interessam no momento dizem respeito à minha casa.

- Achei que iria dizer exatamente isto. Aquilo que tenho a lhe oferecer ficará muito bem no quarto em que nos encontramos agora.

Julgou notar um brilho cético no olhar do conde, como se ele já tivesse sido importunado por gente que desejava vender-lhe o que quer

que fosse, contanto que tivesse um bom lucro.

- Pode ser que já tenha o painel que completaria a decoração deste quarto...

- Painel? A senhorita disse painel?

- Milorde, tenho à venda um painel que se encontrava na residência do duque de Richelieu, em Paris, antes que ela fosse demolida.

- Mas como é possível? – indagou o conde, surpreendido. – Penso que estou sonhando e a senhorita faz parte desse sonho. Estou há mais de uma semana preocupado, sem saber como decorar este quarto. Sei agora que preciso de um painel e deve ser francês!

- Trouxe um pequeno painel em minha carruagem, milorde.

O conde dirigiu-se até a outra porta, do outro lado. Havia alguns pedreiros trabalhando lá, pois Dárcia ouviu-o ordenar:

- Retirem da carruagem um painel e tragam-no até aqui.

Ouviu-se o barulho de passos que se afastavam e o conde voltou-se para ela.

- Deveria convidá-la a sentar-se, mas, como está vendo, no momento não dispomos de cadeiras.

- Posso examinar sua planta? E posso cumprimentá-lo por ter a casa mais bela que vi fora da França?

- Já estive na França?

- Sim, e estudei os castelos de Valais, bem como o grande Castelo de Touraine.

- Então conseguirá reconhecer aqui muitos de seus traços...

- Tinha certeza de que não havia cometido um engano...

- Acho-os maravilhosos. Sabia que no dia em que fosse construir uma casa, incorporaria a ela tudo aquilo que me inspirou lá. Todo mundo me dizia que eu estava cometendo um erro, mas agora seus elogios confirmam que eu estava certo.

- Mas é claro que estava! Acho muito corajoso e original de sua parte fazer exatamente o que deseja, em vez de ser influenciado por outras pessoas.

O conde pareceu ter ficado contente com o que ela disse, mas seus olhos não se despregavam da planta colocada sobre a mesa.

Uma das plantas referia-se ao exterior da casa, e Dárcia notou que ela havia sido seguida em todos os seus detalhes. Uma outra dizia respeito ao interior, e nela estavam escritas sugestões relativas às cores das paredes, além de algumas notas sobre o mobiliário e a decoração.

Viu na planta a sala em que se encontravam, denominada “A sala do Café da Manhã”.

- Quando a senhorita entrou, estava tentando resolver de que cor pintaria esta sala e que quadros seriam mais apropriados. Na verdade estava achando a sala pequena demais para qualquer tipo de quadro e não tinha a menor vontade de deixar as paredes nuas. Nesse momento a senhorita apareceu!

- Tenho certeza de que os painéis se ajustarão perfeitamente à sala. Já que não deseja colocar quadros, com o que, aliás, concordo, penso ser necessário pendurar um belo espelho por cima da lareira. Precisarás também de um grande candelabro de cristal, pendurado no centro da sala.

- Não acredito no que estou ouvindo! A senhorita não somente parece fazer parte de um sonho, mas é também uma feiticeira, capaz de ler meus pensamentos.

Enquanto ele falava, ouviram-se passos no corredor e daí a pouco dois pedreiros, carregando o painel que se encontrava na carruagem de Dárcia, entraram na sala.

Colocaram-no de encontro a uma parede diante da janela e o conde pôde examinar à vontade os belos tons de cor bronze do carvalho sobre o qual os delicados anjos do século XVII tinham sido esculpidos.

Os pedreiros retiraram-se e Dárcia esperou, enquanto o conde contemplava o painel, como se tivesse a impressão de que ele iria desaparecer diante de seus olhos. Então perguntou:

- Seus painéis são suficientes para cobrir as paredes desta sala?
- Sim.
- Nem preciso dizer que acho a solução perfeita! Não consigo

imaginar nada melhor. Os painéis combinam com esta sala e até dão a impressão de que foram feitos especialmente para ela. Desculpe... deve estar me achando muito grosseiro, mas ainda não perguntei seu nome e nem indaguei por que veio me ver. E evidente que, graças a algum processo mágico, deve ter sentido que necessitava de sua presença, mas talvez isto também tenha um nome...

- Chamo-me Dárcia.

- É tudo?

- Tudo o que importa.

- Talvez exista algo misterioso ligado a estes painéis. Mesmo que sejam roubados, contrabandeados ou obtidos de maneira ilegal, ainda assim os quero.

Dárcia riu e o som assemelhava-se ao cantar dos pássaros, quando ecoou na sala vazia.

- Não é nada disso, milorde. Acontece que vim visitá-lo sem que ninguém me acompanhasse e sem que ninguém soubesse de minhas intenções.

- Pois fico-lhe muito grato e garanto-lhe, srta. Dárcia, que guardarei seu segredo e não a trairei.

- Obrigada.

- Com que então o painel é seu?

- Não há a menor duvida a este respeito.

- Então resta apenas perguntar-lhe o preço.

- Quanto ele vale para o senhor?

- Muito mais do que poderia pagar! – replicou o conde, e ambos riram.

- Como tenho outras idéias que poderiam convir muito bem à sua casa, tão bela e cheia de imaginação, não seria muita impertinência de minha parte pedir-lhe que me mostre o resto?

- Nada poderia me dar maior prazer!

Retirou as plantas da mesa e, carregando-as debaixo do braço, conduziu Dárcia através da porta situada no outro lado da sala, que dava

para uma Salete de passagem, após a qual encontrava-se um grande salão, muito bem proporcionado.

- Está será a sala de jantar, e tenho muito interesse em saber como a decoraria.

Dárcia olhou à sua volta e notou uma lareira de pedra, lindamente esculpida, e três janelas que davam para o jardim.

O conde aguardava seu parecer e Dárcia teve a estranha sensação de que ele tinha razão, ao dizer que ela conseguia ler seus pensamentos.

- E então?

- Possui tapeçarias?

- Alguém esteve lhe falando a respeito daquilo que possuo?

- Para ser honesta, devo lhe dizer que desconhecia inteiramente este fato.

- Então, o que sabe a meu respeito?

- Apenas que o palácio de sua família foi incendiado e que estava construindo uma casa nas proximidades de Londres.

- Pois então deixe-me informar que um dos tesouros salvos do incêndio do palácio foi uma preciosa tapeçaria desenhada pelo famoso pintor francês Boucher.

- Ninguém me informou este fato, mas acho que foi por isso que desenhou está sala com tal formato e penso que as tapeçarias ficarão esplêndidas, se colocadas aqui. É claro que com elas terá necessidade de um tapete de Aubusson.

- A senhorita está começando a me deixar assustado! – disse o conde indo adiante.

O próximo aposento seria a sala de visitas e o teto já estava pintado. Dárcia olhou em volta, notando como suas proporções eram perfeitas.

- Mal ousou lhe perguntar, mas que cor escolheria para as paredes?

- Talvez fique chocado ou surpreendido com minha resposta, mas acho que um brocado de seda vermelha seria um fundo perfeito para os

quadros que esta sala pede.

O conde caminhou até a janela e pôs-se a olhar para fora.

- Venha cá.

Dárcia foi para seu lado e ele apontou para a paisagem, que, conforme ela imaginava, era simplesmente magnífica.

Imediatamente ao pé da colina sobre a qual a casa se erguia, estendia-se uma planície ligeiramente ondulada. Banhada pelo sol da primavera, ela parecia tão bela que Dárcia não conseguiu deixar de contemplá-la, sentindo que não havia palavras que pudessem descrever algo tão magnífico.

- Eu ainda era menino quando vi está paisagem pela primeira vez. Estava caçando com meu pai. viemos até aqui, seguindo uma raposa que havia conseguido escapar dos cachorros o dia inteiro. Ficamos durante certo tempo no bosque e eu já começava a sentir frio. Resolvi andar um pouco, a fim de me aquecer. Subitamente, contemplei esta paisagem e naquele momento exato o sol apareceu, iluminando o cenário. Sentia uma voz interior dizendo que um dia voltaria e tudo isto pertenceria a mim.

- Acho que, mesmo que não construísse esta casa, mesmo que vivesse em outro lugar, esta vista ainda seria sua.

Dárcia sabia que ele não havia compreendido e continuou:

- Sempre que vemos algo tão belo quanto isso ou ouvimos uma música que desperta nossa mente e nossos sentidos, tudo se torna parte de nós e é algo que jamais poderemos perder.

- Quem foi que lhe disse isto?

- Cheguei a essa conclusão sozinha, mas tenho certeza de que, mais cedo ou mais tarde, todas as pessoas que refletem acabam por pensar exatamente assim.

O conde estava para dizer algo, mas mudou de idéia. Retirou o relógio da algibeira e disse:

- O tempo passa, srta. Dárcia, e acho que deveríamos discutir nosso negócio e, se isso lhe convier, poderei mandar buscar o resto dos painéis lá onde os guardou.

A mudança de sua voz foi tão brusca e inesperada que Dárcia, por alguns instantes, sentiu-se quase insultada. No mesmo momento compreendeu a atitude do conde. Deixara-o assustado. Ele sentia que, pelo fato de pensarem as mesmas coisas, havia em seu relacionamento algo estranho, que não lhe parecia nem um pouco natural.

Achou melhor responder no mesmo tom profissional com que o conde se dirigira a ela.

- Compreendo, milorde, e acho que não posso mais tomar seu tempo, que é tão valioso. Os outros painéis encontram-se em uma aldeia, a um quilometro daqui, chamada Letty Green. Se mandar alguém retira-los amanhã, providenciarei para que os entreguem.

- E o preço?

Dárcia havia feito muitas compras juntamente com seu pai, durante suas numerosas viagens, e era suficientemente entendida para saber qual o valor dos painéis.

Pediu uma determinada soma, razoável e sem ser muito baixa, pois, caso contrário, o conde poderia suspeitar que ela não era a verdadeira proprietária. Ele não disse nada e Dárcia acrescentou:

- Devo dizer que conseguiria mais, se levasse os painéis para Londres, mas necessito do dinheiro e não quero esperar. Os painéis estão perto daqui e, assim sendo, o negócio se tornaria muito conveniente para nós dois.

- Aceito sua oferta com prazer. Quer receber um cheque agora, srta. Dárcia, ou meus criados o entregarão amanhã, quando retirarem os demais painéis?

- Amanhã será perfeitamente satisfatório. Obrigada por ter permitido que eu contribuísse para aumentar a beleza desta casa de tão bom gosto.

Estendeu a mão, em sinal de despedida, mas o conde interrompeu-a:

- A senhorita disse que talvez tenha outros objetos. De que se trata?

- Possuo números quadros, bem como mobília, mas gostaria de ver

o restante da casa, antes de fazer quaisquer sugestões.

Dárcia sabia que estava punindo o conde pelo seu impulso de querer livrar-se dela, pois, na certa, temia que ela penetrasse em seus pensamentos, íntimos demais para serem compartilhados por uma pessoa estranha.

Antes que ele pudesse pensar em como desculpar-se por sua própria impetuosidade, Dárcia disse:

- Talvez permita que eu apareça em outra ocasião... Tenho vários compromissos nos próximos dias, que tomarão boa parte do meu tempo.

Notou a expressão de preocupação que surgiu nos olhos do conde.

- Se com isto quer dizer que está vendendo tesouros iguais aos que acabou de me vender, ficaria muito grato de os mostrasse a mim em primeiro lugar.

- Não sei se terei condições de lhe fazer semelhante promessa, milorde. Afinal de contas, vim até aqui seguindo um impulso e, devo confessar, sentia-me muito curiosa em saber que tipo de casa estava construindo.

- E mesmo assim trouxe um painel consigo!

- Estava levando-o para Londres. Aliás, este é o meu destino.

- Não posso suportar a idéia de que não se sentisse curiosa em ver a casa e aparecesse um outro dia, quando já tivesse vendido os painéis!

- Sempre acho que o destino interfere naquilo que fazemos e naquilo que nos acontece. Talvez tenha sido o destino, milorde, que me levou a decidir vender o painel e transporta-lo comigo, quando estava a caminho de Londres.

- Mesmo que o destino esteja hoje a meu lado, a senhorita não deve deixar que ele me abandone amanhã... Por favor, volte novamente, srta. Dárcia, e traga tudo que combinar com minha casa.

- Pensarei no assunto. Até logo, milorde.

Estendeu-lhe a mão e, andando mais rapidamente do que o conde esperava, caminhou até o vestíbulo. Antes que ele pudesse alcançá-la, desceu os degraus e foi até a carruagem. Voltou-se e viu que o conde estava parado na porta da entrada, olhando para ela. Acenou

rapidamente com a mão e, sem esperar por sua resposta, subiu na carruagem.

Sentiu uma grande vontade de voltar o rosto, tendo plena certeza de que ele a contemplava, mas, em vez disto, permaneceu olhando para a frente, certa de que algo estranho tinha acontecido em sua vida. Sentia-se receosa de imaginar o quanto aquilo poderia ser importante.

Encaminhou-se primeiramente à aldeia de Letty Green. A sra. Cosnett ainda estava na casa. Comunicou-lhe que no dia seguinte viriam buscar os painéis restantes.

- Ainda bem que encontrou um lugar para eles, senhorita! Para lhe dizer a verdade, meu marido pretende guardar suas ferramentas naquele depósito onde estão os painéis.

- É, de fato, um bom lugar. Preciso lhe pedir mais uma coisa, sra. Cosnett.

- O que é?

- Tome cuidado para não falar da srta. Dárcia aos homens que virão retirar os painéis.

A sra. Cosnett pareceu ter ficado surpreendida, e Dárcia deu uma explicação:

- Ela tem suas razões para não querer vir para a Inglaterra neste momento. Talvez não queira que as pessoas saibam que está vendendo seus bens.

Dárcia esperava que a sra. Cosnett não se mostrasse excessivamente curiosa e ficou surpreendida ao encontrar em seus olhos um brilho de compreensão.

- Senhorita, entendo o que está dizendo. Todos sabemos que lorde Rowley está morando fora da Inglaterra, devido àquele escândalo de que todo mundo fala. Disseram muitas coisas indiscretas, mas a srta. Graythorn sempre comentava que não acreditava na metade delas.

- Tenho certeza de que a srta. Graythorn tinha razão. As pessoas exageram, sra. Cosnett, e a senhora sabe tanto quanto eu que os mexericos muitas vezes são falsos e maldosos. A srta. Dárcia é grande amiga minha e espero que o escândalo em relação ao pai dela seja

esquecido, de tal forma que eles possam voltar a morar na Inglaterra.

- Compreendo como se sente, senhorita. Há muita gente por aqui que sente falta de lorde Rowley. Ao mesmo tempo gostam de falar dele, pois isso, de certa forma, alegria a vida deles!

Dárcia fez o possível para não rir. Tudo aquilo era de fato verdade. As aventuras de seu pai provocavam em muitas pessoas uma certa excitação, mas foram a causa de ele ter de ficar longe de seu lar, o mesmo acontecendo com ela.

Deixou a sra. Cosnett, contente porque nem ela nem seu marido precisariam procurar outro trabalho, prometendo regressar dentro de uma semana.

A caminho de casa, começou a fazer planos, planos que com toda certeza teriam surpreendido a marquesa e alarmado o conde!

Na semana que se seguiu houve várias festas. A lista de seus compromissos parecia não ter mais fim, e Dárcia quase gemeu, ao contemplá-la.

- Não tenho tempo para mais festas – declarou ao sr. Curtis -, e muito menos para escrever cartas. Já estou em falta com as pessoas a quem deveria agradecer pelas flores enviadas.

- Gostaria de poder fazer algo pela senhorita... – declarou o secretário.

- E eu também!

- Você não está se queixando, não é, meu bem? – indagou a marquesa.

- De modo algum, mas quero um dia livre para ir ver o Castelo de Rowley.

- Acha que é uma atitude sensata? Talvez isso a deixe deprimida...

- Não creio, mais é importante que ninguém lá saiba quem eu sou.

- Já previ que iria levantar essa questão, senhorita – declarou o sr. Curtis. – Os vigias são novos e o resto da criadagem, como talvez saiba, foi dispensada. A menos que os visite em suas casas, é pouco provável que a vejam.

- É isso que eu queria saber. Usarei a mesma carruagem que tomei no outro dia e quero que ela esteja aqui às onze da manhã.

- Dárcia, Dárcia, não se afobe! – exclamou a marquesa. – Prometemos almoçar com a duquesa de Bedford, amanhã.

- É aí que entra toda a sua diplomacia, querida marquesa! Não se esqueça de me comunicar que desculpa deu, antes de jantarmos com o embaixador francês.

Ao descer as escadas pontualmente às onze horas, no dia seguinte, sentia-se tão feliz quanto uma criança que parte para as férias.

Estava um dia muito agradável e mais uma vez ela usava um vestido bem simples, ainda dos tempos do colégio. O chapéu, bem copado e que a protegia do sol, estava enfeitado unicamente com flores do campo e algumas fitas verdes, que combinavam com a cor de seus olhos.

Dárcia parecia muito jovem e muito bela. Os criados olharam-na com admiração, embora ela não percebesse.

Foi primeiro até o Castelo de Rowley, e, ao vê-lo vazio e fechado, as lágrimas vieram-lhe aos olhos.

Tinha sido tão feliz naquele lugar, quando criança, que, a exemplo de tantas pessoas, sentia vontade de fazer retroceder o relógio do tempo...

Gostaria de ainda estar olhando pela janela do quarto de brinquedos, sabendo que, assim que terminasse de tomar o café da manhã, sairia com seu pai, a fim de dar um passeio a cavalo...

Houve também muitos dias tristes, quando ele não se encontrava lá, mas em Londres, despertando comentários devido ao seu comportamento aventureiro, ou então procurando divertir-se em outros países da Europa.

Ele, porém, sempre regressava, para grande alegria de Dárcia, e então a casa parecia renascer, simplesmente porque lorde Rowley estava de volta.

Tudo se animava, tudo se tornava excitante e o tempo parecia voar. As horas, os minutos, os segundos nunca eram suficientes...

Os vigias do castelo deixaram-na entrar e ela atravessou várias salas, onde a mobília estava inteiramente coberta por lençóis brancos. Não havia o perfume das flores, mas apenas o cheiro do pó e do abafamento.

Dárcia foi de uma sala para outra, sabendo bem o que procurava, e, quando finalmente encontrou o objeto, um dos vigias o levou para ela até a carruagem.

Prosseguiu seu trajeto, consciente de que a agitação que sentia desde que havia deixado Londres aumentara. Seu coração parecia bater cada vez mais rápido.

Os cavalos subiam a colina com lentidão quase intolerável. Finalmente, diante dela, parecendo ainda mais bela do que na primeira vez em que a contemplara, surgiu a casa do conde.

Agora não via as pilhas de madeira e pedras e nem os pedreiros, mas teve uma visão do que a casa seria, quando estivesse pronta.

O gramado, que se estendia ao longe, teria a aparência do veludo; os arbustos estariam cobertos de botões e as flores desabrochariam, em canteiros traçados no estilo francês.

Sentiu vontade de sair dançando, enquanto se aproximava da porta principal.

Antes mesmo que pudesse subir os degraus, o conde estava lá, estendendo-lhe a mão.

- Com o que então veio! Já estava começando a pensar que nunca mais a veria! Como pôde demorar tanto? Como pôde esquecer-se de que eu a queria?

Tomou sua mão nas dele e levou-a corredor afora, com uma velocidade que quase a obrigava a correr.

- Já está no lugar! Obriguei todo mundo a trabalhar a partir do momento em que os painéis chegaram, e só estava aguardando sua presença para mostrá-los.

Levou-a até a Sala do Café da Manhã e, quando Dárcia contemplou os painéis nas paredes, compreendeu que o conde não poderia ter encontrado algo mais perfeito para aquele aposento.

Os cupidos e as molduras pareciam brilhar, sob a luz que vinha das janelas, e ela notou que o candelabro que havia sugerido já se encontrava pendendo no centro do teto e era exatamente o que tinha em mente.

O conde estava parado, olhando a expressão de seu rosto.

- Os painéis se encaixaram! – exclamou Dárcia, muito contente, batendo palmas.

- Perfeitamente! Até parece que foram feitos de encomenda para este lugar! Como pôde ter adivinhado que era exatamente isto que eu precisava? Queria que a sala ficasse completa, quando a senhorita voltasse. Mandeí colocar os painéis, o candelabro, bem como o espelho, no lugar que sugeri.

Dárcia não havia notado o espelho sobre a lareira, que ficava na parede da direita.

Sua moldura era dourada, conforme ela imaginara, e esculpida com anjos, semelhantes àqueles pintados nos painéis.

- É aquilo que esperava? – indagou o conde, como se esperasse ansiosamente sua aprovação.

- Sim, a sala ficou exatamente como eu a via em minha imaginação.

O conde deu um suspiro de alívio e, em seguida, indagou:

- E agora, aonde vamos? Depois que se foi, percebi que deveria ter insistido para ficar mais tempo, pois queria pedir sua ajuda.

- Sim, tive está mesma impressão... achei que havia se arrependido – disse Dárcia, dando uma risada.

- Por que fala assim? Sim, tem razão, como sempre. Senti que a senhorita estava se impondo e que, se eu não tomasse cuidado, não poderia mais dar uma opinião em relação àquilo que até agora me pertenceu com exclusividade.

- Não gostaria que se sentisse assim.

- Eu sei, eu sei, e mais tarde fiquei furioso comigo mesmo, por ter sido tão tolo.

- Ser possessivo não é exatamente uma tolice.
- Não, pode ser simplesmente uma atitude egoísta, mas, no que lhe diz respeito, aconteceu algo que nunca tinha me ocorrido antes.
- O que quer dizer com isso?
- Como posso explicar? Senti como se a senhorita possuísse poderes sobrenaturais ou mágicos, ao saber exatamente aquilo que está casa necessitava...
- Não sou uma bruxa, se é isto que está insinuando... – comentou Dárcia, rindo. – E agora, já esqueceu seus temores?
- Já me convenci de que é muito capaz e uma mulher de negócios bastante esperta. Sabe tanto quanto eu que acho impossível deixar de suplicar que me diga o que mais tem para vender.
- Bem, acho que o senhor está tornando as coisas um tanto difíceis...
- Como assim?
- Recusa-se a mostrar-me o resto da casa...
- Perdoe-me e não guarde ressentimentos, pois minha conduta não merece desculpas. Pedirei seu perdão e até mesmo de joelhos, se for necessário, mas não volte a desaparecer. Devo dizer-lhe que fui até sua casa, lá na aldeia. A senhora que lá estava disse-me que não tinha a menor idéia de quando a proprietária voltaria... Pode imaginar que ansiedade isto provocou em mim?
- Como poderia pensar que estava ansioso para me ver? Da última vez em que estive aqui, demonstrava a maior pressa em me ver longe...
- Está sendo muito cruel. Já pedi desculpas por apressar seu regresso e fui severamente castigado. Não podemos recomeçar tudo, a partir do momento em que o destino a introduziu em minha vida?
- Dárcia achou impossível resistir a um homem tão bonito e atraente, sobretudo quando se dirigia a ela com tamanha sinceridade.
- Eu o perdôo, sim, e, como prova, mostrarei algo que se encontra na carruagem e que talvez goste de ver...

Notou que os olhos do conde brilhavam e havia excitação em sua

voz, quando ordenou a dois pedreiros que trouxessem para dentro da casa o objeto transportado pela carruagem.

Ele a deixou por alguns momentos e Dárcia encaminhou-se até a futura sala de jantar. Muitas obras haviam sido feitas ali, desde sua última visita. Faltava apenas colocar as tapeçarias no lugar e um lustre no teto.

No entanto, ainda faltava algo. Quando os homens trouxeram o que ela havia retirado da parede do Castelo de Rowley, o conde não disfarçou seu entusiasmo.

Era um quadro com três anjinhos pintados por Boucher. Dárcia sabia que as cores e o encanto dos anjinhos completariam a decoração da sala de jantar, cujas tapeçarias eram da autoria do mesmo mestre, o célebre artista francês.

O conde, maravilhado, não conseguia tirar os olhos do quadro.

- Procurei em todos os lugares um quadro como este. Como foi que o achou? A quem pertence?

- A mim.

- Não duvido, mas comprou-o de quem?

- Jamais revele o nome de meus clientes.

- Você então é uma negociante? E como pode trabalhar sozinha, sendo ainda tão jovem? Estará agindo em nome de seu pai ou de alguém que a emprega?

Dárcia afastou-se em direção à janela e pôs-se a contemplar a paisagem. O conde veio até ela.

- Quero que me responda.

- Acredito, milorde, que ambos possuímos segredos e não vemos nenhum motivo para compartilhá-los com estranhos ou até mesmo com conhecidos.

- Mas que declaração mais absurda!

- E por que?

Dárcia encarou o conde e percebeu que ele achava impossível transmitir o que sentia através de palavras.

- Quero que sejamos amigos. Srta. Dárcia, e, como amigo, necessito de sua ajuda, seu conselho e sua surpreendente capacidade de me trazer exatamente aquilo de que em minha casa.

- O senhor, é claro, está falando de negócios...

- É acaso o negócio que a leva a saber aquilo que estou pensando ou desejando? Consegue fazer o mesmo em relação a qualquer outra pessoa a quem se proponha vender algo? Seria extremamente vantajoso, mas algo me diz que isto não é verdade...

- E por que se sente assim?

- Não sei... Se é capaz de ser intuitiva em relação a mim, sinto o mesmo em relação à sua pessoa. Deixando de lado suas qualidades, que penso serem mágicas, tenho certeza de que a senhorita não é aquilo que parece ser, apesar de eu não ter provas que reforcem esta minha afirmativa!

CAPÍTULO IV

Percorreram todo o andar térreo, onde havia ainda uma grande sala de estar, a biblioteca e uma sala destinada a ser usada exclusivamente pelo conde. Foram em seguida para o primeiro andar, que visitaram quase inteiro. Nele havia outros quartos, mas o conde declarou que ainda não estavam prontos e que não valeria a pena vê-los. Levou Dárcia para o terceiro andar, onde havia numerosos quartos de dormir e vários banheiros.

Quando regressaram ao andar térreo, o conde encarou-a, dizendo:

- Tenho a incomoda sensação de que fiz algo errado...

- Não exatamente errado...

- Já estou me preparando para um choque!

- Planejou sua casa com a mais absoluta perfeição, mas ela é, na verdade, o lar de um solteirão...

- O que quer dizer com isso?

- Esqueceu que as mulheres necessitam de um lugar para guardar suas roupas.

- Está se referindo aos armários?

- Não exatamente. Guarda-roupas em excesso estragariam a harmonia dos quartos de dormir. Seria muito mais interessante que suas futuras hóspedes tivessem um quarto de vestir separado do quarto de dormir.

- Tem razão! Estou começando a detestá-la!

- Ninguém o obriga a ouvir minhas opiniões...

- Agora não posso fazer mais nada. Como é que deixei passar uma coisa destas?

- Deixe-me examinar as plantas.

O conde as havia deixado na Sala do Café da Manhã. Voltaram para lá e, ao entrar, Dárcia voltou a pensar quanto era belo o painel que pertencera ao duque de Richelieu e como ele havia se adaptado ao aposento.

Ao mesmo tempo, não conseguiu deixar de imaginar quem tomaria o café da manhã com o conde e o que eles diriam um ao outro...

Era deprimente imaginar que estaria lá com sua esposa, aquela linda mulher para quem estava construindo o castelo.

Seu rosto talvez revelasse o que ela estava pensando, pois o conde indagou, preocupado:

- Não vai me dizer que há algo de errado com esta sala!

- Não, claro que não! Na realidade, estava pensando em outra coisa.

- Pense em mim! Pense no quanto necessito de sua ajuda neste exato momento.

Dárcia sentiu que vibrava com o que ele lhe dizia e, como não tinha uma resposta pronta, pôs-se a examinar as plantas.

Notou que o quarto maior era denominado “Quarto do Proprietário”, sabendo que o conde dormiria ali sozinho, ou com a esposa...

Ligado a ele havia um banheiro; de um lado estava previsto um quarto de vestir e do outro uma saleta.

Não havia porém previsões para armários embutidos. Dárcia sabia que um guarda roupa, por mais decorativo que fosse, estragaria a

harmonia do quarto e pareceria deslocado, em meio ao restante da mobília.

Pegando um lápis, apontou para o outro quarto, além da saleta.

- O que está planejando para cá?

- Está destinado a receber meus convidados de honra.

- Que pena, pois ele ou ela terão que dividi-lo com vestidos, chapéus, sombrinhas e sapatos!

Traçou uma linha que dividia o quarto ao meio.

- Aqui será o armário embutido de seu quarto e o que sobra é o espaço suficiente para uma pessoa só...

- Não admito que minha planta... – disse o conde, zangado, mas de repente começou a rir. – Está bem, você ganhou! Mas, se você planejar estes enormes armários embutidos em todo o primeiro andar, terei de aumentar o tamanho do castelo! O arquiteto que desenhou a planta, a partir de minhas sugestões, disse-me que a gente sempre planeja as coisas menores do que elas deveriam ser. Ele, pelo que vejo, estava certo. Tenho a incomoda sensação de que, se seguir seus conselhos, srta. Dárcia, esta construção ficará bem maior do que eu imaginava!

- Existe também outra questão, onde dormirão seus filhos, se acaso os tiver? Lembre-se de que, neste caso, não vale a pena fazer muita economia!

Ambos caíram na risada e foram interrompidos por uma voz de mulher, que indagava:

- Por favor, tenham a bondade de dizer-me onde posso encontrar o conde de Kirkhampton?

- Não quero ser vista aqui – declarou Dárcia, subitamente preocupada.

- Não, claro que não!

O conde fez um gesto com a mão, indicando a saleta ao lado. Dárcia dirigiu-se rapidamente para lá e o conde fechou a porta, mas ela notou, com apreensão, que não possuía trinco. Segurou-a, a fim de mantê-la fechada e, nesse momento, uma mulher exclamou:

- Granby! Está surpreso por me ver?
- Muito surpreso, Caroline. Porque não me preveniu de que viria?
- Vim espiar o que você está fazendo. Sabe que já faz um mês, desde que foi a Londres?
- Tenho estado muito ocupado. Quando contemplar tudo o que foi feito aqui desde sua última visita, entenderá meus motivos!
- Não estou interessada em sua casa, mas em você!

Dárcia percebeu quem havia chegado. Era a linda lady Caroline Blakeley, a quem vira no baile, e cuja formosura, sem sombra de dúvida, combinava muito bem com a esplêndida casa que o conde construía para ela.

- Sinto-me lisonjeado! Ao mesmo tempo, quero que ame seu futuro lar, da mesma forma que já o amo.

- Mas ainda está em uma desordem total! Tive de deixar a carruagem no meio do caminho. Ah, Granby, notei uma outra carruagem. Quem o está visitando?

Ela se exprimia com um súbito ciúme e Dárcia prender a respiração enquanto o conde respondia, muito à vontade:

- Deve pertencer ao arquiteto ou ao decorador. Ambos se encontram na casa.

Prosseguiu, como se estivesse ansioso por aprofundar aquele assunto:

- Diga-me, o que acha desta sala? É onde começaremos o dia, tomando o café da manhã. Foi o primeiro aposentado a ser terminado, com exceção do tapete e das cortinas.

- E os móveis é claro.

- Gosta dele?

- É um encanto, sim – disse lady Caroline, sem muito entusiasmo. – Na verdade, querido, tomarei o café da manhã em meu quarto, pois é habito meu.

- Até mesmo morando no campo?

- Exatamente.
- Deixe-me mostrar-lhe o resto da casa.

Dárcia teve certeza de que o conde ficara decepcionado com a falta de entusiasmo de lady Caroline em relação à sala que lhe causara tanta satisfação.

- Disponho de muito pouco tempo. Vim pedir-lhe, Granby, que me acompanhe ao baile de mascaras que o embaixador russo está dando neste fim de semana. Achei que seria divertido se fôssemos fantasiados como dois personagens famosos, quem sabe a rainha Catarina e o conde Orlov?

O conde não disse nada e ela prosseguiu:

- Se chegássemos de tremó e um criado vestido em trajes de época nos puxasse até o salão de baile, nossa entrada seria sensacional!

Fez-se um pesado silêncio, enquanto ela esperava por uma resposta.

- Sinto muito decepciona-la, Caroline, mas, se há uma coisa que detesto, é fantasiar-me e bancar o tolo. Além disso, não disponho no momento de tempo para bailes.

- Granby, estou lhe pedindo que me acompanhe!

- Jantaremos juntos na próxima semana, ou dentro de dez dias, mas não na noite do baile.

- Realmente, Granby! – disse lady Caroline, contrariada. – Você está sendo extremamente irritante e até mesmo pouco gentil!

- Não tenho o menor desejo de causar esta impressão. Afinal de contas, estou construindo este castelo para você.

- O castelo, sempre o castelo! Então não entende que quero você, e não um punhado de pedras e tijolos? Há muitas casas que você poderia ter comprado pela metade do dinheiro que está gastando com esta.

- Você então imagina que eu queira morar na casa de outra pessoa, construída para satisfazer o gosto de alguém a quem não conheço?

- Mas que importância tem a aparência de uma casa? Contanto que seja confortável, luxuosa e possa acomodar nossos amigos, o resto não importa.

O conde não disse nada, mas Dárcia imaginou que ele deveria estar profundamente contrariado.

- Enquanto se ocupa com esta construção, você me deixa de lado e as pessoas estão começando a murmurar.

- Então é isso que a incomoda!

- Mas é claro que é! Durante o inverno não tinha importância você ficar fora tanto tempo, mas agora preciso de alguém que me acompanhe aos bailes, à opera e às recepções. É extremamente aborrecido ter à minha volta pessoas perguntando continuamente onde você se encontra e o que está fazendo.

- A esta altura dos acontecimentos, eles jpa deveriam saber.

- Quando lhes digo a verdade, não acreditam. Tenho certeza de que a maioria de seus amigos pensa que você deve esconder alguém aqui nesta lonjura, em quem encontra mais graça do que em mim!

- Você bem sabe que isto é impossível!

- É justamente o que eu gostaria que você dissesse, Granby! Prove que ainda me ama e volte comigo para Londres.

O conde não disse nada e ela aproximou-se um pouco mais.

- Sua casa está à sua espera e, se quiser, poderemos jantar lá ainda hoje. mamãe ficaria horrorizada se ficasse sabendo, mas mentirei, dizendo que você está dando uma grande festa e que irei com minha dama de companhia.

Lady Caroline chegou ainda mais perto do conde e ele, não conseguindo resistir à perfeição de seus lábios e à sedução de seus olhos azuis, passou o braço em torno de sua cintura.

- Não deixarei que me beije, a menos que prometa jantar comigo hoje à noite.

O conde não respondeu. Simplesmente colou seus lábios aos de lady Caroline e em torno deles fez-se o mais completo silêncio.

- Sim, jantaremos em Londres. Se voltar agora para lá, seguirei dentro de uma hora com meus próprios cavalos.

- Você é muito gentil para comigo, meu querido Granby. Há tanta coisa que eu quero conversar hoje à noite... especialmente sobre nosso casamento.

- Ele acontecerá assim que terminar o castelo.

- Quando?

- Talvez dentro de cinco ou seis meses.

- É demorado demais! Quero casar-me no verão.

- Agora não podemos discutir este assunto.

- Tenho certeza, meu querido, que você me dará tudo aquilo que eu desejar.

O conde não disse nada, e lady Caroline acrescentou:

- Acompanhe-me até a carruagem e despeça-se de mim.

Dárcia, não conseguindo resistir à vontade de olhar mais uma vez a criatura que avistara de relance no baile, abriu um pouquinho a porta da saleta.

O conde estava de costas para ela, mas lady Caroline, neste exato momento, passava seu braço em torno do dele. Seu belo rosto, de traços quase clássicos, e seus lindos olhos estavam iluminados pelos raios de sol que coavam através das janelas.

Estava elegantemente vestida e parecia uma figurinha de porcelana.

Ficou a contemplar o conde e lady Caroline saírem da sala e ouviu suas vozes diminuírem pouco a pouco, enquanto se dirigiam para o salão de entrada.

Saiu da saleta e encaminhou-se para a sala de jantar, onde ficou examinando o quadro que o conde já havia pendurado por cima da lareira.

Por que haveria eu de deixar este quadro parar nas mãos dela, se, afinal de contas, ele não representa nada para aquela criatura?, perguntou-se Dárcia, com amargura.

Mesmo sabendo a resposta, não conseguiu impedir-se de sentir uma grande angustia por tudo aquilo que acabara de ouvir.

Disse a si mesma que tudo faria para salvar o conde de uma mulher que não se mostrava interessada na casa que ele construía em sua intenção e que não se importava com aquele homem, tal como ele realmente era.

Assim como adivinhara instintivamente o que ele desejava e até mesmo o que ele pensava, agora tinha certeza de que as declarações de afeto de lady Caroline eram insinceras.

Aquele seu convite insistente para que o conde fosse para Londres devia esconder outros motivos.

Lembrou-se subitamente de que naquela noite, quando lhe apontaram lady Caroline, o homem que havia feito o gesto comentara que “por detrás daquela aparência, muita coisa se ocultava”.

De que se tratava? Como poderia descobrir os segredos que aquela criatura obviamente escondia do homem que a amava?

Ao mesmo tempo, não se sentiu nem um pouco surpreendida.

Não havia a menor dúvida de que lady Caroline era linda, apesar de tratar-se de uma beleza convencional. Ainda assim, era o tipo que os artistas haviam retratado desde épocas imemoriais e que os homens de todas as nacionalidades achavam irresistível.

Ela é linda, realmente linda!, admitiu Dárcia.

De repente, ouviu os passos do conde, que se aproximava.

Voltou-se para contempla-lo e a luz do sol, que iluminava uma vidraça por detrás dele, deu-lhe a impressão de que o conde possuía uma auréola em torno da cabeça, que lhe dava a aparência de um deus.

Bastou uma fração de segundo para Dárcia certificar-se de que lutaria por ele. Ninguém, nem mesmo a mulher mais bela do mundo, o tiraria dela.

Todos os seus pensamentos, tudo o que sentira por ele durante todos aqueles anos levaram-na à conclusão de que não somente o amava, mais que pertencia a ele.

Ele lhe pertencia. Sabia que tinha sido sempre assim, desde a

primeira vez em que o vira sentado à mesa de seu pai e quando o conde lhe abriu a porta, no momento em que ela se despedia dos convidados.

Eu o amo! Eu o amo!

Sabia que não se tratava do amor comum de uma mulher por um homem bonito, mas de algo diferente e mais fundamental. Reconhecia nele a outra metade de si mesma...

- Desculpe a interrupção! – disse o conde.

- Acho que estou tomando demais o seu tempo.

- Não é verdade. Esperei tanto por sua presença e há centenas de perguntas sem respostas. Nem fale em ir embora.

- Na realidade não estou com pressa, mas como não posso chegar cedo a Londres, peço-lhe que não me julgue grosseira se lhe confessar que, antes de mais nada, gostaria de comer algo.

- Mas que falta de hospitalidade de minha parte! Como muito pouco, ou até mesmo nada, quando me vejo às voltas com esta construção. Quem sabe um dos meus criados...

Dárcia fez um gesto, impedindo-o de prosseguir.

- Trouxe comigo uma cesta de piquenique e ficaria muito honrada se a dividisse comigo.

- É a mulher mais eficiente que conheci até hoje! Aceito seu convite com prazer.

- A cesta está em minha carruagem. Com este dia tão belo, quem sabe poderíamos comer no jardim?

- Acho a sua sugestão perfeita.

Foram até a carruagem e Dárcia ordenou a seu criado que levasse a grande cesta de piquenique para onde o conde determinasse.

Este último liderou a caminhada através de algumas árvores carregadas de flores. Chegaram até uma pequena clareira rodeada por arbustos, da qual se avistava um panorama maravilhoso.

- Que lugar esplêndido! – exclamou Dárcia. – Vamos abrigar-nos à sombra das árvores.

O criado estendeu um espesso tapete sobre a relva e Dárcia

começou a tirar as coisas da cesta, enquanto o conde a contemplava.

- Sua visita permaneceu muito pouco tempo – comentou Dárcia.

- A pessoa em questão estava com muita pressa... Por que insistiu em se esconder?

- Tenho boas razões para não desejar que as pessoas interfiram naquilo que diz respeito unicamente a meus negócios.

- Isto não me diz nada. Por que é tão misteriosa? Sabe que nem sequer sei seu nome?

- Já lhe disse: respondo pelo nome de Dárcia.

- E se eu tiver de lhe escrever?

- Sabe onde fica minha casa.

- Aquela casa não parece ser sua. Há nela coisas muito bonitas, mas não é o tipo de lugar em que a vejo vivendo.

- Não consigo imaginar por que se preocupa com isso.

- Se está resolvida a me deixar intrigado, a me levar a descobrir quem é, por que veio até mim e qual é seu verdadeiro nome, saiba que não poderia ter agido com maior esperteza!

- Se acaso esta tentado extrair alguma confissão de meus lábios, acho melhor comermos primeiro. Talvez em seguida eu me mostre mais disposta do que me sinto no momento.

Dárcia estendeu-lhe um pouco de patê e o conde observou:

- Não ficaria nem um pouco surpreendido se apresentasse agora uma refeição magnífica, pois possuo uma fantástica noção do que é correto.

- Espero que o vinho lhe agrade. Dizem que as mulheres ignoram completamente como escolher o que um homem prefere beber.

O conde serviu-se de um pouco de vinho e declarou:

- Perfeito! Apesar de sua modéstia, Dárcia, tinha certeza de que você sabia que este é o vinho apropriado.

Dárcia notou que pela primeira vez ele a chamava pelo seu nome, mas não fez nenhum comentário. O conde encheu os copos e fez um

brinde:

- Para alguém que tenta ser parecida com uma esfinge, mas que na verdade parece ter descido do Olimpo!

Tomou um gole do vinho e declarou:

- Mas que maravilha! Você não é mesmo uma deusa do Olimpo?

- Gostaria que fosse verdade, mas a única deusa de que necessita será encontrada entre as quatro paredes de sua casa.

- Sinto que tem uma razão para tal comentário. O que está querendo insinuar?

- Estava pensando que precisa de uma deusa para sua sala de visitas.

- E qual é a deusa?

- Acho que na parede maior iria muito bem o quadro Vênus, Mercúrio e Cupido, do pintor Louis Michel van Loo!

Durante alguns instantes ele a encarou com incredulidade, como se não conseguisse acreditar no que ela acabava de dizer.

- Acaso está querendo insinuar que lhe seria possível obter este quadro para mim?

- Se gostar dele...

- Se gostar! Mas é um quadro que há muito desejo ver, só que não tenho a menor idéia de onde se encontra e quem é seu proprietário...

- As cores desse quadro são o que existe de mais apropriado para sua sala...

- Já vi uma reprodução em algum lugar, mas não era de muita qualidade.

- Acho que esse quadro seria o ponto central de sua sala de visitas e em torno dele se poderia fazer o restante da decoração.

O conde mostrava naquele momento uma atitude sonhadora e Dárcia sentiu que ele via exatamente aquilo que ela lhe sugerira.

- Quando posso ver o quadro?

- Tem certeza de que o quer verdadeiramente?

- Mas como é possível me fazer semelhante pergunta? Sabe muito bem que o quero... Será que terei que sair por aí à procura dele? Onde será que você tem seu depósito de tesouros? Sei que Vênus, Mercúrio e Cupido é um quadro grande demais para ser guardado em uma casinha de Letty Green.

- Eu o trarei amanhã, a menos que prefira esperara até o fim de semana.

Fez-se uma pausa. Dárcia sabia que o conde estava se lembrando de que lady Caroline esperava que ele permanecesse em Londres, após jantarem juntos naquela noite. Ele finalmente decidiu-se:

- Estarei aqui amanhã ao meio dia.

- Então providenciarei para que o quadro venha às suas mãos a essa hora.

- E você virá com ele?

- Não tenho certeza. Talvez seja difícil para mim.

- O que quer dizer com isso? Quem mais está solicitando seu tempo?

- Não tem o direito de me fazer semelhante pergunta.

- Mas você me responderá, já que se interessou por minha casa. E agora que veio até mim, quero deixar bem claro que não me contento apenas com um quadro. Quero muitos mais.

- Quantos?

- Estou esperando que você me diga...

- Preciso tomar muito cuidado para não deixa-lo pensar que estou lhe tomando a casa...

- Eu me comportei como um tolo no dia em que nos conhecemos, mas é difícil explicar por que, de repente, senti medo de você ou de sua intuição.

Dárcia não disse nada e simplesmente serviu-se de outro prato, ainda mais delicioso que o anterior.

- Você expressa exatamente aquilo que está em meus pensamentos e em meus sonhos. Como poderia encontrar parceira

melhor?

Dárcia sentiu que seu coração disparava, ao ouvir tais palavras, mas procurou não dar a menor demonstração.

- Não desejo impor minha presença, milorde, mas...

- Gostaria que terminasse a frase.

- ... mas acho sua casa tão encantadora e ao mesmo tempo tão inspiradora que quero ajuda-lo a leva-la à perfeição que ela merece.

- E assim será! Deixe-me no entanto esclarecer um ponto de uma vez por todas: preciso de você! Na realidade, estou começando a pensar que não passo sem você.

Ela o encarou, tentando dar a seu rosto o aspecto mais impessoal possível, mas descobriu que não conseguia resistir à sedução do olhar do conde. Com muito esforço, disse:

- Não está comendo nada, e meu cozinheiro ficará muito decepcionado.

- Com que então tem um cozinheiro! Onde é que ele pratica sua arte? No porão de sua casinha de Letty Green?

- Devo dizer-lhe a verdade. Este almoço foi preparado pelo cozinheiro de um de meus amigos.

- Tinha certeza de que você viria com uma explicação, mas não sei se acredito...

- Não imagino por que não...

- Há algo em sua pessoa de exótico, apesar de esta não ser a palavra exata; de luxuoso, apesar de se trajar com simplicidade; de rico, e não estou me referindo a dinheiro, mas à sua inteligência. Você não se encaixa em uma pequenina casa de aldeia e em uma vida mesquinha, pois seus horizontes são muito mais amplos...

Dárcia sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo enquanto ele falava. Não respondeu, pois não tinha a menor idéia do que dizer, e o conde prosseguiu:

- Quero que confie em mim e não aprecio os segredos que existem entre nós. Quero que me diga a verdade e há muito tempo não desejo

algo com tamanha intensidade...

- Não tinha idéia de que fosse tão ambicioso...
- Como assim, ambicioso?
- Ofereço-lhe um quadro de Van Loo e ainda quer mais...
- Talvez aquilo que procuro em você seja mais valioso do que um quadro.
- Não se sinta frustrado. Tenho uma cômoda do século XVIII que ficaria muito bem em sua sala de estar... É obra do grande artista Cressent.
- Está zombando de mim... Conheço o trabalho de Cressent. Era escultor e desenhava móveis. Claro que é exatamente o que quero e sua cômoda combinará com outra que tenho guardada. A minha é especialmente bela e os anjinhos que ele esculpiu são notáveis.
- Cupido, o deus dos namorados, na sala de jantar e na de estar! Milorde está construindo um castelo repleto de símbolos do amor!
- Era exatamente a minha intenção, quando o comecei.
- Está construindo este castelo com seu coração, mas tome cuidado com quem o dividirá!

Dárcia sabia que daquela vez tinha ido longe demais. O conde franziu a testa e disse:

- O almoço estava realmente ótimo e agora acho que devemos voltar a trabalhar. Preciso ir a Londres no final da tarde.
- Estou pronta. O criado levará a cesta para a carruagem.

Voltaram a pé e Dárcia percebeu que o conde ainda se mostrava aborrecido.

Só quando recomeçaram a falar a respeito da decoração dos quartos e das cores das cortinas o sorriso voltou a seus lábios e a seus olhos.

Três horas mais tarde, de volta a Londres, Dárcia, com um sorriso malicioso, percebeu que fizera o conde atrasar-se para o jantar.

Ficou sabendo que, enquanto trabalhava nas obras do castelo, ele hospedava-se com um amigo, o qual residia a uns dois quilômetros de

distância. Sentia o maior prazer em acomodar o conde, bem como a seus cavalos.

O conde teria de ir até lá, mudar de roupa, chegar a Londres, trocar-se mais uma vez, pondo trajes de noite, e então só lhe restava mandar um recado a lady Caroline, comunicando que chegaria atrasado para o jantar. A outra solução era deixá-la esperando.

Ao pensar em lady Caroline, a jovem sentiu curiosidade em saber mais a seu respeito.

Era muito estranho que ela se arriscasse a comprometer sua reputação, fazendo algo tão audacioso quanto jantar a sós com o conde na casa dele, mesmo que estivessem noivos em segredo.

Mostrava-se absolutamente decidida a vê-lo naquela noite, e pareceu a Dárcia que havia algo estranho em tudo aquilo.

Tenho certeza de que lady Caroline não ama o conde de verdade. Que apenas o prestígio de ser sua mulher e talvez o desejo fisicamente como homem, mais o amor é muito mais do que isso.

Estava convencida de que entre eles não havia a menor afinidade e muito menos aquela aproximação que havia se estabelecido entre ela, Dárcia, e o conde.

Este último encontrava-se entusiasmado, encantado e feliz pelo interesse que ela demonstrava em relação à sua casa. Sabia, no entanto, que jamais tinha passado por sua cabeça o pensamento de que ela fosse uma mulher que lhe inspirasse desejo.

Durante a viagem de volta a Londres, ficou a imaginar o que ele sentia por lady Caroline e não conseguia suportar lembrar-se do que ela própria havia sentido, ao perceber que o conde beijava a jovem na sala ao lado.

- Você está com um ar um tanto triste, meu bem – comentou a marquesa, enquanto se encaminhavam à embaixada francesa. – Acho que essas visitas ao Castelo de Rowley a perturbam. Penso que é algo que lhe vai direto ao coração...

É verdade, pensou Dárcia, mas o que mais lhe doía era imaginar o que o conde estaria fazendo naquela noite.

Lady Caroline já estava à espera durante vinte minutos, quando o conde, extremamente elegante, surgiu na sala de estar de sua bela casa.

Beijou a mão de sua noiva, declarando:

- Perdoe-me. Não consegui sair mais cedo, conforme era minha intenção.

- Nem preciso perguntar o que o reteve. Claro que foi a construção de seu castelo.

- Nosso castelo.

- Penso que participo muito pouco dele.

- Não é minha culpa. Se soubesse como desejo mostrar-lhe o quanto a construção progride... Quero lhe contar todas as idéias novas que me ocorrem, quero sua aprovação para a menor telha que é colocada no lugar.

- Hoje à noite quero ter com você uma conversa muito séria, Granby.

- De que se trata?

- De nós.

- É um assunto pelo qual sinto o maior interesse.

- Espero que seja verdade.

- E por que duvidaria?

- Porque, como já lhe disse hoje à tarde, você tem me deixado de lado e não gosto disso nem um pouco!

- Perdoe-me. Como sabe, estou tentando construir um cenário perfeito para a sua beleza e, tão logo esteja pronto, você brilhará nele como o maior tesouro que possuo.

- Tudo isso parece muito romântico, mas, para falar com franqueza, já estou cansada de esperar. Vamos nos casar agora e terminaremos a casa juntos.

- Mas isso estragaria tudo... Quando você disse que me amava, resolvi não somente construir um monumento ao nosso amor, como também criar um lugar que será um lar para nós, nossos filhos e as

futuras gerações a quem transmitirei meu nome.

- Tenho certeza de que se trata de uma ambição muito louvável, mas quero casar agora, antes que termine o verão.

O conde estava disposto a prosseguir a discussão, mas o mordomo anunciou o jantar.

Era impossível conversar com intimidade enquanto os criados estavam na sala de jantar. O conde falou, então, a lady Caroline a respeito do quadro que lhe haviam oferecido.

- Nunca ouvi falar dele. Por que lhe interessa tanto?

- Porque é perfeito para a sala de estar e, na minha opinião trata-se de um dos quadros mais belos pintados no século XVIII. Já deve ter ouvido falar em Louis Michel von Loo?

- Esse nome deve ter atormentado meus ouvidos, juntamente com o nome de outros artistas, quando ainda estudava, mas a única obra de que me lembro é a Vênus, do pintor Botticelli, pois muita gente disse que ela se parecia comigo.

- Ora, para ser mais preciso, você é quem se parece com ela...

- E o que importa? Por que não compra o quadro?

- Se fosse possível, teria o maior prazer em adquiri-lo, mas duvido que o governo italiano concordasse, mesmo que eu pagasse milhões de libras. Aprendi que de nada adianta dar um salto maior do que as pernas, Caroline.

- Sinto que estou fazendo exatamente isso, quando lhe peço para me desposar.

- Você bem sabe que a quero como minha esposa.

- Quer mesmo?

- Já lhe disse isto tantas vezes...

- Pois prefiro as ações às palavras.

- Vou ver se dá para terminar o castelo rapidamente.

Lady Caroline bateu impacientemente na mesa.

- Que me importa esse castelo! Você vai se casar comigo e é só isso que me interessa!

O conde ainda não havia terminado o jantar, mas ela levantou-se da mesa e saiu da sala, fazendo o possível para controlar suas emoções.

Os parentes de lady Caroline e principalmente seus parentes deviam tê-lo avisado de que ela possuía um temperamento muito difícil.

Lady Caroline perdia facilmente o controle. Tornava-se uma criatura impossível, quando se entregava a seus acessos de fúria, mas a explosão desaparecia com a mesma facilidade com que surgia.

Não procurava jamais dominar-se, quando se encontrava em sua casa, e agora sentia a maior dificuldade de não gritar com o conde e fazer-lhe ver o quando estava irritada com sua atitude.

- Quero me casar e isto acontecerá ainda neste verão!

Havia um brilho gelado em seus olhos azuis e ela parecia estar possuída por uma grande força interior.

Antes de ir para a embaixada da França, Dárcia mandou chamar o sr. Curtis.

- Quero que providencie o transporte do quadro de Van Loo, que se encontra no Castelo de Rowley, para a casa do Conde de Kirkhampton. A entrega deverá ser feita amanhã, o mais cedo possível.

Imaginava que, se o quadro fosse entregue antes da chegada do conde, este não levantaria suspeitas sobre o local de onde a tela tinha vindo.

O sr. Curtis não demonstrou a menor surpresa diante de seu pedido.

- É o quadro que se encontra no Salão Azul, não é mesmo?

- Exatamente.

- Espero que lorde Rowley não se importe.

- Sabe tão bem quanto eu, sr. Curtis, que é muito pouco provável que meu pai regresse à Inglaterra. Se isso acontecer, o senhor e eu encontraremos algo para o lugar que ficará vazio. Aliás, tenho uma sugestão. Vamos abrir uma conta especial, onde colocaremos o produto de tudo o que eu vender do Castelo Rowley. O senhor já está com os cheques do painel e do quadro de Boucher.

- Farei conforme a senhorita sugere.
- Preciso de outro favor seu. Quero que descubra absolutamente tudo o que puder em relação a lady Caroline Blakeley.

O sr. Curtis anotou o nome em sua caderneta.

- É a filha do duque de Hull e passa muito tempo em companhia de lorde Arkleigh. Gostaria de ser informada sobre o local e os horários de seus encontros, o mesmo se dando em relação a todas as pessoas a quem ela parece favorecer...

- Passarei todas as informações o mais cedo possível, senhorita.

Não havia a menor expressão no olhar do sr. Curtis. Inclinou-se, com a mesma delicadeza de sempre, e retirou-se da sala.

Dárcia suspirou e contemplou-se no espelho, imaginando o que o conde acharia dela, se a visse naquele momento.

Estava encantadora, em seu elegante vestido parisiense, que lhe dava a aparência de um pássaro exótico. Seus olhos, porém, transmitiam pureza e inocência. No entanto, um conhecedor da natureza humana perceberia neles algo de inconfundível; a sede de amor...

CAPÍTULO V

Ao voltar para o campo na manhã seguinte o conde sentiu que escapava de algo que definitivamente o perturbava. Ao mesmo tempo, mostrava-se inquieto.

Ao jantar com lady Caroline, percebeu que ela havia solicitado sua presença tendo em vista determinado objetivo e que nada a impediria de alcançar seus fins.

Ao mesmo tempo, o conde disse a si mesmo que não admitia receber pressões no sentido de modificar seus planos. Desde criança procurava a perfeição em tudo o que fazia.

A razão pela qual era tão bom cavaleiro devia-se não somente ao fato de possuir uma habilidade natural em montar um cavalo, mas também porque estudava a fundo os animais que controlava. Estava sempre disposto a levar em conta novas idéias, toda vez que entrava em contato com elas.

Aplicou o mesmo princípio a seus estudos, quando se encontrava

em Oxford. Seus professores ficavam admirados pelo modo como ele se concentrava em seu trabalho, a despeito das tentações a que seus colegas se entregavam e que consideravam irresistíveis.

Quando decidiu construir uma nova casa, depois que o castelo da família foi incendiado, o conde não apenas visitou as residências mais famosas da Inglaterra e da França, mas também consultou arquitetos de ambos os países e comprou vários livros relativos ao assunto.

As pessoas que trabalhavam com ele ficavam muito surpreendidas, ao notar sua paixão pelo detalhe.

Quando os alicerces do castelo ficaram prontos, o conde já sabia mais a respeito da futura edificação do que qualquer um dos arquitetos, empreiteiros e mestres de obra a quem havia contratado.

Foi quando teve a idéia de construir uma casa de acordo com sua própria orientação que ficou conhecendo lady Caroline Blakeley, considerando-a a mais bela criatura que jamais tinha visto em toda a sua vida.

Na realidade, estivera sempre tão ocupado em ganhar corridas, montar cavalos e estudar, que não tinha dispensado muita atenção às mulheres.

Era inevitável que elas o notassem e o perseguissem.

Não somente o conde era muito bonito, como também pertencia a uma das grandes famílias da Inglaterra, sendo, além do mais, muito rico.

Tinha, no entanto, prestado muito pouco atenção às mães ambiciosas que jogavam as filhas em seus braços ou às manobras das mulheres casadas, acostumadas a abusar da tolerância de seus maridos...

Na verdade, tivera alguns casos com essas últimas, e que chegaram ao fim quando ele encontrou algo de mais interessante a fazer do que o papel de galã junto àquelas belezas decadentes...

É claro que tinha uma amante, pela simples razão de que isto estava tão na moda quanto possuir esplêndidos cavalos ou pertencer aos melhores clubes.

As mulheres a quem ele oferecia sua proteção achavam difícil

conservar o interesse do conde, e, tão logo passavam a gozar da companhia de um protetor mais ardente, ele sentia dificuldade em recordar seus nomes.

Com lady Caroline o caso foi diferente, e ele enamorou-se perdidamente de sua beleza.

Ela parecia-lhe o cúmulo da perfeição, e era exatamente isto o que ele desejava em sua vida. Seria a dona de sua casa, a qual já começava a assumir determinada forma diante de seus olhos.

Quando ela o aceitou, o conde começou a projetar um cenário perfeito para a beleza de lady Caroline.

Gostava de organizar muito bem tudo o que fazia, como resultado de um planejamento cuidadoso. Assim sendo, não tinha a menor pressa em se casar, e isto, para sua noiva, parecia algo essencial.

- Já lhe disse – comunicou, quando, após o jantar, já se encontravam na sala de estar – que o castelo ficará pronto dentro de quatro ou cinco meses? Amanhã perguntarei se o trabalho pode ser acelerado, mas acho que é pouco provável.

Notou que lady Caroline ficou contrariada e acrescentou:

- Já bati um recorde, ao construir uma casa dessas com tamanha rapidez.

- Pois bata mais outro casando-se comigo no final do mês!

- Isso dificilmente seria um recorde. Aliás, muita gente o consideraria uma exibição, um ato apressado e suspeito.

- Você não pode dizer uma coisa destas! Afinal de contas, estamos noivos há dois anos.

- Sim, secretamente... E combinamos que ninguém ficaria sabendo do fato, a não ser seu pai.

- Agora é meu pai quem deseja que nos casemos.

- Ele não me disse nada – declarou o conde, surpreendido.

- Papai disse-me que, na sua opinião, já é tempo de nos casarmos. As pessoas já estão começando a fazer comentários a seu respeito e não entendem por que você demora tanto a assumir um compromisso.

- As pessoas que murmuram essas coisas não têm a menor importância.

- Mas eu tenho, ou pelo menos assim me parece... Eu também quero me casar. Quero ser sua mulher.

O conde levantou-se do sofá onde estavam sentados e ficou de costas para a lareira. Parecia extremamente belo e elegante, mas havia dureza nos olhos azuis de Caroline, enquanto ela dizia:

- Veja só o que faço por você! Venho a seu encontro, de maneira que possamos ficar a sós, arriscando minha reputação. Você sabe muito bem o que as pessoas diriam, se soubessem de minha presença em sua casa.

- A sugestão partiu de você, e, francamente, Caroline, apesar de não gostar de dizer isto, acho que foi um erro.

O conde notou que ela ficava furiosa, mas sabia que devia tê-la impedido de praticar um ato tão pouco convencional como o de ir sozinha à sua casa.

A seus olhos, aquele era o tipo de comportamento que punha uma mancha na perfeição dela. Não haveria de querê-lo em alguém que seria sua futura esposa.

Então, achando que tinha sido um tanto brusco, declarou, com certa ternura:

- Claro que fiquei muito comovido, Caroline, ao ver que você confia em mim. Ao mesmo tempo, preciso pensar em sua pessoa ou, se quiser, preciso protegê-la de si mesma. Isto não deve voltar a acontecer.

- Não haverá motivos para que aconteça, se estivermos casados.

Caroline achou que estava empregando a tática errada em relação ao conde. Levantou-se e caminhou em sua direção. Colocou as mãos sobre seus ombros e encarou-o, perfeitamente consciente de que a luz dos candelabros transformava seus cabelos loiros em ouro puro.

- Não devemos brigar, Granby – disse, empregando toda sua sedução. – Eu o amo, você me ama e não existe nada mais terrível do que não estarmos juntos.

O conde enlaçou a cintura dela e pensou, enquanto a puxava de

encontro a seu corpo, que ela era atraente e doce, como toda mulher devia ser.

Estava a ponto de dizer-lhe que a amava quando colou seus lábios aos dele, beijando-o com uma paixão que o deixou surpreendido.

O conde estava acostumado a ser solicitado pelas mulheres, mas era algo que não achava particularmente atraente na mulher a quem tinha a intenção de desposar.

Devido à beleza de Caroline, sempre a tratara como algo muito delicado e frágil.

Sentia que ela estava fora do alcance das paixões humanas comuns, até chegar o dia em que lhe ensinaria tudo a respeito do amor, empregando nisso a mesma habilidade que demonstrava em tudo o mais.

Agora percebia que Caroline estava tentando excita-lo, e havia um lado seu, muito crítico, que sabia que, se ela agia assim, é porque achava que ela acabaria concordando com seus desejos.

O conde possuía um caráter muito bem formado e era senhor de uma grande determinação.

A atitude de Caroline fortaleceu sua resolução e ele decidiu não concordar com o pedido dela; sentia que aquilo destruiria a perfeição que esperava de sua futura esposa.

Beijou-a, ou melhor, submeteu-se à insistência de seus lábios, mas sabia perfeitamente que, enquanto ela o excitava como homem, havia nele um lado muito idealista, que ficava muito surpreendido e mesmo quase chocado pela maneira como ela se comportava.

Caroline passou os braços em torno de seu pescoço e forçou ainda mais a aproximação.

- Oh, Granby, Granby! Como podemos esperar? Quero pertencer a você, quero ser sua! Cinco meses me parecerão cinco séculos, se não pudermos estar juntos!

Então, antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, ela voltou a beijá-lo, com ardor e insistência, acendendo dentro dele uma chama, que o conde sabia ser puramente física.

No plano espiritual ele ficava de lado, contemplando-se e a Caroline ao mesmo tempo.

Mais tarde, depois de ter conduzido Caroline até a casa dela, enquanto ela chegava quase a suplicar-lhe que atendesse a seus desejos, o conde voltou para sua residência, sentindo-se extremamente perturbado.

Não tinha o menor desejo de discutir o assunto e, antes de despedir-se de Caroline, disse-lhe que iria pensar se seria possível antecipar o casamento, contrariando suas intenções.

Sabia que essa declaração lhe tinha dado alguma esperança, mas até mesmo ela suspeitava de que aquilo se tratava de um pequeno truque da parte dele, a fim de que a noite terminasse de maneira agradável.

O conde não conseguiu dormir, tentado evitar encarar fatos na sua opinião tão desagradáveis que teria preferido ignorá-los.

Eles, no entanto, persistiam, e nem mesmo o frescor do ar matinal e o fato de estar cavalgando um cavalo novo e impulsivo, comprado recentemente, conseguiam desmanchar a nuvem de aborrecimento que parecia envolvê-lo.

Como queria chegar cedo, seguiu por algumas estradas que abreviavam o trajeto e chegou ao castelo em tempo recorde.

Assim que viu suas torres e chaminés recortadas contra o céu, sentiu novamente aquele entusiasmo que fazia com que todo o seu trabalho se tornasse um ato de alegria.

O sol batia nas vidraças e ele pensou que aquilo que havia criado era um sonho de pedra e mármore.

A casa estava quase completa, mas sabia que não conseguiria relaxar ou descansar enquanto houvesse pedreiros trabalhando.

Eram dez horas e um quarto quando apeou do cavalo e um criado veio correndo da cocheira, a fim de levar o animal.

Enquanto o conde subia os degraus da entrada, pensava, com enorme alegria, que dali a pouco o quadro de Van Loo chegaria, enviado por Dárcia.

Ainda não conseguia acreditar que ela estava vendendo o quadro original. Receava descobrir que não passava de uma falsificação.

Apressou seus passos e foi até o grande salão onde o quadro seria colocado. Olhou casualmente para as paredes e, para sua grande surpresa, constatou que o quadro já estava lá!

Ao contemplar a grande almofada de seda azul- escura sobre a qual Vênus se apoiava, decidiu que nome daria ao salão. Percebeu também que tipo de mobília e de cortinas empregaria em sua decoração.

Ali seria o “Salão Azul”, aliás, de um azul bastante diferente do tom dos olhos de Caroline.

Vênus, em toda a perfeição de sua nudez, fazia o conde sentir ser ela a encarnação da beleza e do amor, algo que carregava em si o cúmulo de uma perfeição absoluta.

Ficou parado diante do quadro, notando o contraste entre o corpo muito alvo de Vênus e a pele de Mercúrio, bronzeada de sol.

O mensageiro dos deuses estava sentado a seus pés e o conde lembrou que, em uma das histórias mitológicas, Vênus desposava Mercúrio e Cupido nascia dessa união.

Contemplou a criança debruçada sobre o joelho do pai, escrevendo na folha de papel que ele lhe entregara. O conde disse a si mesmo que um dia ensinaria a seus filhos tudo o que havia aprendido.

Pareceu-lhe que os salões daquele castelo não receberiam a presença de hóspedes distintos ou de belas mulheres que esperassem que ele passasse seu tempo a fazer-lhes a corte, mas sim que seriam povoados pela presença de seus filhos.

Sabia que não haveria lugar mais perfeito para educar seus filhos do que a casa que havia construído com tanto amor.

Nas cocheiras, já prontas, haveria espaço para numerosos cavaleiros, para as carruagens das crianças e, no inverno, para os trenós e os tobogãs, quando a neve cobrisse a colina sobre a qual a sua casa estava edificada.

Sentia agora que todas as peças se encaixavam e, mais do que nunca, sentia que aquela casa lhe era muito necessária, representando

mesmo a realização de todos os seus desejos e aspirações.

Percebia que tinha feito uma jornada muito longa e que, a exemplo de Jasão, tinha encontrado o Velocino de Ouro, que tanto procurava. Tudo que lhe andava pelo coração e pela mente concentrava-se agora naquele quadro que tanto admirava.

Deu um profundo suspiro de satisfação e, subitamente, teve a sua atenção despertada para o cabelo de Vênus, castanho-escuro e encaracolado em torno de sua cabeça. Era muito diferente dos loiros cabelos de Caroline e lembrava-lhe muito mais os de Dárcia...

Lembrou-se de que, enquanto almoçavam sob as árvores, o sol brilhara através da folhagem e incidira sobre os cabelos de Dárcia, revelando luzes avermelhadas que brilhavam como pequeninas chamas.

Naquele momento, estava tão concentrado no seu diálogo com a jovem que não havia pensado no fato até então. Lembrava-se também de que os olhos dela eram de um verde intenso, de chamar a atenção.

A cor dos olhos de Vênus, no quadro, não podia ser percebida porque ela estava contemplando Mercúrio, mas o conde desconfiou que aqueles cabelos castanhos pediam olhos verdes e que unicamente esta cor poderia satisfazer o pintor.

Como poderei agradecer a Dárcia por ter trazido para esta sala algo de tão belo e apropriado?, perguntou a si mesmo.

Depois de contemplar o quadro por muito tempo, foi buscar a planta do castelo, a fim de acrescentar à lista de móveis tudo aquilo que seria necessário para decorar o Salão Azul.

Seis dias mais tarde, Dárcia escrevia cartas de agradecimento quando o sr. Curtis entrou na sala.

Ao vê-lo fechar cuidadosamente a porta, percebeu que ele tinha algo a lhe comunicar e constatou que havia escolhido bem o momento.

Ela e a marquesa tinham almoçado fora. Sua dama de companhia fora para o quarto descansar um pouco, preparando-se para o baile a que compareceriam naquela noite, no palácio dos príncipes de Gales, herdeiros da coroa inglesa.

Fora unicamente devido ao prestígio da marquesa que Dárcia

recebera um convite para o baile, pois os príncipes normalmente não convidavam jovens solteiras.

O príncipe e a princesa de Gales recebiam apenas amigos casados, de sua própria idade, ou homens e mulheres mais velhos, todos eles gente extremamente sofisticada.

- É uma grande honra para você – disse a marquesa, quando o convite chegou – e uma experiência que dará grande alegria a seu pai.

- Papai deveria ir em meu lugar.

- Ele estaria muito mais interessado do que você. se ir a uma festa como essa não lhe agrada, acho que desistirei de você! Vivo me perguntando, menina, o que você quer da vida. Durante todo o tempo em que vivi em Paris e Londres, não me lembro de uma jovem ter tido tanto sucesso quanto você. Todo mundo fala de sua beleza, seus trajes, seu encanto e, no entanto, tenho a sensação de que quase não presta atenção no que está acontecendo. Estou errada?

- Não quero responder a essa pergunta – disse Dárcia, rindo.

- Então, eu a responderei por você: está apaixonada! Apesar de me interrogar dia e noite, sem parar, não consigo imaginar quem foi que capturou seu coração.

- E por que imagina que existe alguém?

- Que jovem recusa as ofertas de casamento que você reusou, a menos que seus interesses estejam voltados para um outro objetivo?

A marquesa levantou a mão e começou a contar nos dedos todos os homens que haviam pedido Dárcia em casamento.

Quando chegou ao terceiro dedo, Dárcia interrompeu-a:

- Pare! Não suporto ouvi-la falar a respeito deles. Já me pressionou suficientemente a aceitar seus títulos, seus palácios arruinados e sua pobreza disfarçada.

- Isto não é justo! Lorde Hilton é tão rico quanto você.

- Ele me dá arrepios, acho-o horrível!

- Nunca vi ninguém tão apaixonado quanto aquele simpático D'Arcy Arlington.

- Ele é jovem demais para desposar alguém!
- Pois é três anos mais velho do que você, que, evidentemente, prefere um homem mais velho. Quem é ele?
- E quem lhe disse que existe alguém?
- Você não me engana.
- Pois então direi que não quero conversar a respeito deste assunto.

- O que significa que ele ainda não se declarou! Minha querida, espero que saiba o que está fazendo. Esses pedidos de casamento, que aliás acho muito importantes, talvez nunca mais se repitam.

Dárcia não disse nada. Sabia apenas que, se todos os homens da Inglaterra ficassem de joelhos diante dela, com exceção de determinada pessoa, continuaria a esperar...

- Posso lhe falar durante alguns momentos, senhorita? – perguntou o sr. Curtis.

- Sim, claro.

Dárcia estava à espera das informações que havia solicitado ao sr. Curtis, mas não gostava de parecer impaciente.

- Fiz muitas investigações, conforme me pediu, a respeito de lady Caroline Blakeley.

- Sabia que o senhor não me desapontaria.

- Achei melhor não escrever nada.

- Não, claro que não. Conte-me o que descobriu.

- Soube que, devido a lady Caroline estar constantemente na companhia de lorde Arkleigh, seu pai, ficou extremamente aborrecido.

- Ela está enamorada de lorde Arkleigh?

- Creio que sim, senhorita. Na verdade, é um romance que existe há muito.

- E por que será que não se casam?

- Lorde Arkleigh já é casado.

- Não me passou pela cabeça... – comentou Dárcia, muito

surpreendida.

- A mulher dele mora no campo, com seus filhos e todo mundo sabe que ela não gosta de Londres. O duque, o pai de lady Caroline, mostra-se encantado por existir um compromisso entre ela e o conde de Kirkhampton, mas teme que o romance termine.

- Isso não me surpreende nem um pouco.

- O duque comunicou à sua filha que ela deve se casar o mais breve possível. Enquanto isto, proibiu-a de ver lorde Arkleigh.

- E lady Caroline obedecerá?

- É justamente a esse respeito que irei falar, senhorita, mas trata-se de um assunto um tanto delicado e não me sinto à vontade, diante de sua pessoa.

- Sr. Curtis, fale como se estivesse na presença de meu pai. Ele me disse que eu podia confiar inteiramente no senhor e é importante que eu saiba a verdade em relação a este assunto.

- Muito bem, senhorita. O duque proibiu expressamente lady Caroline de avistar-se com lorde Arkleigh. A fim de poderem encontrar-se, tiveram de comportar-se de modo pouco convencional e até mesmo repreensível.

- O que quer dizer com isso?

- Existe na rua St. James um pequeno hotel, chamado Luxor, que tem a reputação de ser freqüentado pelas pessoas da sociedade que não querem ser vistas. Existem quartos a disposição das senhoras e cavalheiros, que ali podem jantar a sós, neles permanecendo... quanto tempo desejarem...

- Compreendo.

- Ninguém faz perguntas e os quartos são reservados sob nomes falsos.

- Então é lá que lady Caroline se encontra com lorde Arkleigh! Costumam ir lá muitas vezes?

- Pelo que soube com freqüência. Por exemplo, amanhã à noite, um certo sr. Payne reservou um quarto, onde haverá jantar.

- Obrigada, sr. Curtis. Disse-me exatamente o que queria saber. Quero que faça algo mais por mim.

O sr. Curtis tirou do bolso a caderneta e anotou o que Dárcia lhe dizia, sem demonstrar a menos surpresa.

O conde reconheceu que havia se desinteressado bastante das obras do castelo devido ao fato de Dárcia não ter aparecido para saber se ele havia ficado contente com o quadro.

Parecia-lhe inacreditável que ela não quisesse saber o quanto ele estava satisfeito com a mais recente aquisição.

Começou a pensar, desanimado, que ela estava começando a perder o interesse e que, em consequência, a construção ficaria prejudicada.

Olhando casualmente de uma das janelas, notou que uma carruagem chegava.

Seu coração disparou e, aproximando-se rapidamente da porta da entrada, encontrou-se com Dárcia. Estendeu ambas as mãos, muito acolhedor.

- Finalmente! Onde foi que se escondeu? Por que me abandonou? Eu a tenho esperado todos os dias e parece-me que demorou um século!

Falava com impulsividade, bem ao contrário de seu modo de ser, e Dárcia sentiu que renascia para a vida.

Então, sem que ela pensasse no que estava fazendo, suas mãos se entrelaçaram. Ao sentir o calor dos dedos dele, ela experimentou uma enorme sensação de felicidade, como nunca tinha ocorrido antes.

- Estive ocupada... muito ocupada.

- Fiquei preocupado, imaginando se a tinha ofendido ou dito algo sem querer. Achei que estava querendo me castiga!

- Não foi nada disso.

- Pois, então, venha ver o seu quadro. Eu pendurei e você tinha inteira razão. Era exatamente do que o salão precisava!

Atravessaram os longos corredores e encaminharam-se até o

salão. Lá chegando, Dárcia respirou fundo, muito surpreendida, pois não somente o quadro estava no lugar como o salão se apresentava inteiramente mobiliado.

O tapete no chão, em tons de azul, combinava com o azul da tela, e as cortinas eram exatamente da mesma cor.

A mobília era muito elegante e correspondia inteiramente a seu gosto. Sem dúvida a teria escolhido, caso tivesse sido convidada a fazê-lo.

O conde não tirava os olhos dela, enquanto Dárcia contemplava o salão. Não precisava dizer nada, pois sua expressão demonstrava o quanto tudo aquilo lhe agradava.

- Como está vendo, deixei um lugar vazio para a cômoda que me prometeu.

- Não me esqueci.

Sorriram um para o outro, como se estivessem a tal ponto de acordo que as palavras se tornassem desnecessárias.

- Quando a entregará?

- Amanhã, se quiser, mas preciso lhe falar de algo mais.

- Tenho certeza de que se trata de um objeto de que necessito.

- Não forçosamente, mas sinto que haverá de quere-lo.

- De que se trata?

- De um relógio combinado com uma gaiola dourada, que é também uma caixa de música. Foi fabricado na Suíça, por volta de 1780.

- É algo que sempre quis, mas não havia nada semelhante do Castelo de Kirkhampton...

- As penas do passarinho são verdadeiras, e quando a música toca ele abre o bico, move a cauda e bate as asas.

- Quero esse relógio imediatamente!

- Poderá tê-lo hoje à noite, mas é que é um pouco mais complicado do que as coisas que lhe trouxe.

- Como assim?

- O atual dono, um homem muito velho, não o dará a mim, mas unicamente à pessoa que o comprar. Trata-se de um objeto particularmente precioso e ele quer mostrar ao futuro dono como lidar com ele.

- Não vejo a menor dificuldade nisso. Quando posso encontrar esse cavalheiro?

- É muito idoso e muito frágil, receio que não possa vir a sua presença. Terá de ir ao encontro dele.

- Pois estou mais do que disposto a isso.

- Será preciso ir a um hotel onde ele está hospedado, em Londres, hoje à noite. Ele manda perguntar se as dez é um horário conveniente.

- Mais uma vez não vejo o menor problema.

- Ele insiste em que eu o acompanhe. Sempre receia que seus tesouros sejam adquiridos por gente que não os aprecia e sempre pede que eu vá junto com as pessoas interessadas.

- Pois estou em suas mãos.

- Queria que ficasse com essa verdadeira jóia. Não existe nada igual. Acho que é única no mundo, pois logo depois de terminada o relojoeiro morreu.

- Quer sugerir onde devo coloca-la? Estou disposto a prometer a você e ao atual proprietário que ninguém tocará no relógio, a não ser eu.

- Isto o tornará muito feliz. Agora mostre as salas que terminou.

- Daqui a um minuto. Se devemos encontrar o velho às dez horas, onde poderemos nos ver?

- Onde quiser.

- Pois então ficaria muito honrado se jantasse comigo.

O conde não conseguiu deixar de lembrar que tinha ficado chocado, ou pelo menos surpreendido, com o fato de Caroline jantar a sós com ele em noite anterior. Imaginou se também não estaria agindo de maneira errada, ao convidar Dárcia para fazer o mesmo.

Chegou à conclusão de que estava sendo pouco sensato. Caroline era uma coisa, mas a criatura com quem tinha relações comerciais e

cujo nome sequer sabia era algo de muito diferente.

- Ficarei encantada. Sinto curiosidade em conhecer sua residência em Londres.

- Pertenceu a meu pai e, depois de terminar este castelo, pretendo fazer algumas reformas por lá. Sei, no entanto, que gostará dos quadros que lá estão.

- Já me sinto ansiosa por vê-los.

- Então posso mandar uma carruagem busca-la? O jantar será servido às oito.

- Irei por minha própria conta e voltarei da mesma forma.

- Mais mistérios? Ainda decidida a manter o anonimato?

- Disse-me que o deixo intrigado,

- É verdade, mas acho isso um tanto desagradável.

- Sinto muito.

- Já lhe disse que quero que confie em mim. Sinto que já sabemos muita coisa a respeito um do outro a não há mais necessidade de fingirmos.

Por um momento Dárcia imaginou se deveria dizer-lhe a verdade.

Então indagou até onde deveria ir essa verdade. De qualquer maneira, seria impossível admitir que ela era a rica condessa objeto dos comentários de Londres inteira.

Ele, com muita razão, perguntaria por que ela fingia necessitar de dinheiro e também onde havia conseguido aqueles fantásticos tesouros que lhe haviam proporcionado tanto prazer.

Não, não devo falar!, disse a si mesma.

Até ali seus planos tinham dado certo e ela cometeria um grande erro se revelasse cedo demais sua verdadeira intenção, ao procura-lo.

Foi muito fácil mudar de assunto, pois tinham ido até a biblioteca e Dárcia não conteve a sua admiração diante da belíssima coleção de quadros que lá se encontravam.

Havia também várias pelas de mobília francesa, sobre a qual ela

possuía grande conhecimento. Sabia que ele ficaria surpreso ao ver o quanto ela entendia do trabalho dos grandes marceneiros franceses do século XVIII.

Voltaram em seguida à Sala do Café da Manhã, agora completa, com mesa e cadeiras forradas com belíssimo tecido.

Já era quase meio-dia quando Dárcia disse:

- Agora preciso deixa-lo. Tenho de voltar a Londres.

- Quer dizer que não trouxe a cesta de piquenique? Estava contando com outra igual àquela que tanto apreciei, da última vez que estive aqui...

- Sinto muito, mas não posso ficar de modo algum. Além do mais, nós nos veremos hoje à noite.

- Não se atrase ou ficarei aflito, imaginando que voltou a desaparecer e sem ter a menor idéia de onde encontra-la.

- Prometo-lhe que não o deixarei sem o seu precioso relógio com caixa de musica, apesar de me sentir muito tentada a ficar com ele.

- Não ouse fazer uma coisa dessas! – disse o conde, rindo.

Somente quando voltava a sós para Londres, Dárcia perguntou a si mesma se, na realidade, estaria agindo corretamente.

Tinha a sensação incomoda de que estava brincando com o destino e que este último é quem diria a última palavra.

Ao mesmo tempo, sabia que tinha de salvar o conde da armadilha que lhe fora preparada, não somente por lady Caroline, mas também pelo pai dela.

Era evidente que qualquer pai de uma linda criatura haveria de querer para ela um esposo distinto e rico, e quem melhor do que o conde de Kirkhampton?

Ao mesmo tempo, Dárcia sabia que, a exemplo dela mesma, o conde jamais se contentaria com um casamento que não fosse baseado no amor.

Assim como havia construído sua casa com amor, pondo nisso todo o seu coração, haveria de querer fazer o mesmo com seu

casamento.

Talvez ele nunca me ame. Na verdade, depois de hoje à noite, talvez me odeie. Ao mesmo tempo, não se ligará a uma mulher que ama outro homem.

Dárcia tinha certeza absoluta de que lady Caroline não possuía a menor intenção de desistir de lorde Arkleigh, mesmo depois de casada. Na realidade, seria mais fácil para eles avistarem-se e permanecerem juntos, pois o duque não mais interferiria.

Naquela noite em que estivera no palácio dos príncipes de Gales ficara sabendo de todos os romances existentes entre os convidados.

Haviam esposas enamoradas dos amigos de seus maridos e maridos que flertavam com as mulheres de outros homens.

Notava a expressão de seus olhos quando dançavam juntos. Consequia sentir suas vibrações, quando se sentavam lado a lado em um sofá. Comportavam-se exteriormente da maneira mais exemplar possível, mas seus corações batiam de modo muito diverso...

Eu jamais suportaria viver assim!, disse Dárcia a si mesma.

Sabia que quando se casasse havia de querer estar apaixonada, estar ao lado do homem a quem amava e esquecer que os demais homens existiam.

Sabia que aquilo o magoaria e mancharia a perfeição que ele procurava em sua casa, em sua mente e em seu coração.

Preciso salva-lo e isto é mais importante do que qualquer outra coisa, decidiu.

CAPÍTULO VI

Ao dirigir-se para a casa do conde, na carruagem muito simples que o Sr. Curtis lhe providenciara, pois desejava permanecer no anonimato, Dárcia sabia que estava se comportando de modo muito pouco convencional.

Tinha plena consciência de que era inconcebível para uma jovem ir sozinha à casa de um homem solteiro. Se alguém ficasse sabendo daquilo, sua reputação estaria arruinada.

Lembrou-se dos cuidados de seu pai em Paris, ao insistir que

ninguém deveria saber que ela o visitava. Sabia também que ficaria indignado se tomasse conhecimento do que fazia naquele momento.

Ao mesmo tempo, não poderia recuar e tornar-se subitamente uma pessoa convencional, pois seu relacionamento com o conde já se tornara completamente diferente de tudo o que ela havia vivido até aquele momento.

Os cavalheiros que dançavam com ela nos bailes, que lhe enviavam flores todas as manhãs e que lhe confessavam estar loucamente apaixonados tomavam muito cuidado para não se comportar de maneira atrevida.

Sabiam que a marquesa a vigiava de perto e, porque experimentavam o desejo sincero de desposar Dárcia, não cometiam o engano de tentar atraí-la para algum lugar escuro e distante, no jardim...

Por ser jovem e inexperiente, no que dizia respeito aos homens, Dárcia não tinha a menor idéia de que seu comportamento merecia a aprovação das mulheres de idade, que em geral eram as criaturas mais dispostas a fazer críticas.

Agora, sua consciência a incomodava. Sabia que não somente deveria ter recusado o convite do conde para jantar a sós com ele, mas que, em absoluto, deveria participar daquela aventura. Por outro lado, estava totalmente entregue à tarefa de salva-lo de lady Caroline.

Gostaria de fingir para si mesma que não o amava.

Ao mesmo tempo, sabia que seu amor, que existia desde quando era menina, voltava-se mais para o conde do que para si mesma.

Não conseguia suportar que ele se assemelhasse a tantos outros homens, infelizes no casamento, inquietos, procurando divertimento fora de casa e despertando o desprezo ou a piedade de seus amigos.

Tudo nele era tão incrível! Como posso vê-lo falhar naquilo que, para o homem, é um dos aspectos mais importantes de sua vida?

Não conseguia entender como lady Caroline não reconhecia o que o conde fazia por ela, ao construir uma casa de contos de fadas, feita para pessoas que se amavam.

Dárcia compreendeu então que o amor não podia ser forçado ou

dirigido. Se lady Caroline amava de verdade lorde Arkleigh, então não poderia ter outro homem.

Quando o sr. Curtis lhe contou que lorde Arkleigh era casado, conseguiu entender porque o duque pressionava sua filha a fim de casar imediatamente com o conde, empregando toda sua autoridade de pai, a fim de manter os amantes separados.

Era o tipo de situação que lembrava a vida que Dárcia tivera ao lado de seu pai.

Acontece que era ele quem perseguia belas mulheres, achando que tudo aquilo não passava de uma aventura ligeira, sem se importar com o fato de que alguém acabaria se magoando.

Na verdade tudo isso é um erro, pensou Dárcia. Sabia que tudo o que queria na vida era a segurança de um lar, filhos e, é claro, um marido.

Ao pensar nisso, suspirou sabendo que o único homem que poderia torna-la feliz era o conde.

A carruagem parou diante do palacete dos Kirkhampton e, quando o criado abriu a porta, ela saltou rapidamente, subindo as escadas às pressas e entrando no vestíbulo, receosa de ser vista por alguém.

O conde, como se não conseguisse conter sua impaciência por vê-la, veio a seu encontro com um sorriso. Ele mesmo fez questão de tirar o casaco de Dárcia, comentando:

- Receava que desistisse, à última hora.

- Como vê, estou aqui – respondeu Dárcia, sem conseguir disfarçar a alegria que sentia.

Foram até a sala de estar e o conde declarou:

- É a primeira vez que a vejo vestida em trajes de noite. Sabia que ficaria muito bem...

Na realidade, Dárcia havia hesitado durante muito tempo, sem saber o que usar.

Inicialmente desejava que ele acreditasse ser ela uma profissional do ramo dos móveis e dos quadros e achara que seus vestidos simples, dos tempos do colégio, eram apropriados.

No entanto, nesse dia tinha abandonado toda a sensatez, examinando durante muito tempo a fantástica coleção de vestidos que havia comprado em Paris.

Muitos deles foram imediatamente deixados de lado, pois eram mais apropriados para um salão de baile. Havia outros um pouco mais simples, mas que ao mesmo tempo exibiam a elegância de Paris.

Finalmente escolheu um vestido branco, bastante simples, porém recoberto por belíssimas rendas, entremeadas por laços de veludo azul, aquele mesmo azul que havia deixado o conde encantado, ao contemplar o quadro de Van Loo.

O vestido revelava o quanto sua cintura era delgada e o corpete justo valorizava as curvas suaves de seu corpo.

Seus ombros estavam nus e ela não usava nenhuma jóia.

Teria sido um erro trazer jóias. Apesar de seu pai ter lhe dado pedras fantásticas e de ela ter herdado peças magníficas que haviam pertencido a sua mãe, Dárcia não desejava tornar o conde mais curioso do que já estava.

Usava, portanto, um pedaço de veludo em torno da garganta, da mesma cor daquele que enfeitava sua saia e do qual pendia uma miniatura lindamente pintada, com o retrato de sua mãe.

Seu único enfeite era o marfim, rodeado por pequeninos diamantes, e a miniatura era uma verdadeira obra-prima.

Como ela esperava, o conde sentiu-se imediatamente atraído.

- Nunca vi uma miniatura tão bela – declarou, enquanto lhe estendia uma taça de champanhe.

Dárcia corou, pois não estava acostumada a receber elogios do conde, e ele disse:

- Nem preciso lhe dizer que sua aparência é perfeita, como aliás tudo o mais que você faz.

- Aqui estão os quadros que eu tanto queria ver! – declarou Dárcia, bastante encabulada.

- E por que não diz que sentia vontade de me ver? Como bem sabe, tem me deixado de lado e espero que se penitencie, mostrando-se

especialmente bondosa para comigo hoje à noite.

- Espero chegar a este resultado deixando-o encantado com a caixa de música.

- Não devemos pôr os carros diante dos bois. No momento estou feliz com sua presença.

Dárcia sentiu-se um tanto surpreendida. Parecia-lhe que ele se dirigia a ela de um modo um tanto diferente. Achou que isso se devia ao fato de eles não estarem mais pensando unicamente na casa que o conde construía, mas serem, na realidade, apenas um homem e uma mulher jantando juntos. Nessas circunstâncias, poderiam muito bem interessar-se um pelo outro.

O jantar foi anunciado e Dárcia, examinando a sala de jantar, verificou que tinha uma aparência muito formal, a não ser pelos quadros, que datavam do século XVIII e eram de grandes artistas.

- Gostaria de lhe mostrar alguns quadros de nosso excelente pintor Gainsborough, que estão na sala ao lado, mas não devemos demorar muito tempo, ou seu amigo não nos esperará.

- De fato – concordou Dárcia.

Como queria agrada-lo, dirigiu a conversa para os cavalos e verificou que o conde, apesar de preocupado no momento com a construção de sua casa, de forma alguma havia deixado aquele seu primeiro amor.

- Como pode saber tanto a respeito de um assunto como esse?

- Como já lhe disse, quando me mostrou pela primeira vez a paisagem que se vê do castelo, não é necessário que a gente seja dono de alguma coisa para poder possuí-la.

- Compreendo muito bem, pois é o que sempre senti. Outro dia alguém me perguntou por que eu não comprava a Vênus do pintor Botticelli. Pois bem, toda vez que vou a Florença e contemplo aquela obra, sinto que ela me pertence.

- Eu também sinto o mesmo.

- Já estive em Florença?

- Sim, há alguns anos.

Lembrou-se da propriedade que seu pai havia adquirido nos arredores de Florença, até ficar enjoado dela. Lembrou-se igualmente da bela dama florentina que o divertia, até que ele enjoou dela também...

- Você me parece pensativa, e nunca vi essa expressão em seu rosto – comentou o conde inesperadamente.

- Como sabe que é isto que estou sentindo?

- Seus olhos são muito expressivos, Dárcia, e você sabe muito bem que nem sempre precisamos explicar as coisas através das palavras.

- É verdade.

- Eu a compreendo muito bem, e é por isso que acho tão frustrante encontrar diante de nós uma barreira que não consigo demolir, pois você não confia em mim.

- Quem sabe isso acontecerá um dia?

- Detesto as promessas feitas pela metade, da mesma forma que não me agrada o fato de não ter certeza de quando voltarei a vê-la...

- Eu sempre acabo aparecendo...

- Você é como um relâmpago que ilumina as trevas, ou como uma estrela brilhando no céu. Seus olhos despertam minhas ambições...

- Sente-se realmente assim? – indagou Dárcia, em tom de brincadeira.

- Não faz muito tempo eu teria dito não a essa pergunta. Agora que a conheço, minha resposta é sim.

Havia algo, no modo como ele se exprimia, que a fazia sentir-se quase sem fôlego, e o coração lhe disparava.

Tinham tanto o que conversar que o jantar chegou rapidamente ao fim. Estavam com muita pressa e não houve tempo para examinar os quadros nas outras salas, pois tinham um compromisso marcado para as dez horas.

- Iremos em minha carruagem, por favor – declarou Dárcia e o conde não insistiu.

- Para onde vamos? – indagou, quando a carruagem se pôs em movimento.

- Para o Hotel Luxor.

- Para o Hotel Luxor?! – repetiu o conde, como se não estivesse acreditando no que ouvia. – Não me parece o tipo de lugar apropriado para você!

- Para falar a verdade, sou eu quem o está levando para lá! O sr. Quincey hospeda-se lá há vinte e cinco anos, toda vez que vem a Londres.

O conde não disse mais nada e, quando chegaram diante do hotel, Dárcia olhou para o prédio com certa preocupação.

Parecia um lugar bastante comum, sem nada que chamasse especialmente a atenção. Dárcia foi até a recepção e perguntou pelo sr. Quincey. Ao entrar no hotel, sentiu-se contente por não cruzar com ninguém, a não ser com os empregados.

Sabia que, se a condessa de Sauze fosse vista em um lugar de tão má reputação, a notícia sem a menor dúvida, circularia entre a alta sociedade já na manhã seguinte.

O recepcionista inclinou-se respeitosamente e respondeu à sua pergunta:

- O sr. Quincey está à sua espera, minha senhora.

Entregou-lhe um cartão no qual estava escrito o número de um quarto e Dárcia aproximou-se rapidamente da escada, seguida pelo conde.

Ela carregava algo, um pacote pequeno, amarrado com uma fita.

- De que se trata? – perguntou o conde.

- É um presente para o sr. Quincey.

- Deixe-me carrega-lo para você.

- É muito frágil e prefiro não confia-lo a ninguém.

- Considero isso um insulto. Espere só eu lhe mostrar a porcelana cor-de-rosa que tenho em minha casa, da fábrica francesa de Sèvres, e você me pedirá desculpas por ter sido tão cuidadosa neste momento.

- Porcelana rosa de Sèvres! – exclamou Dárcia, excitada. – Você tem algumas peças?

- Para dizer a verdade, várias. Foram dadas a um de meus antepassados pela própria madame Pompadour, a amante do rei da França!

Dárcia mostrou-se impressionada e soltou um suspiro bastante expressivo.

Enquanto subiam as escadas, certificou-se de que gostaria de dar ao conde o precioso relógio e contemplar seu prazer, sem precisar ter de recorrer a todos aqueles truques para salva-lo das mãos de lady Caroline.

Chegaram ao fim da escada e percorreram um corredor mal-iluminado, até que Dárcia parou. Examinou o carão e disse:

- Número 13. É este quarto. Não bata. Entre direto.

O conde girou a maçaneta da porta e, quando abriu, o quarto surgiu diante de seus olhos como se fosse um palco.

Havia nele uma pequena mesa, onde duas pessoas tinham jantado. Mais adiante, encontrava-se um divã baixo, coberto com almofadas de seda, no qual duas pessoas se beijavam.

Assim que a porta se abriu, o casal voltou-se, admirado com aquela interrupção.

Dárcia viu lorde Arkleugh que, tendo retirado o paletó, estava em mangas de camisa, lady Caroline, com os cabelos despenteados, mas sempre muito bela.

Não parou para olhá-los, mas saiu rapidamente para o corredor, notando que o conde ainda estava parado diante da porta, como se tivesse se transformado em uma estátua de pedra.

Somente quando ela chegou ao fim do corredor ele finalmente a alcançou.

- Sinto muito, agora percebi que o número do quarto é 15. A letra não está muito clara e o corredor é mal-iluminado.

Estavam diante da porta número 15 e o conde não disse nada, mas, mesmo sem olhar para ele, sentia que estava chocado e profundamente tenso.

Não esperou que ele abrisse a porta, mas ela mesma o fez. O sr.

Curtis estava no quarto.

- Boa noite, senhorita. O sr. Quincey gostará muito de recebe-la, mas espero que não se demore muito. Não está passando bem hoje e o médico insistiu para que ele descansasse.

- Não ficaremos mais do que o necessário – replicou Dárcia, entrando no quarto.

Sentado em um dos cantos encontrava-se um homem muito velho, com as pernas cobertas por uma manta.

Seu rosto estava mal iluminado, mas na mesa ao lado encontrava-se aquilo que o conde pretendia ver.

Seguiu Dárcia e verificou que o relógio com caixa de música era ainda mais belo do que imaginava.

A habilidade com que a gaiola havia sido construída e as lindas cores do passarinho só podiam ter sido obra de alguém profundamente capacitado.

- Sinto muito que não esteja passando bem, caro sr. Quincey.

- É a idade... Acontece a todos nós... mas a senhorita ainda terá de esperar... por muito tempo.

- Não queremos cansa-lo. Trouxe comigo o conde de Kirkhampton. Posso mostrar-lhe como funciona sua linda caixa?

- Mostre, sim, minha cara. Minhas mãos tremem demais hoje.

Havia sobre a mesa uma chave, ao lado da caixa. Dárcia deu corda e no mesmo instante ouviu-se música, doce e melodiosa, em tudo parecida com o canto de um pássaro.

Dentro da gaiola dourada, um passarinho, com penas vermelhas e azuis, abria e fechava o bico amarelo, deu voltas no poleiro, abanou a cauda e, pouco antes de a música terminar, abriu as asas, mostrando toda a sua bela plumagem.

Quando terminou a última nota, o passarinho, que parecia realmente estar vivo, calou-se.

- É magnífico! Magnífico! – exclamou o conde, entusiasmado. – Como posso lhe agradecer, senhor, por permitir que eu...

Enquanto falava, olhou para o velho sr. Quincey e descobriu que ele tinha adormecido.

- Ele está muito velho. Se puser seu cheque sobre a mesa, o sr. Quincey o encontrará, assim que despertar.

O conde retirou um cheque do bolso.

- Leve a gaiola, mas não se esqueça da chave.

O conde colocou a chave no bolso, pegou a gaiola, e Dárcia deixou o presente que tinha trazido para o sr. Quincey ao lado do envelope.

Saíram rapidamente do quarto, em direção ao sr. Curtis.

- Quando o sr. Quincey acordar, diga-lhe o quanto fiquei grato e que prometo cuidar de seu tesouro com o mesmo cuidado com que ele o faria.

- Darei seu recado, meu senhor.

Voltaram pelo corredor escuro e Dárcia constatou, com alívio, que todas as portas estavam fechadas, incluindo a do quarto numero 13.

Não havia ninguém na recepção e a carruagem estava à espera deles. Subiram nela e, enquanto se afastavam, Dárcia perguntou:

- Ficou satisfeito?

- É uma palavra muito pouco adequada para descrever o que sinto. Esta gaiola é um pequeno tesouro, é algo que nunca vi antes.

- Gosto de imaginar que está instalando em sua casa o pássaro da felicidade...

- Sim, é o que todos nós procuramos. Não havia pensado nisso até o momento.

- Ele ficará muito bem no Salão Azul, mas sabe onde gostaria de coloca-lo?

- Não, mas morro de vontade de saber.

- Naquele salão que acaba de decorar. Se o pendurar diante do espelho que já colocou por cima da lareira, verá a gaiola refletida dezenas de vezes e ela fará um efeito extraordinário!

- Não deveria dizer uma coisa destas, mas, quando vi a gaiola

sobre a mesa, já sabia exatamente onde deveria coloca-la.

- Pensamos de maneiras idênticas...

- E com relação a vários assuntos...

Os cavalos pararam diante da casa do conde e Dárcia disse:

- Boa noite, milorde. Pensarei no passarinho, que sem dúvida cantará para o senhor antes que vá dormir.

- Queria lhe dizer algo antes que se vá e gostaria também que me mostrasse novamente como a chave da gaiola funciona. Não me perdoaria se acaso estragasse o mecanismo.

- Eu lhe ensinarei mais uma vez.

Entrou novamente na casa do conde e foram até a sala de estar, onde ele colocou cuidadosamente a gaiola, sobre uma mesa em frente à janela. Deu um passo para trás, para melhor admirá-la, declarando:

- Não terei um minuto de sossego enquanto esta gaiola não estiver fora do alcance de mãos pouco cuidadosas. E se uma das criadas ao admirá-la, derruba-la no chão?

- Ela sobreviveu durante cem anos e não acredito que algo lhe suceda agora.

- Você está tentando o destino...

Dárcia havia retirado o casaco e o lenço que lhe cobria a cabeça, e agora a luz das velas valorizava os tons avermelhados de seus cabelos. O conde aproximou-se, encarando-a.

- Quero agradecer-lhe, Dárcia, não somente pelo pássaro, mas também pela felicidade que me proporcionou...

Enlaçou-lhe a cintura, enquanto falava, e, puxando-a com força de encontro a si, beijou-a apaixonadamente, com uma violência e uma intensidade que ela, de certa forma, não esperava.

Seus lábios, ousados e audaciosos, evocavam em Dárcia um sentimento que a levou a esquecer tudo o que não fosse o arrebatamento que nascia dentro dela, pois estava sendo beijada pelo homem a quem amava.

Nunca tinha sido beijada antes e imaginava que fosse algo muito

terno e pleno de sedução.

Não lhe ocorria que pudesse ser algo tempestuoso e que, ao mesmo tempo, a levaria ao êxtase.

Sentiu que os braços do conde se tornavam mais rijos e a puxavam casa vez mais de encontro a si, até seus corpos se unirem, como se fossem um só. Sentia seu coração batendo de encontro ao dele.

Era parte dele, pertencia a ele, como sempre desejara. Já não tinha mais vontade própria e estava inteiramente em suas mãos.

Era o amor que havia procurado e desejado, o amor pelo qual havia lutado, e agora que a vitória era sua sentia-se despreparada, pois ela chegara mais cedo do que esperava.

Não havia imaginado aquela alegria selvagem, que parecia transporta-la para um mundo que não possuía qualquer contato com a realidade, um mundo no qual existia apenas o conde, seus braços, seus lábios e um amor que era como uma chama que os consumia.

O conde levantou a cabeça.

- Eu a amo, eu a amo e a desejo!

- E eu... também o amo!

Dárcia mal conseguia pronunciar aquelas palavras, porém sentiu que as dizia não somente com os lábios, mas com todo o seu ser.

- Você é tão bela! Você é a minha Vênus e gostaria de coloca-la em um altar e adora-la como merece.

Voltou a beijá-la, e Dárcia sentiu que já não conseguia pensar em mais nada. O fogo que havia se apoderado de seu coração agora queimava-lhe todo o corpo.

O conde afastou-se por um momento e levou-a até o sofá, onde ambos se sentaram, como se suas pernas já não conseguissem mais sustenta-los. Voltou a enlaça-la, atraindo-a para si.

- Precisamos fazer planos. Construirei para você uma casa perto do meu palácio e ela será tão bela e perfeita quanto a gaiola que protege nosso pássaro...

- Uma casa?

- Enquanto isso, encontraremos um lugar onde possamos ficar juntos. Sua casa, meu tesouro, é pequena demais e, além disso os habitantes da aldeia farão comentários. Parece-me que estamos sendo contemplados pelo destino...

Dárcia encostou a cabeça no ombro dele. Estava por demais perturbada por seus beijos para entender muito bem o que ele dizia.

- O amigo com quem estou hospedado comunicou-me hoje que está de partida para a Escócia. Se não fosse por minha presença, tinha a intenção de fechar a casa. Naturalmente ofereci-me para pagar todas as despesas até meu castelo ficar pronto, o que, aliás, não vai demorar. Ele concordou e é lá, meu amor, que ficaremos juntos! Ninguém saberá quem você é e se alguém aparecer mandaremos dizer que não estamos. Não será mentira, pois estaremos em minha casa, descobrindo novas maneiras de torna-la tão perfeita quanto desejamos.

O conde beijou-a mais uma vez, antes de prosseguir:

- Já imaginou que maravilha será você ficar a meu lado, sem desaparecer inesperadamente, deixando-me sem saber quando voltarei a vê-la?

Mais uma vez seus lábios se encontraram e o conde beijou Dárcia com uma paixão que a deixou quase sem fôlego.

- Eu a amo! Eu a amo como deveria ter amado desde o primeiro momento em que a vi. Deixe tudo por minha conta, minha adorada, e jamais permitirei que se arrependa. Quando nos separarmos, o que só acontecerá daqui a cem anos, prometo-lhe que nunca mais terá necessidade de dedicar-se a qualquer tipo de comércio e não lhe faltará dinheiro para o resto da vida.

Dárcia ia protestar, mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, os lábios do conde colaram-se mais uma vez sobre os dela. Não lhe restou fazer mais nada, a não ser constatar que aquele corpo musculoso e perturbador queimava como sol...

Uma hora mais tarde, ao dirigir-se sozinha para casa, Dárcia descansou o corpo de encontro às macias almofadas da carruagem, incapaz de pensar, incapaz de compreender o que havia acabado de acontecer.

Ao perceber que o conde lhe oferecia proteção, mas não o casamento, não havia ficado chocada, apenas surpreendida com sua própria tolice, não compreendendo que, depois de comportar-se daquela maneira, semelhante sugestão era inevitável.

A despeito do comportamento pouco convencional de seu pai, sempre soubera que o casamento entre os aristocratas era encarado de maneira muito diversa do que acontecia em relação àqueles que não possuíam sangue azul.

O amor não era fator importante no casamento, no que dizia respeito aos aristocratas.

O que lhes importava era a continuação da família e o fato de que as pessoas deveriam casar-se dentro da mesma classe social, trazendo para a união, se possível, vantagens sob a forma de terras ou dinheiro.

Agora Dárcia percebia o quanto tinha sido tola, imaginando que ao atrair o conde, como havia feito, conseguiria tornar-se sua esposa.

Achava seu plano muito bem feito e parecia-lhe que o resultado justificaria os meios.

Tinha imaginado tudo aquilo, da mesma maneira que o conde havia traçado os planos para sua nova casa.

Dárcia pretendia surpreendê-lo, primeiramente com sua juventude e beleza, em seguida com seu conhecimento sobre os quadros e o mobiliário de que necessitaria e, finalmente, com sua capacidade de consegui-los.

Tudo dera certo, tudo havia funcionado exatamente como ela pretendia.

Havia até mesmo eliminado lady Caroline da competição, mas, mesmo tendo chegado em primeiro lugar, percebia que não poderia receber o prêmio, devido unicamente a sua insensatez.

Como não fui me lembrar de que ele, com seu desejo de perfeição, jamais desposaria uma mulher que não pertença ao mundo da nobreza?

Desesperada, devido àquilo que o conde denominava uma “barreira” entre eles, sabia que, mesmo que lhe revelasse sua verdadeira identidade, a situação permaneceria a mesma.

A reputação de seu pai a impediria de tornar-se a esposa do conde de Kirkhampton, da mesma forma que ele achava que a srta. Dárcia não podia ser nada além de sua amante.

Papai teria me explicado tudo se eu lhe pedisse...

Sabia porém que seu pai teria zombado dela, achando-a infantil por imaginar, sequer por um momento, que seus planos pudessem dar certo.

Ele me ama tanto quanto o amo, disse a si mesma, como se estivesse se defendendo.

Sabia que aquilo não era inteiramente verdade. Amava o conde, desejava ser sua esposa e mãe de seus filhos, ao passo que o conde a desejava apenas como mulher.

Ao chegar a casa, foi diretamente para seu quarto, depois de ser informada que a marquesa ainda não havia voltado.

No início daquela noite, ao planejar levar o conde até o Hotel Luxor, verificou que ela e a marquesa deveriam jantar com lorde Sullivan, um velho amigo e admirador de sua dama de companhia.

- Estou com dor de cabeça – declarou Dárcia. – Por favor, peça desculpas a lorde Sullivan a deixe-me ir para a cama.

- Claro que posso cancelar o jantar...

- Não vale a pena. Sabe tanto quanto eu que lorde Sullivan apenas me convidou porque quer vê-la. Por favor, compareça e divirta-se. Caso contraria me fará sentir-me culpada.

- Você andou muito hoje. Por favor, minha querida, não vá toda hora até o Castelo de Rowley. Olhar sempre para o passado é preocupante, além de muito cansativo.

- Vá divertir-se com o homem que a admira – disse Dárcia, beijando-lhe o rosto. – Tenho certeza de que nenhum dos dois sentirá falta de mim.

- Mas ele está dando uma festa para nós!

- Acho que lá todos terão a idade dele e a sua. Depois de repousar uma noite inteira, espero ficar com ótima aparência para o baile da duquesa de Newcastle, que ela pretende seja o mais animado de toda a temporada.

- Talvez você tenha razão - reconheceu a marquesa. – Não existe nada mais cansativo do que tentar ser brilhante e divertida quando a cabeça está ocupada com outros pensamentos.

Como a marquesa tinha sido convidada para as sete e meia, foi fácil para Dárcia esperar até ela sair de casa e dirigir-se em seguida para a residência do conde de Kirkhampton.

O sr. Curtis havia prevenido a criadagem em relação ao que deveria ou não ser dito. Tranqüilizada, Dárcia sabia que ninguém revelaria sua escapada.

Foi somente quando a criada a deixou, após ajuda-la a despir-se, que Dárcia ficou deitada, de olhos abertos, em plena escuridão. Todo o seu corpo ainda palpitava, devido às emoções que o conde havia despertado nela.

No momento não conseguia pensar no futuro.

Sabia apenas que o amava com uma paixão e violência que correspondiam ao que o conde sentia por ela.

Este era um aspecto de seu amor, porém Dárcia sabia que existia nela algo que faltava ao conde: a consciência de que formavam uma só pessoa, e que nem o tempo ou as convenções, as leis ou as restrições inventadas pelos homens poderiam jamais separa-los.

Pertenço a ele, mas, devido às barreiras existentes entre nós, jamais poderemos estar juntos.

Uma coisa era pensar filosoficamente e acreditar na reencarnação outra coisa bem diferente era saber que, nos anos que viriam, ela estaria só e desesperada, totalmente infeliz por não se encontrar ao lado do conde. A única maneira de resolver a situação era fazer o que ele lhe pedia.

Podia aceitar a proteção dele, se bem que isto significava a sua exclusão da sociedade para o resto da vida.

Sabia que aquilo era impossível, não somente porque magoaria seu pai, mas também porque destruiria a perfeição de seu amor, independentemente do amor que o conde pudesse sentir por ela.

Se ele ama a perfeição em sua casa, então quero que exista

perfeição nele, quero-o como meu marido. Quero mantê-lo apaixonado por mim, de tal forma que nenhuma outra mulher jamais possa significar algo na vida dele. Quero que minhas crianças brinquem na casa que ele acabou de construir, quero que montem nos cavalos que ele mantém nas cavalariças, quero que cresçam refletindo uma parte do caráter dele e do meu.

Era isto que significava o encontro de um homem e de uma mulher, e agora ela sabia que jamais viveria aquela situação.

É minha culpa... inteiramente minha!

Agora, porém, era tarde demais para tomar uma atitude.

O conde concentrara-se tanto em anunciar seus planos para ambos que nem sequer havia notado seu profundo silêncio.

Na verdade, seria difícil para ela manifestar-se, pois, quando o conde não estava falando, beijava-a sem cessar. Sabia que a violência de seus beijos era devida ao fato de ele estar indignado, mas agora sua raiva transformara-se em um desejo ardente, que eliminava todo e qualquer pensamento, inclusive a perfídia de lady Caroline.

Todo o interesse do conde voltava-se para decidir o futuro de ambos e como poderiam ser felizes.

- Quando virá morar comigo, meu amor? – perguntou o conde, quando Dárcia finalmente conseguiu dizer que precisava ir embora.

- Pensarei no assunto... – declarou.

- Então acha que esta é a resposta que eu queria ouvir? Já lhe disse que não suporto esperar mais. Quero-a hoje, amanhã, no dia seguinte... Você me enlouquecerá, se voltar a desaparecer ou se me obrigar a ficar trabalhando sozinho em casa, quando na verdade poderíamos estar juntos.

Ele se exprimia de maneira a não deixar a menor dúvida quanto à sua sinceridade, mas não lhe passava pela cabeça que pudesse oferecer a Dárcia a posição até bem recentemente ocupada por lady Carolina.

- Meu amigo parte amanhã. Você irá ter comigo na sexta-feira?

Ela não disse nada, e os lábios do conde estavam muito próximos

dos seus, quando ele suplicou:

- Prometa que sim, de forma que eu possa alimentar uma esperança! Oh, minha querida, seremos toa felizes!

Como se a mera idéia de semelhante felicidade o tivesse excitado, ele começou a beijá-la até ela o repelir e soltar um pequeno grito de protesto:

- Por favor... você está me assustando!

No mesmo instante ele tornou-se mais delicado.

- Perdoe-me, minha querida, mas você me deixa excitado até a loucura! De acordo com a mitologia, era algo que as deusas sabiam fazer com muita arte, quando elas se entregavam aos mortais...

- No momento também sou mortal...

- Eu sei, e mal posso exprimir o quanto isso me anima. Mal posso acreditar e, no entanto, tenho de lhe fazer uma pergunta: já houve algum outro homem na sua vida?

- Não, nunca!

- Era o que eu pensava. E já foi beijada?

- Não... jamais!

- Parece-me impossível! Isto me faz sentir o homem mais afortunado deste mundo! Não a assustarei, meu precioso amor. Lembrar-me-ei de que, da mesma forma que o pássaro da gaiola dourada, você tem de ser tratada com cuidado. Eu a ensinarei a cantar unicamente comigo. Nosso amor atingirá uma beleza e uma perfeição conhecidas somente pelos deuses.

Quando ele se exprimia daquela maneira, Dácia achava que não poderia ser mais feliz, mesmo se ele enfiasse vários anéis de casamento em seus dedos.

Sabia, porém, que, por mais fantásticas que fosse suas palavras, não era exatamente aquilo que ela desejava.

Afastou-se dele, deixando sem resposta a pergunta de quando viria a seu encontro e recusando-se a revelar sua identidade.

- Por que há de fazer tanto segredo? Agora, que me pertence, não

há mais necessidade disso.

- Mais ainda não sou sua.

- Mas será, e considero isso um juramento. Agora que sei que me ama, nada poderá interpor-se entre nós.

Tinham chegado até a porta, mas, antes de abri-la, ele tornou a beijá-la até a sala girar em torno dela. Foi com dificuldade que atravessou o vestíbulo e desceu os degraus, em direção à carruagem.

Ao recordar tudo aquilo, estendida em sua cama, Dárcia sentiu que tudo não passava de uma grande mentira.

É o fim de tudo! Amanhã, depois de amanhã e nos dias que se seguirão ele esperará em vão por mim, em sua casa. É muito pouco provável que me encontre, pois não comparece às recepções da alta sociedade, receando encontrar lady Caroline.

Dárcia sabia perfeitamente que sempre temeria revê-lo, e, devido a ama-lo tanto, o rosto do conde estaria sempre diante de seus olhos e seu corpo forte e atlético sempre estaria presente em seus sonhos.

Eu o amo! Eu o amo! Quando terminar a temporada das festas e recepções, não me resta outra atitude a não ser partir da Inglaterra e nunca mais voltar.

Sabia que não poderia agir diferentemente. Seria impossível viver tão perto do conde e ainda assim evitá-lo.

Tinha a terrível sensação de que, a despeito de seus princípios e ideais, poderia simplesmente entregar-se a ele devido ao fato de sua necessidade ser tão grande.

Nesse caso, não seria melhor do que lady Caroline a talvez até mesmo pior.

Toda a sua educação, toda a sua capacidade intelectual faziam-na ver com muita clareza o que era certo, não somente aos olhos de Deus, mas igualmente de acordo com aquilo que presidia o relacionamento entre as pessoas.

Era suficientemente inteligente para saber que o amor, para ser verdadeiro, deveria conter em si o respeito, e isto era algo que jamais receberia do conde, na medida em que se tornasse sua amante.

- Está acabado... para todo o sempre! – murmurou.

Então, lentamente as lágrimas começaram a descer por seu rosto, dando vazão a toda a sua dor.

CAPITULO VII

Dárcia sentiu que tinha dormido apenas alguns minutos, quando ouviu que batiam com insistência à sua porta.

Abriu os olhos, sabendo que adormecera somente quando o dia clareara. Sua cabeça doía de puro cansaço.

A criada entrou no quarto e aproximou-se.

- Chegou um telegrama, senhorita. O sr. Curtis abriu-o e é preciso que o leia com urgência.

- Um telegrama! – exclamou Dárcia, intrigada em saber de quem poderia ser.

Sentou-se na cama, tirou o telegrama da pequena bandeja de prata e a criada apressou-se em afastar as cortinas.

Dárcia abriu-o e mal pôde acreditar no que lia:

“O patrão gravemente ferido. Por favor, venha imediatamente. Villa Vesta, Roma. Briggs.

Dárcia soltou um grito abafado e saltou da cama, indo correndo até o quarto da marquesa.

Três horas mais tarde estavam no trem que saía às 9h30 da manhã, da Estação Vitória, em direção a Paris.

- O que será que aconteceu? Como é que papai foi se ferir? – perguntava sem cessar à marquesa.

Nenhuma das duas conseguia encontrar uma explicação razoável.

As criadas arrumaram apressadamente algumas malas, mas elas preocuparam-se unicamente em vestir-se e iniciar a viagem, que sabiam ser longa e cansativa.

Como sempre, o sr. Curtis revelou-se da maior utilidade. Entrou em contato com um amigo seu, conhecido por sua eficiência, e, quando Dárcia e a marquesa ficaram prontas, as passagens já tinham sido compradas, ao mesmo tempo em que se fazia uma reserva para elas no

trem expresso.

O amigo do sr. Curtis foi até a estação escolher uma cabine na qual pudessem acomodar-se da maior maneira possível, quando atravessassem o canal da Mancha, e providenciou um lugar confortável no trem que as levaria através da França até a Itália.

- Meu amigo, o sr. Turnbull, viajará com a senhorita a partir da costa inglesa, em Dover, e cuidará de sua pessoa como se fosse seu pai – informou o sr. Curtis.

- Briggs não teria mandado me chamar, a menos que fosse algo sério.

- Espero que, ao chegar, veja, senhorita, que as coisas não são tão graves como imagina.

Sabia que ele gostava de seu pai tanto quanto ela, e rezaria para que lorde Rowley, com sua fantástica boa sorte, sobrevivesse ao acidente que porventura tivesse sofrido.

Então, como se recordasse subitamente o que tinha acontecido na noite anterior, Dárcia chamou o sr. Curtis de lado e perguntou:

- Pagou o ator que representou o papel do sr. Quincey?

- Sim, e ele ficou muito agradecido.

- Ele atuou muito bem.

Dárcia queria dizer mais coisas, porém a marquesa chamou-a, dizendo que já estava na hora de partirem.

Conseguiu lembrar muito pouco da longa e fatigante viagem que as levou até Roma. Tudo o que lhe vinha à mente era a ansiedade em relação a seu pai, que parecia crescer de intensidade a cada quilômetro percorrido, e um sofrimento em relação ao conde, que se tornava cada vez mais insuportável.

Sabia que, ao retirá-la da Inglaterra, o destino havia interferido novamente, e resolveu sair para sempre da vida de seu amado.

Nunca mais voltarei a vê-lo, nunca mais contemplarei aquele castelo e nem o verei pronto.

Torturou-se, imaginando que, ao deixar de ir ao seu encontro,

conforme ele esperava, o conde ficaria inicialmente preocupado e em seguida possivelmente zangado.

Era inevitável que, mais tarde, parasse de pensar nela. Talvez de vez em quando, quando contemplasse o passarinho em sua gaiola dourada e o quadro Vênus, Mercúrio e Cupido só Salão Azul, viesse a lembrar-se dela.

Quando finalmente tivesse uma esposa que se sentasse a seu lado, na Sala do Café da Manhã, decorada com os painéis, e usasse o quarto de vestir ao lado do quarto de dormir, ela deixaria até mesmo de ser uma recordação que o atormentava.

Dárcia, desesperada, dizia a si mesma que havia deixado para trás, na Inglaterra, sua única esperança de felicidade, e teria sido muito melhor se jamais tivesse conhecido o conde.

O que estava feito, estava feito, e não havia como desfaze-lo. Teria de viver sua vida sem ele, apesar de, no momento, não saber como agir.

Talvez, agora que estava sofrendo, o pai precisasse dela e a deixasse ficar a seu lado.

Achou que ele só consentiria nisso se ela revelasse o que tinha sucedido.

Talvez ficasse zangado, mas compreenderia que seria inútil para ele ter quaisquer ambições em relação a Dárcia, pois ela não desposaria um homem a quem não amasse.

Ela sabia, como se aquilo estivesse escrito em letras de fogo, que jamais poderia amar um homem como tinha amado o conde.

Quando chegaram a Roma, Dárcia apresentava-se muito pálida, devido às noites sem dormir e ao calor da cabina na qual haviam viajado.

O sr. Turnbull fez o impossível para proporcionar-lhes algum conforto, mas nada poderia modificar a temperatura ou o fato de aquela viagem ser extremamente longa e cansativa.

Finalmente estavam em Roma e o sol brilhava, iluminando a Cidade Eterna, transformando em ouro o teto da Igreja de São Pedro e em serpente de prata o rio Tibre.

A carruagem, puxada por quatro cavalos magníficos, estava à espera delas na estação e levou-as para fora da cidade, em direção às colinas, até chegarem à Villa Vesta.

Toda branca e imponente, era uma das casas mais espetaculares que seu pai havia possuído até então.

Não a visitava havia oito anos e ficou impressionada com o contraste entre a casa muito alva e os ciprestes verde-escuros que apontavam para o céu, semelhantes sentinelas.

No momento, não conseguia pensar em mais nada, a não ser em salvar seu pai. Mal esperou a carruagem parar e saltou dela, encontrando-se imediatamente com Briggs.

- Como está papai?

Dárcia mal conseguia falar, de tão assustada.

- Está vivo e perguntando pela senhorita.

Olhou para ver se a marquesa os seguia e entrou na casa.

- O que foi que aconteceu?

- Foi apunhalado... apunhalado por dois assassinos contratados por um nobre italiano, que não se mostrou suficientemente homem para desafiar seu pai pessoalmente.

Dárcia deu um grito, horrorizada.

Sabia muito bem porque seu pai tinha sido apunhalado e os ciúmes que certamente estavam por detrás daquele ato.

Tanto quanto conseguia lembrar, sempre havia maridos e amantes que o detestavam, devido a seu sucesso com as mulheres.

Sabia que ele tinha se batido em duelo pelo menos umas seis vezes e, certa ocasião, quando ela era ainda muito jovem, desafiou um rival a socos, como um verdadeiro lutador de boxe, saindo daquele encontro um tanto machucado, mas, sem dúvida, vitorioso!

Agora, porém, fora vítima de um ataque covarde. Dárcia sabia que seu pai devia ter ficado sentido, não somente por estar ferido, mas também porque aquela não era a maneira pela qual um cavalheiro resolvia suas diferenças.

Chegaram ao fim da escada, e Dárcia perguntou baixinho:

- Está muito ferido?

Briggs já tinha chegado à porta do quarto de lorde Rowley, mas parou e, quando ela notou a expressão de seus olhos, ficou ciente da resposta, antes mesmo que ele falasse.

- Sinto muito, mas acho que não há esperanças, srta. Dárcia. Ele resistiu até agora somente porque desejava vê-la.

Antes que ela pudesse dizer algo, Briggs abriu a porta do quarto.

As persianas cerradas mergulhavam o aposento em uma semi-escuridão e Dárcia aproximou-se da cama onde estava seu pai.

Nesse momento, uma freira, que estava sentada ao lado dele, levantou-se e afastou-se, sem dizer nada.

- Papai!

Dárcia falava baixinho, mas lorde Rowley ouviu-a e voltou a cabeça.

Estava muito pálido, mas ainda era incrivelmente bonito e não havia perdido aquele olhar maroto que as mulheres sempre tinham considerado irresistível.

- D... Dárcia!

Abriu a mão que repousava sobre o lenço e Dárcia segurou-a.

- Querido papai, vim o mais rapidamente que pude.

Inclinou-se, beijou-lhe o rosto e sentiu que sua pele estava fria, como se a vida já o tivesse abandonado.

- Queria... vê-la... – disse lorde Rowley, com grande dificuldade.

- Estou aqui... Por favor, papai, fique bom, pois não posso perde-lo agora.

- É melhor morrer... quando a vida ainda é... divertida... do que ficar... velho e... inútil...

- Mas quero que você fique comigo! Se morrer, papai, eu ficarei muito só.

Seu pai fechou os olhos, mas ainda segurava sua mão. Após um

momento, disse:

- Já encontrou alguém... a quem ame?

Durante alguns instantes, Dárcia sentiu vontade de revelar a verdade: havia amado e havia perdido. Sabia que isso o deixaria preocupado e limitou-se a dizer:

- Sim, papai. Amo alguém profundamente, da mesma forma que você amou mamãe.

Surgiu um sorriso nos lábios de lorde Rowley, antes que ele perguntasse:

- E... quem... é?

- O conde de Kirkhampton. Lembra-se dele? Ficou hospedado conosco quando eu era menina e fui até a sala de jantar, a fim de lhe desejar boa noite.

- Ele... monta muito bem. Fico contente... meu anjo. É o tipo de homem... que servirá para ser... seu marido.

Dárcia tinha vontade de gritar, revelando que, apesar de amar o conde, não haveria a menor chance de desposá-lo.

Permaneceu no entanto em silêncio, dizendo-se que nada importava, a não ser o fato de que seu pai deveria morrer sem saber de nada, feliz...

OuvIU um ligeiro ruído e viu que a marquesa entrava no quarto, colocando-se do outro lado da cama.

Durante alguns instantes, contemplou lorde Rowley e, em seguida, fez o sinal da cruz, ajoelhando-se.

Seus lábios moviam-se em uma prece e, sem dizer nada, levantou-se e deixou Dárcia novamente a sós com o pai.

A jovem permaneceu em silêncio durante dez ou quinze minutos e, de repente, sentiu que a mão que segurava a sua começava a relaxar.

- Papai! – gritou, profundamente angustiada. – Papai!

- Adeus... meu anjo... – disse lorde Rowley, em um tom de voz que mal se ouvia, e sua mão tombou de lado.

Durante alguns momentos, Dárcia não conseguiu acreditar que seu

pai estivesse morto.

Ao ver a freira aproximar-se, sentiu que já não havia mais esperanças e ajoelhou-se, escondendo o rosto na mão inerte de lorde Rowley.

Dárcia saiu para o terraço, do qual se via a cidade.

As sombras já se faziam anunciar e o céu tornava-se avermelhado. O calor não era mais tão intenso.

A temperatura apresentava-se quase insuportável, enquanto lorde Rowley era enterrado, no pequeno cemitério da Igreja dos Ingleses. As coroas e as flores enviadas pelo amigos e conhecidos cobriam seu túmulo.

O enterro deveria contar unicamente com a participação da família, mas além de Dárcia e da marquesa, havia numerosas pessoas a quem ela não conhecia, mas que, com toda a certeza, deveriam ter amado seu pai.

Havia muitas mulheres belas, homens da idade dele e outros mais jovens, de grande destaque no mundo dos esportes.

Além deles, havia representantes de todas as famílias da alta nobreza, que haviam festejado e admirado lorde Rowley desde a primeira vez em que ele viera à Itália.

Mesmo que ela quisesse, teria sido impossível impedi-los de comparecer, e Dárcia achou que o pai, que sempre vivera rodeado de amigos, gostaria de tê-los a seu lado para o último adeus.

Agora tudo estava terminado e ela teria de encarar uma vida solitária e vazia.

Quando a última carruagem se afastou da villa e os criados começaram a recolher os copos de vinho e o resto de comida servida na grande sala de jantar, a marquesa retirou-se para seu quarto, pois não conseguia mais esconder as lágrimas.

Ela e Dárcia haviam se controlado bastante durante todo o enterro.

Papai detestaria que eu chorasse em publico, disse Dárcia a si mesma. As lágrimas sempre o aborreciam.

- As mulheres recorrem às lágrimas para conseguir o que querem –

costumava dizer à sua filha.

Quando ainda era menina, colocou-a sentada em seus joelhos e observou:

- Olhe, meu anjo, você fica mais bonita quando ri e, sendo mulher, é seu dever fazer as outras pessoas rirem com você, ouviu?

Durante o enterro, Dárcia sentia como se seu pai estivesse presente, contando os amigos, apreciando as belas flores que lhe tinham enviado e zombando daqueles que acreditavam que a vida terminava em um túmulo.

Como era possível que alguém tão cheio de vida, que apreciava tanto o fato de existir, tivesse morrido?

Ao mesmo tempo, seria tremendamente difícil viver sem ele.

O que farei, agora que estou só, papai?

Queria ter tido tempo de lhe contar seu problema e pedir-lhe um conselho.

O que será que ele teria dito?

Como sempre, quando pensava no conde, sentiu uma angustia insuportável, tanto física quanto mental. Como poderia continuar sofrendo e não morrer de dor?

Andou um pouco pelo terraço, de maneira a não poder ser vista da casa, e agora encontrava-se entre dois ciprestes, contemplando a paisagem que se estendia diante dela.

Inevitavelmente, pois ele jamais estava ausente de seus pensamentos, surpreendeu-se pensando na vista que o conde lhe havia mostrado da janela de sua casa.

Sem que soubesse a razão, foi naquele momento preciso que Dárcia perdeu o controle de si mesma, mantido desde a morte do pai. Levou a mão aos olhos, para impedir que as lágrimas corressem, embora soubesse que era impossível.

Ficou tremendo, tomada pela intensidade de seus sentimentos, mas, naquele exato momento, dois braços fortes a enlaçaram.

- Agora está tudo bem, minha querida, está tudo bem...

Ao ouvir aquela voz, pensou que estivesse sonhando. No momento sentia-se tranqüila e segura e os braços dele eram a coisa mais reconfortante que até então conhecera.

- Não chore, meu amor, não suporto vê-la tão infeliz! – disse o conde.

- Papai... morreu!

- Eu sei... e sentirei tanta falta dele quanto você. Era o homem mais alegre que conheci em toda a minha vida. Proporcionava a todos que o conheciam um pouco de sua inesgotável alegria de viver.

Não era absolutamente aquilo que Dárcia esperava ouvir da parte do conde, em relação a seu pai, e ela levantou a cabeça, encarando-o, como se quisesse assegurar-se de que ele se encontrava a seu lado.

Havia nos olhos dele uma bondade e uma compaixão que ela jamais vira antes e ele apertou-a com mais força, enquanto perguntava:

- Você disse a seu pai o que significávamos um para o outro?

Dárcia compreendeu que ambos sabiam muito bem o que cada um estava pensando e, desta forma, as palavras se tornavam desnecessárias.

Era difícil falar, e ela limitou-se a fazer um gesto com a cabeça.

- Você lhe disse que a amo?

- Disse-lhe... que eu o amo – corrigiu Dárcia.

Então, ao lembrar-se de que aquele amor era desprovido de esperanças, escondeu novamente seu rosto no peito do conde e perguntou, com voz abafada:

- Por que... está... aqui?

- Como pôde ter sido tão cruel, partindo sem mandar alguém me avisar e sem me comunicar as razões de sua viagem?

- Eu... de qualquer maneira... não pretendia... tornar a vê-lo...

- Já suspeitava. Na realidade, tinha certeza do fato, depois que você me deixou naquela noite, evitando dizer quando voltaria para mim.

Dárcia sentiu que tremia, mas conseguiu dizer, com uma coragem que não imaginava possuir:

- Não posso fazer... aquilo que me pediu para fazer.

- Não, claro que não. Foi um tremendo erro e uma grande estupidez de minha parte fazer-lhe aquela sugestão.

O conde beijou seus cabelos e prosseguiu:

- Tenho de lhe dar muitas explicações, meu amor, mas sei o quanto deve estar cansada, depois de tudo o que aconteceu hoje. Venha sentar-se a meu lado e tentarei fazê-la compreender, apesar de não merecer seu perdão.

Ele se exprimia com a maior tranquilidade, e, com grande segurança, e Dárcia não conseguiu continuar a chorar.

Enxugou os olhos e o conde levou-a até um banco, à sombra de árvores majestosas.

Sentaram-se, e ele, segurando as mãos de Dárcia, disse:

- Meu amor! Se você me tivesse dito que precisava partir da Inglaterra, teria vindo em sua companhia, a fim de tomar conta de você.

- De certo modo... senti que o destino me levava embora... pois sabia que não poderia viver... com você... do modo como desejava.

- Mas eu ia tentar dar uma explicação.

- Não é preciso. Compreendo... e não regressarei à Inglaterra... Nunca mais haveremos... de nos ver.

- Então imagina que permitirei que você saia de minha vida e me deixe... sozinho?

- Tenho de fazê-lo. Será difícil, mas a coisa não seria tão penosa, se você não tivesse vindo aqui.

Lembrando-se subitamente de que ele não devia saber quem ela era, perguntou:

- Como foi que me encontrou?

- Estava justamente pensando em quando ia me fazer essa pergunta... Foi quando você se retirou para sua casa, naquela noite, e eu me senti cheio de felicidade, pensando em terminar minha casa com sua ajuda. Subitamente percebi o quanto tinha sido tolo.

Dárcia encarou-o, sem entender muito bem sua declaração.

- Estava tão resolvido a desposar Caroline que a idéia de me casar com outra pessoa nem me passava pela cabeça. Tinha necessidade de você e sabia que era a pessoa ideal para minha mente, minha felicidade e minha casa. Quando a beijei, meu anjo, convenci-me de que você fazia parte de mim e era a mulher que havia procurado durante toda a minha vida.

- Eu... senti o mesmo...

- Eu, no entanto, estava cego naquele momento, e não consegui confessar a mim mesmo que a queria como minha esposa.

- Foi minha culpa o fato de você não ter se sentido assim... Queria revê-lo desde que você se hospedou conosco, quando eu tinha apenas dez anos. Quando voltei para a Inglaterra, papai ordenou-me que não deveria deixar ninguém saber que era sua filha. Por outro lado, não queria apresentar-me a você como a condessa de Sauze. Queria que ficasse me conhecendo... de maneira bem diversa. Foi por isso que fingi ser uma comerciante... e vendi-lhe objetos que roubei... do Castelo de Rowley.

- Fiquei sabendo disso quando estive lá...

- Como? Foi à nossa casa?

- Como você não apareceu, conforme havia prometido, convenci-me de que tudo estava perdido e fui em primeiro lugar à casinha da aldeia.

- A sra. Cosnett não sabia quem eu era.

- Não, mas ela confessou-me que o painel que você me vendeu destinava-se ao Castelo de Rowley.

- E então você foi até lá?

- Sim, e não foi difícil obter a informação de que o valioso quadro que enfeitava um dos salões tinha sido removido de lá.

- Você adivinhou... que eu era filha de papai?

- Não precisei adivinhar. Vi um retrato seu no castelo.

- Tinha dez anos... quando foi pintado.

- É da época em que nos conhecemos. Trata-se de um lindo

quadro e pretendo pendura-lo sobre a lareira, em nosso quarto.

Notou que ela havia ficado muito surpreendida e prosseguiu:

- Preciso acabar de contar como foi que cheguei até aqui. Consegui localizar o cheque com que havia pago o quadro e lá no banco informaram-me que a condessa de Sauze tinha aberto recentemente uma conta em seu nome. Em seguida, não foi nada difícil descobrir que a condessa de Sauze era comentada por toda a alta sociedade. Sua formosura e seus encantos eram divulgados com entusiasmo por quase todos os membros de meu clube. Quando soube que ela estava hospedada com a marquesa de Beaulac, só me restou descobrir para onde tinham ido.

- Não posso acreditar que o sr. Curtis lhe tenha dado essa informação!

- Tive de importuna-lo um pouco, sobretudo porque reconheci nele o criado do sr. Quincey!

- Ele deve ter ficado muito surpreendido por vê-lo!

- Ficou mais desapontado do que perturbado. Mostrou-se também admirado por eu saber que você era filha de lorde Rowley. Quando ameacei interrogar todos os criados, a menos que ele me dissesse para onde tinha ido, o sr. Curtis acabou me fornecendo seu endereço.

- Então... cá está você...

- Sim, e gostaria de ter vindo alguns dias antes, para poder dizer a seu pai que tomaria conta de você e a tornaria muito e muito feliz. Não tenha dúvidas, meu amor: seremos realmente felizes e nossos filhos farão com que aquela casa seja pequena. Teremos de construir mais uma ala, conforme você previu!

Ele notou a felicidade que iluminava o rosto de Dárcia, mas ela disse rapidamente:

- Você não poderá me desposar.

- Por que não?

- Quando papai me mandou para a Inglaterra, sob o falso nome de condessa de Sauze... disse-me que ninguém que fosse importante poderia desposar-me, devido à reputação dele.

- Não sei se sou ou não uma pessoa importante, mas tenho intenção de casar-me com você.

- Não, é impossível.

- Por quê?

- Porque tudo em você é tão... perfeito... E é justamente porque queria que nosso amor fosse perfeito... que não poderia viver em sua companhia, conforme sugeri.

- Nisso você estava absolutamente certa. Mas como você disse, meu amor, eu desejei a perfeição e a encontrei em você...

- Mas... papai...

- Seu pai, por amá-la tanto, mostrou-se superprotetor, excessivamente preocupado, e é justamente assim que pretendo comportar-me no futuro. Pessoalmente, não me preocupo nem um pouco com o que as pessoas possam dizer, a menos que isso a faça sofrer. Nós nos casaremos e você usará o nome dos Rowley, que lhe pertence. Todo mundo saberá quem foi seu pai. A maioria das pessoas, como eu, lembrar-se-á dele como um grande sujeito.

- O que você está dizendo não pode ser verdade!

Ela então voltou a chorar, derramando lágrimas de pura felicidade, pois o conde a apertava em seus braços e ela já não mais receava o futuro.

- Eu o amo! Eu o amo! Nunca pensei... nunca sonhei... que você pudesse sentir-se assim... em relação a mim...

- Mas é o que está acontecendo, e já que não posso viver sem você, terá de começar a pensar em mim.

- Mas eu já penso... Você preenche meu mundo e não existe mais ninguém que o povoe...

- Eu a amo! Agora sei que nunca estive apaixonado antes. Não tinha a menor idéia de que semelhante perfeição pudesse existir.

Mal acabou de falar e seus lábios colaram-se aos dela. Dárcia sentiu que aquele beijo era de natureza muito diferente dos beijos recebidos antes.

Havia ternura e possessividade nos lábios do conde. A violência já não se encontrava mais presente, e porque ele a tocava, porque estava muito próximo dela, a sensação era ainda mais intensa, mais maravilhosa do que tinha sido antes.

Conseguí sentir a glória daquele momento apoderando-se de todo o seu corpo, evocando o fogo que parecia consumir a ambos, como se se encontrassem no coração do sol.

Havia ao mesmo tempo algo mais.

Era o êxtase divino, a glória espiritual que Dárcia sabia emanar de Deus.

Eu o amo! Eu o amo!, tentou dizer.

O conde, porém, apertava-a cada vez mais de encontro a si, beijando-a sem cessar. Dárcia conseguia ler seus pensamentos. Apesar de sua aparente segurança, ele na verdade sentira um enorme desespero, imaginando que a havia perdido e que nunca mais voltaria a encontrá-la.

- Você me pertence! Você me pertence completamente! Nunca mais me deixará. Foi isto o que sempre desejei. Foi por isto que construí meu castelo, a fim de ter um lar cheio de amor, aquele amor que somente você, minha querida, pode me proporcionar.

- Tem certeza? Tem certeza de que realmente me quer?

Era como se ela estivesse despertando de um pesadelo, ouvindo coisas que jamais teriam passado por sua cabeça.

- Uma vida inteira não será suficiente para eu lhe dizer o quanto a amo. Meu anjo, teremos muito o que fazer juntos. Trata-se de coisas que jamais poderia fazer com outra mulher, pois ela jamais compreenderia.

Dárcia sabia que aquilo era verdade. Por mais estranho que pudesse parecer, a vida que havia vivido com seu pai, tão excêntrico, imprevisível e adorável, tornava possível para ela compreender o conde, possibilitando-lhe dar a ele aquele companheirismo que tornaria seu casamento perfeito.

O destino tinha certamente agido de maneira um tanto estranha para dar a eles aquilo de que necessitavam.

Agora o plano estava completo e ambos se encontravam ao lado um do outro. Exatamente como acontecia com a casa do conde, bastavam apenas alguns retoque para a obra ficar completa.

Ao contempla-la o conde pensou que jamais tinha visto alguém parecer tão feliz.

- Eu a amo, Dárcia! Quero repetir isso muitas e muitas vezes, até convence-la de que formamos uma só pessoa e que, se não possuímos um ao outro, não haverá felicidade para nenhum de nós.

- É exatamente o que sinto, embora não pudesse acreditar que você viesse a sentir o mesmo.

- Supliquei a você que confiasse em mim e se lembrasse de que sempre acabo chegando aonde quero. Estive à procura da perfeição, trabalhei para obtê-la e, desposando você, haverei de alcançá-la. Sei que posso parecer muito convencido, meu amor, mas, se for verdade, estou preparado para ser o homem mais convencido deste mundo, pois serei seu marido e você minha esposa.

Dárcia não conseguiu deixar de sorrir.

- É por isso que não poderemos deixar de viver juntos. Seu sorriso e a alegria que você coloca em tudo aquilo que faz a tornam muito digna do pai que teve.

- Papai o admirava. Até mesmo quando você era jovem, achava-o um perfeito cavaleiro.

- Sei que ele gostaria que eu tomasse conta de você, e nosso primeiro filho receberá o nome dele.

Dárcia murmurou algo e escondeu o rosto em seu ombro.

- Eu a estou deixando encabulada, meu bem? Não é preciso. Falamos a respeito de tanta coisa e foi você mesma quem disse que minha casa precisava de crianças. Será você quem as trará ao mundo.

- Sempre quis ter filho com você...

- Para isso, meu anjo, é preciso que antes nos casemos – disse o conde em tom de brincadeira. – Como não tenho a menor intenção de esperar sequer um momento a mais, casar-nos-emos amanhã!

- Tão cedo assim?

Dárcia sabia que a partir daquele momento estava preparada para entregar sua vida e seu futuro nas mãos do conde.

Pertencia a ele a cabia a ele fazer tudo o que desejasse, pois era este também o seu desejo.

Os olhos de Dárcia brilhavam e havia um sorriso em seus lábios, enquanto aproximava o rosto do dele.

- O amanhã... parece estar tão distante...

Não conseguiu dizer mais nada, pois ele a beijava com paixão.

Ao mesmo tempo, a ternura ainda se fazia presente, e Dárcia convenceu-se de que o amor que o conde sentia por ela era tudo aquilo que desejava. Havia nele um lado físico e um lado espiritual.

Era o amor verdadeiro, que exprimia a perfeição de Deus!

FIM